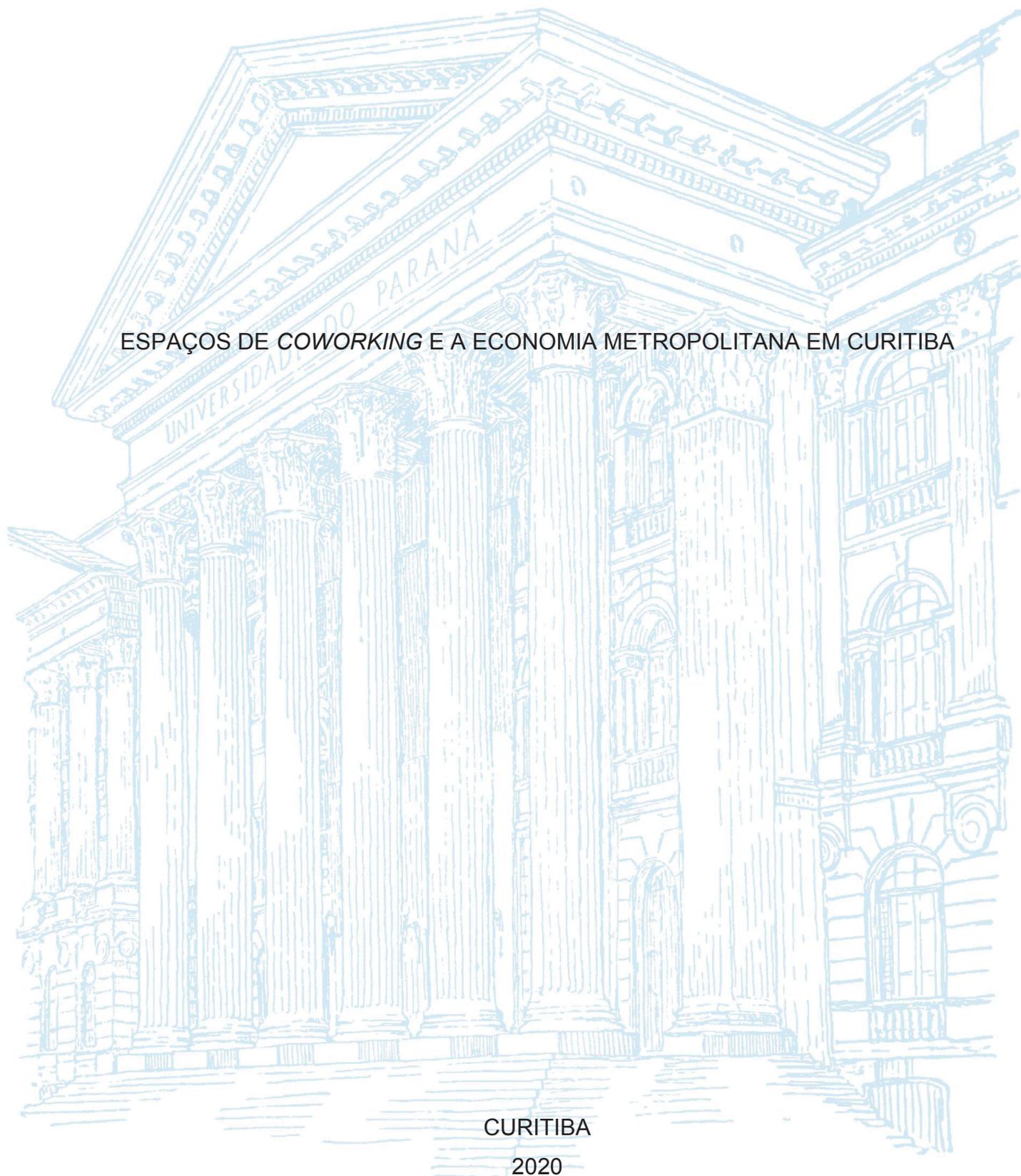


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IVANDRA ALVES RIBEIRO

ESPAÇOS DE COWORKING E A ECONOMIA METROPOLITANA EM CURITIBA



IVANDRA ALVES RIBEIRO

ESPAÇOS DE *COWORKING* E A ECONOMIA METROPOLITANA EM CURITIBA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador(a): Profa. Dra. Olga Lúcia Castreghini de Freitas-Firkowski.

CURITIBA

2020

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

R484e Ribeiro, Ivandra Alves
 Espaços de *coworking* e a economia metropolitana em Curitiba [recurso eletrônico] /
 Ivandra Alves Ribeiro. – Curitiba, 2020.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-
Graduação em Geografia, 2020.

Orientadora: Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski.

1. Economia Compartilhada. I. Universidade Federal do Paraná. II. Firkowski, Olga Lúcia
Castreghini de Freitas. III. Título.

CDD: 331

Bibliotecária: Vanusa Maciel CRB- 9/1928



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA -
40001016035P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **IVANDRA ALVES RIBEIRO**, intitulada: **ESPAÇOS DE COWORKING E A ECONOMIA METROPOLITANA DE CURITIBA**, sob orientação da Profa. Dra. OLGA LÚCIA CASTREGHINI DE FREITAS FIRKOWSKI, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Fevereiro de 2020.

OLGA LÚCIA CASTREGHINI DE FREITAS FIRKOWSKI
Presidente da Banca Examinadora

CAROLINA BATISTA ISRAEL
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MARIANO DE MATOS MASEDO
Avaliador Externo (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO - PPU/UFPR)

Ao meu companheiro, à minha família e amigos, pelo apoio e carinho durante essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal à Nível Superior – CAPES, pelo financiamento da presente pesquisa – Código de Financiamento 001, conforme é disposto na Portaria CAPES 206, de 4 de dezembro de 2018.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Olga L. C. de Freitas-Flrkowski por ter orientado minha trajetória acadêmica desde a primeira iniciação científica em meados de 2015. Sempre levarei as contribuições feitas para o meu amadurecimento intelectual, profissional e pessoal. Obrigada professora!

Agradeço às relevantes contribuições feitas no momento da banca de qualificação, composta pela Prof.^a Dr.^a Leticia Nerone Gadens e pela Prof.^a Dr.^a Carolina Batista Israel, que foram fundamentais para reflexões que levaram ao aperfeiçoamento e ao encaminhamento final desta pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Mariano de Matos Macedo e a Prof.^a Dr.^a Carolina Batista Israel que aceitaram o convite para compor e contribuir com a banca de defesa. Agradeço também aos professores suplentes.

Agradeço a todos que estiveram à frente do programa de pós-graduação neste período, e em especial aos servidores da secretaria Alexandra e Albani, pelo auxílio nas dúvidas e disponibilidade de solucionar os problemas.

Agradeço a todos e todas que aceitaram a participar das entrevistas realizadas nos espaços de *coworking*, obrigada por seu tempo, sua colaboração e sua boa vontade em dispor do tempo de trabalho, não teria uma pesquisa sem vocês.

Agradeço aos colegas e amigos da Geografia que sempre se lembravam de mim ao se deparar com espaços de *coworking* e em especial, aos que se dispuseram a indicar o contato de amigos e conhecidos que trabalham nestes espaços, possibilitando assim o início da amostragem desta pesquisa: Otacílio Paz, Iury Sagaz, Bob Botelho, Robertha Buff e Maíra Oneda.

Agradeço aos colegas e amigos do Laboratório de Dinâmicas Metropolitanas - LaDiMe/UFPR que acompanharam com maior proximidade a elaboração da dissertação, Robert, Jéssica, Carol, José Maria, Marina, Jéssica, Jorge. Em especial, agradeço ao José Maria e à Marina, que compartilham os desafios da pós-graduação e da vida, sempre com colaboração, apoio e incentivo a perseverar sempre, fundamental para a finalização desta etapa e o ingresso na próxima,

obrigada aos mais queridos amigos e agora colegas de doutorado! Agradeço à Carol, tanto por ter aceitado compor minha banca de qualificação e defesa, quanto por ter acompanhado o desenvolvimento da pesquisa como colega de laboratório.

Agradeço aos amigos do DPTU, da Secretaria de Urbanismo da Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais, pelos dados disponibilizados e por desde 2016 acompanharem minha trajetória acadêmica. Obrigada Mateus e Juliane da DIVIM, sempre os melhores do geoprocessamento.

Agradeço ao meu companheiro e geógrafo Otacílio Paz, por todo amor, carinho, apoio e incentivo em todas as etapas desta jornada.

Agradeço à minha família e a todos os amigos pelo apoio durante estes últimos dois anos dedicados à realização da pesquisa. Obrigada mãe, Sandra Gomulski Muniz, por sempre acreditar e apoiar esse sonho, não teria conseguido sem você.

The experience of the traveller consisting of a series of moves in space produces a phenomenon of a new order, one by which geography overtakes knowledge.

(Michel Serres on Jules Verne's *The Extraordinary Voyages in Hermes: Literature, Science, Philosophy*, 1982, p. xxi)

RESUMO

A economia que se manifesta nas metrópoles, passou por transições, como Ascher (2010) indica, passando do capitalismo industrial ao capitalismo cognitivo. A partir da metade da década de 2010 ocorre o surgimento e disseminação de uma economia urbana com base na colaboração e no compartilhamento, a princípio como uma alternativa ao consumo e aos moldes do sistema capitalista, contudo atrelada a complexidades e paradigmas, que afetam diretamente as relações sociais e as dinâmicas urbanas. O objetivo da presente pesquisa é compreender como os espaços de *coworking* se inserem na economia metropolitana, considerando a conformação de um novo período, em que os espaços e relações de trabalho seguem tendências mundiais globalizadas. A área de estudo consiste no Núcleo Urbano Central de Curitiba, correspondente ao aglomerado com integração metropolitana segundo a COMEC (2006) e Brasil (2015). A partir do estudo de caso e do mapeamento dos espaços de *coworking* entende-se que estes inserem-se nas lógicas da globalização atuando como reforços da centralidade urbana já existente na metrópole. Estes novos espaços correspondem à manifestação espacial do capitalismo cognitivo altamente ligado a economia criativa, nos moldes do compartilhamento e da colaboração, contudo, estão diretamente relacionados a criação de mercados não regulamentados, caracterizando um campo incoerente da inovação e do empreendedorismo, reforçando o paradigma neoliberal (MARTIN, 2016).

Palavras-chave: Capitalismo cognitivo; Economia Compartilhada; Trabalho.

ABSTRACT

The economy that manifests itself in the metropolises has gone through transitions, as Ascher (2010) indicates, moving from industrial capitalism to cognitive capitalism. From the mid-2010s onwards, the emergence and dissemination of an urban economy based on collaboration and sharing has occurred, initially as an alternative to consumption and the molds of the capitalist system, but linked to complexities and paradigms, which directly affect social relations and urban dynamics. The aim of this research is to understand how coworking spaces fit into the metropolitan economy, considering the conformation of a new period, in which the spaces and labor relations follow globalized world trends. The study area consists of the Curitiba Central Urban Nucleus, corresponding to the metropolitan integration cluster according to COMEC (2006) and Brazil (2015). From the case study and mapping of coworking spaces, it is understood that these are part of the logic of globalization acting as reinforcements of the urban centrality already existing in the metropolis. These new spaces correspond to the spatial manifestation of cognitive capitalism, highly linked to the creative economy, along the lines of sharing and collaboration. However, they are directly related to the creation of unregulated markets, characterizing an incoherent field of innovation and entrepreneurship, reinforcing the neoliberal paradigm. (MARTIN, 2016).

Keywords: Cognitive Capitalism; Sharing economy; Work.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - NÚCLEO URBANO CENTRAL DE CURITIBA.	21
FIGURA 2 - TERCEIROS ESPAÇOS DE TRABALHO, APRENDIZADO E RECREAÇÃO.....	34
FIGURA 3 - ESTRUTURA DO MERCADO DE TRABALHO EM CONDIÇÕES DE ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL.....	42
FIGURA 4 - CRESCIMENTO GLOBAL DOS ESPAÇOS DE COWORKING.	48
FIGURA 5 - LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE COWORKING NO NUC.	61
FIGURA 6 - MAPA DE CALOR DAS EMPRESAS DO SETOR TERCIÁRIO.	64
FIGURA 7 - CLASSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DE COWORKING EM CURITIBA.	65
FIGURA 8 - RANKING DO RENDIMENTO NOMINAL MÉDIO MENSAL DOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES NAS REGIONAIS – 2010.....	67
FIGURA 9 - RANKING DOS ESTABELECIMENTOS ECONÔMICOS FORMAIS NAS REGIONAIS EM CURITIBA - 2015.	68
FIGURA 10 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO ÁGUA VERDE - CURITIBA.....	69
FIGURA 11 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CENTRO - CURITIBA.	70
FIGURA 12 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO BATEL - CURITIBA.....	71
FIGURA 13 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CENTRO CÍVICO - CURITIBA.....	73
FIGURA 14 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO AHÚ - CURITIBA.	74
FIGURA 15 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO MERCÊS - CURITIBA....	75
FIGURA 16 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO PORTÃO – CURITIBA. ...	76
FIGURA 17 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO REBOUÇAS - CURITIBA.	77
FIGURA 18 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SÃO FRANCISCO - CURITIBA.....	78
FIGURA 19 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SÃO LOURENÇO - CURITIBA.....	79
FIGURA 20 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO ALTO DA RUA XV - CURITIBA.....	81
FIGURA 21 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA - A.	82
FIGURA 22 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA - B.	83
FIGURA 23 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO GUABIROTUBA - CURITIBA.....	84
FIGURA 24 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO JUVEVÊ - CURITIBA.	85
FIGURA 25 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO BIGORRILHO - CURITIBA.	87
FIGURA 26 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO BOA VISTA - CURITIBA.	88
FIGURA 27 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CAMPO COMPRIDO - CURITIBA.....	89

FIGURA 28 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CAPÃO RASO - CURITIBA.....	90
FIGURA 29 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO JARDIM SOCIAL - CURITIBA.....	91
FIGURA 30 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO TINGUI - CURITIBA.....	92
FIGURA 31 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CABRAL - CURITIBA.....	93
FIGURA 32 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SANTO INÁCIO - CURITIBA.....	94
FIGURA 33 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO AFONSO PENA - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.....	101
FIGURA 34 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CENTRO - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.....	102
FIGURA 35 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SÃO PEDRO - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.....	103
FIGURA 36 - ENTREVISTAS REALIZADAS NOS ESPAÇOS DE COWORKING NO NUC.....	105

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - BAIRROS COM LOCALIZAÇÃO DE ESPAÇOS DE COWORKING EM CURITIBA.....	66
QUADRO 2 - BAIRROS COM LOCALIZAÇÃO DE ESPAÇOS DE COWORKING EM SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.....	66
QUADRO 3 - LOCALIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DE COWORKING OS QUAIS AS EQUIPES FORAM ENTREVISTADAS.	106
QUADRO 4 - MODALIDADES E VALORES DE AQUISIÇÃO DO SERVIÇO DE COWORKING.....	115
QUADRO 5 - USO DOS ESPAÇOS DE COWORKING PELOS ENTREVISTADOS.	117
QUADRO 6 - PERFIL PROFISSIONAIS DOS COWORKERS.....	118
QUADRO 7 - MOTIVOS APONTADOS PARA OS COWORKERS OPTAREM POR ESPAÇOS DE COWORKING.	120
QUADRO 8 - VISÃO DOS COWORKERS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE NETWORKING.....	121
QUADRO 9 - VISÃO DOS COWORKERS SOBRE AS PRÁTICAS E RELAÇÕES DE TRABALHO NOS ESPAÇOS DE COWORKING.	122
QUADRO 10 - PONTOS NEGATIVOS E POSITIVOS DE TRABALHAR EM ESPAÇOS DE COWORKING.	123

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - CORRELAÇÃO ENTRE COWORKINGS E QUANTIDADE DE ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇOS.....	97
GRÁFICO 2 - CORRELAÇÃO ENTRE COWORKING E RENDIMENTO MÉDIO MENSAL POR DOMICÍLIO.	97
GRÁFICO 3 - CORRELAÇÃO ENTRE A QUANTIDADE DE COWORKING E SUA CLASSIFICAÇÃO CORRESPONDENTE NO CNAE.....	97
GRÁFICO 4 - QUANTIDADE DE COWORKING E PORCENTAGEM POR BAIRRO DE ATIVIDADES CATEGORIZADAS CNAE RELATIVO AO TOTAL DE CURITIBA.	98
GRÁFICO 5 - QUANTIDADE DE COWORKING E PORCENTAGEM DE ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE ATIVIDADES	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A DEMANDA POR ESPAÇOS INTELIGENTES NA METRÓPOLE	25
1.1. ECONOMIA COMPARTILHADA: UM NOVO MODO DE VIDA DA SOCIEDADE METROPOLITANA?.....	34
2. NOVAS FORMAS E PRÁTICAS DE TRABALHO DA CONTEMPORANEIDADE	39
2.1. O SURGIMENTO DOS ESPAÇOS DE <i>COWORKING</i>	47
3. CURITIBA E A INSERÇÃO DOS ESPAÇOS DE <i>COWORKING</i> NA ECONOMIA METROPOLITANA	58
3.1. ESPAÇOS DE <i>COWORKING</i> : UM PARALELO ENTRE A INICIATIVA PÚBLICA E A INICIATIVA PRIVADA	106
3.2. <i>COWORKERS</i> : USUÁRIOS DE ESPAÇO DE <i>COWORKING</i>	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
APÊNDICES	137
APÊNDICE 1 - MODELO DE QUESTIONÁRIO USUÁRIOS <i>COWORKING</i>	137
APÊNDICE 2 - MODELO DE QUESTIONÁRIO EMPREENDIMENTOS.....	139

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1970 ocorrem mudanças nas relações econômicas, refletidas na alta mobilidade do capital nos níveis nacional e transnacional (SASSEN, 1998). Para Harvey (1992) este período é marcado como um ponto de inflexão e reestruturação da economia mundial. Held e McGrew (2000, p. 7) indicam que o termo “globalização” passa a ser efetivamente adotado nesta década para abordar esta nova conjuntura.

A alta mobilidade do capital, bem como os avanços tecnológicos no campo das telecomunicações são introduzidos nas indústrias avançadas ligadas à globalização em larga escala, a partir da década de 1980, contribuindo para organização de regiões centrais de conexão dos centros de negócios, correspondendo às grandes metrópoles (SASSEN, 1998).

A partir destas considerações, o período de inserção do sistema econômico mundial no modelo de acumulação flexível antecede os anos de 1990. Porém, Sassen (1998) afirma que o contexto desta década se diferenciou devido a novas dinâmicas que levaram à criação de espaços transnacionais, lócus das atividades econômicas com pouca intervenção dos governos. A autora denomina esta nova configuração de “economia global” (SASSEN, 1998, p. 12).

Em decorrência do processo de globalização, das práticas neoliberais, das privatizações e da inserção de economias nacionais no mercado global, os articuladores do sistema econômico, até então tidos como os Estados-Nacionais, têm os seus territórios estratégicos ressignificados, dando margem à ascensão das cidades globais (SASSEN, 2005). As cidades globais são entendidas como

(1) pontos de comando na organização da economia mundial; (2) lugares e mercados fundamentais para as indústrias de destaque do atual período, isto é, as finanças e os serviços especializados destinados às empresas; (3) lugares de produção fundamentais para essas indústrias, incluindo a produção de inovações. (SASSEN, 1998, p.16-17).

A argumentação de Sassen (1998) não considera que todas as metrópoles são cidades globais, contudo, todas as cidades globais são metrópoles e algumas metrópoles adquirem características globalizadas, atuando em espaços subnacionais. Como indicado em Harvey (1992) e Sassen (1998), a reestruturação produtiva contextualizada no processo da globalização impacta na estrutura

intrametropolitana, acarretando consequências nas dinâmicas socioespaciais. Destas, destaca-se, por exemplo, a segregação espacial urbana que se intensifica em virtude de fluxos verticais ordenados pela economia mundial, em que a cidade é constituída como mercadoria.

As desigualdades socioespaciais se manifestam também na escala interurbana, que correspondem às relações entre cidades, em que como exemplo, centros manufatureiros e portuários encontram-se na periferia dos processos econômicos (SASSEN, 1998). Parnreiter (2017) indica que esta dinâmica mundial desencadeia o processo da transferência geográfica de valor, no qual empresas de produção de serviços ligados à globalização constituem-se como agentes estratégicos facilitadores.

A inserção das cidades no processo de globalização ocorre através do ambiente “criado” pela economia mundial (TAYLOR, 2001). Considerando que este processo influencia distintas instâncias, “uma importante dimensão da discussão local/global pode ser obtida analisando-se o ritmo de transformações ocorrido com as atividades econômicas no interior das cidades” (FIRKOWSKI, 2004, p. 97).

Para Sassen (1998, p. 12) a transformação de cidades como “Nova York, Tóquio, Londres, São Paulo, Hong Kong, Toronto, Miami, Sydney, entre outras” em “espaços” transnacionais referindo-se ao mercado, faz com que estas se aproximem mais das realidades uma das outras, do que cidades em seus próprios Estados-Nação. A autora indica que tal contexto aponta a necessidade da atualização da conceituação sobre cidades como subunidades de seus Estados-Nação ou que reavalie a importância da geografia no atual mundo social.

Assim, é na “economia internacional, mais aberta e interdependente, e com uma crescente força política dos grandes grupos econômicos para definir o uso do território” (ARROYO, 2009, p. 483), que ocorre o processo de concentração e centralização do capital, que tende a privilegiar as metrópoles. Isto posto, a lógica que privilegia a metrópole também altera a forma como esta é vista, partindo assim, da visão da cidade como polo de desenvolvimento apoiada no planejamento urbano tecnocrático, chegando “à cidade vista como um produto social inserida numa lógica da reprodução do capital, num contexto de refluxo da ação do Estado” (LENCIONI, 2008, p. 46-47).

A economia que se manifesta nas metrópoles, passou por transições, como indica Ascher (2010, p. 48), do capitalismo industrial ao capitalismo cognitivo, atribuindo o foco às atividades ligadas à “[...] produção, apropriação, venda e uso de conhecimentos, informações e procedimentos”, em contrapartida às atividades relacionadas à indústria, que o autor afirma que tem como foco a exploração de matérias-primas, fontes de energia e sua transformação, bem como produtos semielaborados e bens de produção e consumo.

Esta dinâmica não determina o fim da atividade industrial, apenas mostra que a atividade econômica presente nas principais metrópoles se volta para a economia cognitiva, uma vez que Ascher (2010) indica ocorrer uma tendência de relegar a produção material para países subdesenvolvidos e menos centralizados. Contudo, acrescenta-se que, apesar deste padrão ocorrer inicialmente, as principais cidades do mundo subdesenvolvido contemporâneo reproduzem também aspectos e formas da economia cognitiva.

A emergência de novos espaços na metrópole, como os espaços de *coworking*, é direcionada para as novas demandas da economia cognitiva e da sociedade. Os espaços de *coworking* constituem-se como uma estrutura física com ambientes de trabalho compartilhados que visam a interação criativa entre profissionais desse novo momento econômico. O público-alvo desta estrutura constitui uma nova tipologia de trabalhadores que, apoiados nos avanços tecnológicos da globalização, trabalham com autonomia para desenvolver atividades a princípio individuais e escolher a localização do seu posto de trabalho (MORISSET, 2013; WATERS-LYNCH, POTTS, 2017; BOUCKEN, REUSCHL, 2018).

Diante de tal contexto, propõe-se a olhar a metrópole de Curitiba à luz dessa dinâmica tanto em relação a presença de redes mundiais de *coworking*, quanto à demanda do capital por novos espaços, que não são apenas formas da produção territorial da cidade, mas formas-conteúdo do período atual (FINATTI, 2009). Intenta-se a compreensão sobre a função desempenhada pela metrópole frente às demandas da sociedade por espaços inteligentes, inserida no sistema produtivo que requer novas formas de flexibilidade socioespacial. A caracterização desta sociedade se tem à luz da proposição de Ascher (2010), que desenvolve a concepção da sociedade hipertexto, definida a partir do entendimento sobre hipertexto, entendido como

[...] o procedimento que permite “clique” sobre uma palavra de texto e acessar essa mesma palavra em uma série de outros textos. Em um hipertexto, cada palavra pertence simultaneamente a vários textos; em cada um deles participa na produção de sentidos diferenciados interagindo com outras palavras do texto, porém segundo sintaxes que variam eventualmente [...] os indivíduos estão assim inseridos em campos sociais distintos, como as palavras nos diferentes documentos de um hipertexto. Eles interagem de um lado com colegas, segundo uma “sintaxe” profissional, e de outro com parentes, segundo uma “sintaxe” familiar, em um terceiro com parceiros, segundo uma “sintaxe” esportiva etc. Estamos diante de “indivíduos-palavra”, que constituem por si só os principais vínculos entre esses “textos-campos-sociais”. Passam de um campo para outro, seja se deslocando ou utilizando telecomunicações. [...] (ASCHER, 2010, p. 46-47)

Ascher (2010) argumenta que os campos sociais desta sociedade são de natureza diversa, a participação das pessoas neles ocorre de forma voluntária ou involuntária, de maneira mais ou menos duradoura, eles têm escalas variadas do local ao global, sendo mais ou menos abertos. Para o autor, algumas das estruturas da sociedade hipertexto podem ser observadas na potencialização da mobilidade, ocorrência de várias ligações simultâneas e deslocamentos reais e virtuais em distintos universos sociais, que são impulsionados pelos avanços técnicos, científicos e nos meios de comunicações que acompanham a globalização e a nova fase da modernidade.

Parte-se do pressuposto de que a metrópole demanda por espaços inteligentes e contemporâneos diretamente ligados à globalização e à nova fase da economia. Assim, as seguintes perguntas de pesquisa foram estabelecidas: qual o grau de conexão de Curitiba a esse processo e a essa nova realidade? Curitiba, uma metrópole do mundo subdesenvolvido, possui os ativos necessários para inserir-se neste novo momento da economia? Os espaços de *coworking* integram estas demandas e representam uma nova forma de trabalho da sociedade metropolitana?

Desse modo, com o pressuposto e os questionamentos sendo afirmativos, a hipótese foi pautada na afirmação de que os espaços de *coworking*, com sua proposta de uma nova modalidade de ambiente de trabalho compartilhado, participam do processo de inserção de Curitiba na nova fase da economia, correspondendo a esta demanda supracitada e conformando uma nova forma de trabalho de um novo modo de vida da sociedade.

Os espaços de *coworking* estão relacionados a esta nova fase da economia Moriset (2013) indica que estes estão globalmente localizados em cidades consideradas pela literatura como cidades criativas e com ligação ao capitalismo cognitivo, sendo estas São Francisco, Londres, Paris, Berlim, Amsterdã e Barcelona. A justificativa do autor é que, nos exemplos de Londres e Paris, ocorre a dominação das funções “quaternárias”, já em Berlim as indústrias culturais e criativas destacam-se expressivamente. Entende-se que as cidades do mundo subdesenvolvido não desempenham protagonismo neste processo, contudo, elas também são afetadas por ele, ascendendo então a necessidade de compreender como esta dinâmica se manifesta nestas cidades, e como estas se inserem na nova fase da economia.

A contribuição da presente pesquisa face à Geografia está na materialidade que as novas dinâmicas, empreendidas pelos espaços de *coworking*, estabelecem em sua configuração e conformação. Tais dinâmicas são distintas em função das características singulares do processo de metropolização do espaço geográfico. Novas práticas e relações de trabalho, bem como um novo momento econômico pautado no compartilhamento, modificam e alteram as relações e dinâmicas metropolitanas de Curitiba. Busca-se contribuir então, com o entendimento deste fenômeno quanto ao seu potencial de interferir no espaço geográfico, o qual a sociedade está inserida e realiza a materialização de suas demandas particulares.

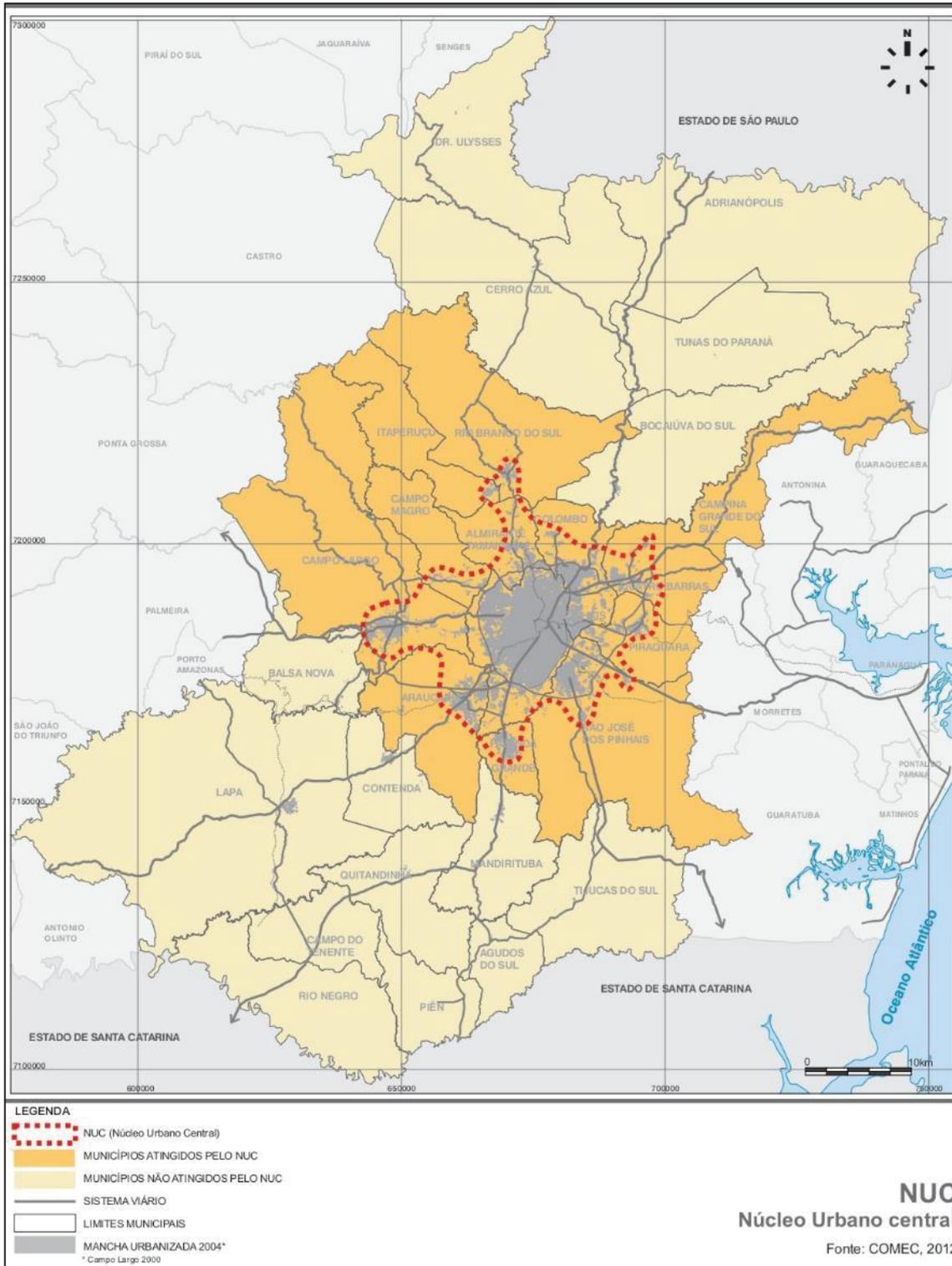
A partir destas considerações a presente pesquisa tem como objetivo geral a compreensão sobre a participação dos espaços de *coworking* em relação a demanda por novos espaços inteligentes na metrópole. Estritamente, busca-se como objetivos específicos entender como Curitiba se insere na nova fase da economia, por meio desses novos produtos espaciais; bem como mapear os espaços de *coworking* em Curitiba, distinguindo os empreendimentos de grupos nacionais e internacionais; e por fim, identificar quem são os trabalhadores usuários dessa nova modalidade de equipamento urbano intrínseca às novas práticas de trabalho oriundas da fase atual da globalização e da sociedade.

A área de estudo consiste na metrópole de Curitiba, sendo assim, entende-se que o recorte vai além do limite municipal da cidade, abrangendo sua região metropolizada, que conforma a metrópole. Contudo, não são considerados os 29 municípios da Região Metropolitana de Curitiba – RMC, e sim, o Núcleo Urbano Central – NUC. Ao considerar o NUC como área de estudo, entende-se que este

assemelha-se à definição de área metropolitana encontrada no Art. 2o, inciso VIII, da Lei no 13.089, de 12 de janeiro de 2015 (BRASIL, 2015) que institui o Estatuto da Metrópole, sendo esta a “[...] representa o da expansão contínua da malha urbana da metrópole, conurbada pela integra o dos sistemas viários, abrangendo, especialmente, áreas habitacionais, de serviços e industriais com a presença de deslocamentos pendulares no território”.

O NUC é indicado na figura 1 e consiste na aglomera o metropolitana composta por 14 municípios, Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Curitiba, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Rio Branco do Sul e São José dos Pinhais “[...] esses municípios compõem uma mancha urbana contínua, com padrão de ocupa o semelhante e que concentra a dinâmica regional mais intensa [...]” (COMEC, 2006, p. 52).

FIGURA 1 - NÚCLEO URBANO CENTRAL DE CURITIBA.



Fonte: COMEC (2012).

Buscou-se atingir os objetivos de pesquisa a partir de uma abordagem qualitativa, com natureza aplicada e os procedimentos metodológicos pautados no estudo de caso e trabalho de campo para analisar o papel dos espaços de *coworking* na economia urbana de Curitiba.

Ventura (2007) contextualiza o estudo de caso como originado nas pesquisas médicas e psicológicas, porém indica que este se tornou uma das categorias de pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. A autora atribui destaque quanto à “[...] sua característica de estudar uma unidade, bem delimitada e contextualizada, com a preocupação de não analisar apenas o caso em si, como algo à parte, mas o que ele representa dentro do todo e a partir daí.” (VENTURA, 2007, p. 386).

Na Geografia o trabalho de campo tem notada importância (SUERTEGARAY, 2002), sendo então necessário compreender o significado desta prática no desenvolvimento da pesquisa e nesta ampla área do conhecimento. Suertegaray (2002, p. 1) ao abordar a pesquisa de campo em Geografia, inicialmente define o ato de pesquisar como um processo de responder perguntas referentes às “[...] nossas dúvidas em relação ao mundo e a nós neste mundo”. A autora então define que

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Enfim, movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. (SUERTEGARAY, 2002, p. 3)

O trabalho de campo se constitui como um instrumento de análise geográfica, permitindo o reconhecimento do objeto e ao compor um método de investigação, proporciona que o pesquisador se incorpore no movimento da sociedade como um todo (SUERTEGARAY, 2002). Foi estimado que a partir do trabalho de campo fosse traçado o que os espaços de *coworking* representam na metrópole.

A fonte de dados inicial partiu da revisão de literatura, traçando a trajetória da reestruturação produtiva que culminou na ascensão de novas práticas de trabalho e novos modos de vida da sociedade, nas quais pode ser compreendida a relevância dos espaços de *coworking* como um novo produto espacial nas cidades e como um novo tipo de ambiente de trabalho.

A coleta de dados específicos para a realidade de Curitiba foi realizada a partir do trabalho de campo, através da realização de entrevistas semi-estruturadas,

seguindo dois modelos (Apêndices 1 e 2), um direcionado às equipes administrativas dos espaços de *coworking*, e outro aos trabalhadores que utilizam estes espaços, também chamados de *coworkers*.

As entrevistas direcionadas às equipes administrativas tiveram como objetivo levantar dados e informações sobre os espaços, referentes à: localização e concentração, em relação às regiões da cidade; estrutura administrativa dos espaços; motivações e inspirações para a oferta desta tipologia de serviço, distinguindo espaços que pertencem à redes globais de outras iniciativas; informações sobre o funcionamento e valor de uso dos espaços; a visão dos empreendedores sobre o mercado de Curitiba para este serviço, bem como os determinantes para sua localização; a demanda pelo espaço e seu público-alvo; e por fim, se o espaço incentiva a criação de *networking*.

As entrevistas direcionadas aos *coworkers* buscaram compreender quem são os trabalhadores que buscam este ambiente de trabalho e se estes profissionais são ligados a uma área específica do mercado, como a indústria criativa indicada na literatura, quais as motivações que os levam a buscar por esta modalidade de trabalho. Em síntese, busca-se levantar dados sobre: o uso que cada profissional faz do espaço, considerando sua área de atuação; o perfil do *coworker*, desde a profissão exercida, até faixa etária, gênero e motivações para usar o espaço; a visão dos *coworkers* sobre a construção de *networking* nos espaços, bem como sobre as práticas e relações de trabalho ali desenvolvidas; e por fim, os pontos positivos e negativos desta nova forma de trabalho.

O desenvolvimento das entrevistas será realizado a partir da amostragem não probabilística denominada “bola de neve”, definida por Vinuto (2014, p. 203) como “uma amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência.” Para a autora a limitação da amostragem é a impossibilidade de determinar a probabilidade de seleção de cada participante, e como potencial se tem o aprofundamento em grupos de difícil acessibilidade.

A execução da amostragem, em Vinuto (2014, p. 203), inicia-se com a consulta a documentos e/ou “informantes-chaves”, denominados “*sementes*”, com a finalidade de localizar pessoas com o perfil que melhor se enquadre na pesquisa. A etapa seguinte, consiste nas pessoas indicadas pelas sementes indicando, por sua vez, novos contatos. Esta dinâmica sucede até atingir a saturação, quando os

nomes indicados passam a serem os mesmos ou quando as pessoas não agregam novas informações ao quadro de análise.

A partir das considerações sobre a metodologia adotada na dissertação, a estrutura dos capítulos foi organizada buscando atender aos requisitos necessários para explorar a hipótese e os objetivos de pesquisa. Assim, foram desenvolvidos três capítulos, que abordaram de forma geral, aspectos da metropolização, do trabalho no período atual da sociedade e o surgimento dos espaços de *coworking*, um dos espaços inteligentes em ascensão.

No capítulo 1, intitulado “A demanda por espaços inteligentes na metrópole” intenta-se a compreensão sobre a atual conjuntura da metrópole, o lócus em que as demandas exercidas pela sociedade, pelas empresas e pelos indivíduos metropolitanos, se materializam. Também busca-se aprofundar o entendimento sobre as particularidades das demandas atuais por novos espaços virtuais e materiais na metrópole, que estão atrelados a novas formas de relações sociais, altamente influenciadas pelos avanços tecnológicos.

O capítulo 2, intitulado “Novas formas e práticas de trabalho da contemporaneidade” tem por objetivo direcionar a discussão sobre o encaminhamento desta face da sociedade metropolitana, que ao passar pelo período da flexibilização do trabalho, chega na possibilidade de ascensão de novas modalidades de espaços de trabalho.

O capítulo 3, com título “Curitiba e a inserção dos espaços de *coworking* na economia metropolitana”, tem o propósito de traçar a discussão sobre a ocorrência destas novas dinâmicas na metrópole analisada, com exposição dos dados levantados sobre esta nova modalidade de trabalho e novos produtos espaciais.

1. A DEMANDA POR ESPAÇOS INTELIGENTES NA METRÓPOLE

A compreensão sobre a metrópole e o atual estágio da sociedade metropolitana é imprescindível no âmbito das discussões da presente pesquisa, por contextualizar os processos e particularidades a serem exploradas, desde as características do novo modo de vida em ascensão até sua expressão por meio das formas espaciais.

Ao iniciar a discussão a partir da compreensão da metrópole, que é conformada pelo processo de metropolização e no contexto da globalização, tanto em aspectos econômicos, sociais e espaciais, busca-se esclarecer qual a abordagem conceitual adotada, bem como a complexidade desta temática, uma vez que existem processos, configurações espaciais, estruturações intraurbanas inerentes apenas a aglomerações com caráter metropolitano.

Di Méo (2008) considera que o amplo processo de metropolização requer uma definição complexa, não podendo ser limitada à “[...] constatação da construção de uma armadura mundial de centros de decisão com alta especialização em atividades terciárias, hierarquizadas e interconectadas [...]” (DI MÉO, 2008, p. 5). Para Ascher (2010) a metropolização apoia-se no desenvolvimento dos meios de transporte, de estocagem de bens, de informações e de pessoas e é resultante

[...] principalmente da globalização e do aprofundamento da divisão do trabalho em escala mundial, que tornam necessárias e mais competitivas a aglomerações urbanas capazes de oferecer um mercado de trabalho amplo e diversificado, a presença de serviços de altíssimo nível, um grande número de equipamentos e de infraestrutura, e boas conexões internacionais. (ASCHER, 2010, p. 62-63)

As discussões acadêmicas sobre a conceituação de metrópole buscam atualizar a antiga definição de acordo com as novas dinâmicas inerentes à esta tipologia de cidade. É fundamental destacar que este conceito está inserido em um processo de ressignificação no âmbito do aporte teórico em decorrência da reestruturação produtiva que atribui às metrópoles “novas funções metropolitanas” (FIRKOWSKI, 2004, p. 95), relacionadas ao processo de globalização.

No contexto da globalização e da crescente integração mundial, Lencioni (2017, p. 202) indica que as diferentes concepções de metrópole têm similaridades, destacando a concentração de serviços “[...] que buscam garantir a gestão da reprodução do capital e sua viabilização política”, além de outros pontos como ter

uma forma urbana de tamanho expressivo, relativo à população ou território, ofertar uma gama diversa de atividades econômicas com concentração de serviços de ordem superior, ser um lócus privilegiado para a inovação, ser um ponto de densidade de emissão e recepção de fluxos de informação e comunicação e constituir-se como um nó significativo para as mais variadas redes.

Para a autora o conceito de metropolização, por sua vez, difere da metrópole ao se relacionar ao espaço e não à cidade, sendo entendido como um processo socioespacial que transforma cidades em metrópoles e as regionaliza. Este processo desenvolve condições metropolitanas imprescindíveis para a reprodução do capital, subvertendo toda a lógica urbana herdada e a negação da cidade e o território passa a ter intensa e permanentemente fluxo de pessoas, mercadorias e informações (LENCIONI, 2017).

A expansão para as áreas periféricas se apoia nos novos meios de transporte e armazenagem (de pessoas, bens e informação), que levam à superação das limitações da distância e do tempo (ASCHER, 2010). Sassen (2010) afirma que a hipermobilidade, comunicações globais, neutralização do lugar e da distância, são as principais imagens na caracterização da globalização econômica. O local deixa de ser o lugar obrigatório das práticas sociais e torna-se resultado das lógicas reflexivas, desencadeando novas formas de segregação.

Sassen (2010) indica que, apesar de algumas formas das cidades do presente apresentarem similaridades com as formas que existiram no passado, sejam elas a mobilidade, a desigualdade, a falta de moradia, as classes, as políticas, entre outras, elas assumem novas formas, pois emergiram no período da globalização e advém da especificidade da fase atual, assim as proporções e a complexidade que elas apresentam superam as anteriores.

Guedes e Faria (2002) indicam que inicialmente, as abordagens ortodoxas sobre a globalização traçaram concepções distintas sobre “local” e o “global”. Os autores indicam que na atualidade, com a consolidação mundial do capitalismo, a globalização tornou-se dominante em diversas instâncias. A instância assumida na esfera de relações entre as cidades também se insere neste contexto.

Este novo papel estratégico assumido pelas cidades, relaciona-se com os objetivos pretendidos com manobras de marketing urbano, planejamento estratégico e taxações diferenciadas do uso do solo, que consistem na atração de empresas

multinacionais e transnacionais a fixarem-se em seus territórios (DUARTE, CZAJKOWSKI JR, 2007).

A função das cidades no contexto da globalização da economia mostra-se fundamental, e estratégias para atrair capital transnacional para esse recorte territorial, levam a uma visão dual sobre o significado desta estrutura. Uma das faces é a do mecanismo transformar a cidade em uma mercadoria, e a outra é que o incentivo à articulação entre agentes públicos e privados é desenvolvido, resultando em melhorias socioeconômicas (DUARTE, CZAJKOWSKI JR, 2007).

A partir das considerações de Sassen (1998) e Parnreiter (2017), as desigualdades socioespaciais decorrentes do processo da globalização econômica, resultam em cidades periféricas em relação ao capitalismo e levam a disparidades salariais acentuadas no interior das cidades, levando à possíveis cenários de segregação urbana. Desta forma, para Sassen (1998)

O rápido crescimento da indústria financeira e de serviços altamente especializados gera não apenas empregos técnicos e administrativos de alto nível, como também empregos que não exigem qualificação e que apresentam baixa remuneração, formando além das desigualdades interurbanas, desigualdades econômicas nas cidades. (SASSEN, 1998, p.18)

Apesar da dispersão das atividades econômicas, passam a ocorrer novas formas de centralização territorial, relativas ao gerenciamento no nível dos altos escalões e ao controle das operações (SASSEN, 1998). No contexto do novo momento e das novas formas urbanas, Di Méo (2008, p. 4) tece considerações sobre as metrópoles e o processo de metropolização, levantando o seguinte questionamento: “quem nos garante que as identidades metropolitanas continuarão a se definir, como ainda é o caso hoje em dia, a partir do centro das cidades, a partir do coração das metrópoles e de suas aglomerações?”. O autor indica que as tendências se direcionam para que a identidade metropolitana se expanda para a periferia, que são as novas áreas de metropolização.

A partir destas dinâmicas, as especializações profissionais que os novos arranjos demandam, bem como a alteração da organização do processo de produção, gerada pela globalização, que assume uma escala internacional, conformam o meio em que a “divisão social do trabalho se acentua” (ASCHER, 2010. p. 40) e leva a diferenciação social ao nível territorial. Assim, para Sposito

(2013) no contexto metropolitano e regional ocorre divisões interurbanas do trabalho no nível das redes e sistemas urbanos.

Como mencionado anteriormente, para Ascher (2010) e Sassen (2010) a superação dos limites espaciais e temporais é inerente aos avanços tecnológicos e à globalização, o que contribui para o crescimento das cidades assumir novas formas. O crescimento passa a ser externo, até aos próprios limites legais da cidade, visto que esta absorve em sua zona funcional cotidiana bairros, cidades e aglomerações longínquas e conurbadas (ASCHER, 2010).

Lencioni (2017) indica que a homogeneização notada nas metrópoles decorre da metamorfose que vem ocorrendo e conferindo a elas novas paisagens. A autora analisa a realidade latino-americana e relaciona a metamorfose que ocorre nestas cidades à políticas neoliberais implantadas principalmente a partir dos anos de 1990, mas fundamentalmente, afirma que elas desenvolvem-se devido ao “predomínio do processo de dispersão territorial da metrópole determinado pela transição do centro da acumulação capitalista situado na indústria fabril para o localizado na própria produção do espaço urbano” (LENCIONI, 2017, p. 212, grifo da autora).

Ao desenvolver o termo metapolização, um duplo processo de metropolização que conforma as metápolis na realidade francesa, Ascher (2010) indica que ele também induz o surgimento de um duplo processo de homogeneização e diferenciação, visto que respectivamente, os mesmos agentes econômicos estão presentes em todas as cidades, e a competição entre as cidades se amplia atribuindo importância às diferenças (ASCHER, 2010).

Lencioni (2017) afirma que o processo de dispersão territorial se torna hegemônico uma vez que domina e direciona o processo de produção do espaço metropolitano, que tem por resultado a fragmentação da metrópole compacta do século XX, contudo sem comprometer a ideia de unidade da metrópole. À medida que a metrópole se fragmenta, ocupa áreas cada vez mais periféricas e quebra cada vez mais a noção de cidade como unidade urbana.

As metrópoles expandem-se territorialmente e suas funções ganham complexidade, uma vez que elas passam a ser pensadas regionalmente, seja em termos da metropolização, como em termos de relações entre as cidades. Neste sentido, o conceito de cidade global de Sassen (1998) altera a lógica do centro da

cidade ditar a organização das áreas periféricas, e as cidades passam a ser subordinadas à outras com maior poder de reprodução do capital transnacional.

As cidades globais são, para Sassen (2010), a melhor evidência de que as escalas não têm mais hierarquias rígidas, isso porque estas cidades oferecem condições locais para o funcionamento de instituições de atuação e alcance global, como os mercados de capitais. Desta forma, as atividades econômicas e sociais que ocorrem apenas no contexto metropolitano são motivadas pela relevância que a aglomeração ainda exerce.

Sassen (2010, p. 105) destaca as cidades globais como o lócus de reivindicações, tanto do capital global, que a usa como “mercadoria organizacional”, quanto de setores da população urbana em desvantagem. Ascher (2010) indica que a globalização se reproduz no local, e desta forma, reproduz a desigualdade em diversas instâncias.

As práticas que conformam a globalização e o controle global, para Sassen (2010), consistem no trabalho que permeia o sistema de produção global e o mercado global para as finanças, nas lógicas da concentração econômica. A autora direciona a reflexão para o fato de que muitos recursos que as atividades econômicas demandam, não são hipermóveis e enraízam-se nas cidades globais, uma vez que se esta lógica não ocorresse, não haveria a ascendência dessas cidades.

Para Sassen (2010) os processos concretos e localizados, bem como o multiculturalismo nas cidades é tão fundamental para a globalização, quanto às finanças internacionais. Ao olhar as cidades especifica-se uma geografia de locais estratégicos, ligados entre si pela dinâmica da globalização econômica, denominado pela autora como uma nova geografia de centralidades.

Em contraponto, Storper e Venables (2005) afirmam que o poder da aglomeração urbana da atividade econômica ainda se sobressai, mesmo que as tendências de custos de transporte e comunicação decaiam, o que permitiria poder de livre escolha de localização para qualquer atividade, nisso, a aglomeração permanece fortificada. Os autores concebem que

As cidades são crescentemente percebidas como locais onde intercâmbios imateriais são facilitados, o que faz com que elas sejam lugar propício para a criação de novos conhecimentos e, como consequência, centros de inovação. As cidades costumavam ser centros da produção material; agora, a força motora das aglomerações passou a ser a produção e comunicação

de ideias, conhecimento e informação. (STORPER, VENABLES, 2005, p. 22)

Assim, ocorre uma transição da centralidade do material para o imaterial e nesta lógica, as cidades permanecem relevantes devido ao “burburinho” indicado por Storper e Venables (2005, p. 22), que corresponde à importância do contato face a face, que a partir das trocas de conhecimento, informações e ideias contribui para a manutenção da aglomeração das atividades econômicas e de pessoas.

Os autores indicam três principais razões para as atividades permanecerem a concentrar-se no espaço geográfico “(1) os efeitos de encadeamentos para frente e para trás das firmas, incluindo-se o acesso a mercados; (2) a aglomeração de trabalhadores; e (3) interações localizadas, promotoras de inovação tecnológicas” (STORPER, VENABLES, 2005, p. 23).

Desta forma, as empresas buscam concentrar a produção em poucas localidades, que serão mais lucrativas à medida que forem mais próximas aos fornecedores e ao mercado. Da mesma forma, quanto mais especializados os produtos, maior o dilema da localidade central, visto que são necessários grandes mercados de consumo e de suporte (STORPER, VENABLES, 2005), corroborando para a importância desta aglomeração de atividades localizar-se nas grandes metrópoles.

Contudo, no que se refere à dinâmica do mercado de trabalho urbano, o que se torna necessário são qualificações especializadas, assim, as empresas precisam de trabalhadores especializados, porém “não se dispõem a firmar compromisso de longo prazo, que viessem a estabilizar suas relações de emprego. Para evitar uma aristocracia de trabalhadores, precisam ter acesso a um grande *pool* destes” (STORPER, VENABLES, 2005, p. 26). Esta lógica também é válida para o trabalhador, que para se especializar busca relações de trabalho de longo prazo ou possibilidade de recontração imediata, uma alta rotatividade de empregos.

Os autores indicam que, em condições de instabilidade e incerteza, as empresas e os trabalhadores têm dificuldade em organizar com baixos custos transações de transporte físico de bens e pessoas. O contato face a face seria um investimento grande se não fosse centralizado, e, acrescentando à reflexão, justifica o surgimento de espaços inteligentes, como os espaços de *coworking*, que concentram, na forma da oferta de serviços, a infraestrutura e ambiente necessário para o desenvolvimento das mais variadas formas de trabalho.

A metrópole se constituir como lócus de inventividade é recorrentemente apontado na literatura, assim elas são entendidas como centros de inovação e progresso tecnológico, ou seja, são o lugar das ideias e do conhecimento, dos serviços e das tecnologias (STORPER, VENABLES, 2005). Isto se tem devido à proximidade espacial aumentar os fluxos de informação que são usadas pelos inovadores para a própria inovação, como os fluxos imateriais, em suma, o conhecimento e a informação, são transações quase sem custo, podem ser adquiridos a longas distâncias. Contudo, empresas que oferecem esses serviços imateriais, tendem a estar aglomeradas em razão da competitividade e devido à circulação de pessoas ser necessária para construção do conhecimento, com contato entre indivíduos qualificados, o que configura as cidades como facilitadora do aprendizado.

A partir das relações interurbanas e intraurbanas as metrópoles conformam grandes redes e fluxos, materiais e imateriais, com apoio nos avanços tecnológicos de transporte e comunicação, inserindo-se nas lógicas da globalização e da economia mundial, e sobre este processo Sassen (1998) afirma que

[...] o impacto dos processos globais transforma radicalmente a estrutura social das próprias cidades, alterando a organização do trabalho, a distribuição dos ganhos, a estrutura de consumo, os quais, por sua vez, criam novos padrões de desigualdade social urbana. (SASSEN, 1998, p. 12, grifo nosso)

Quando é estabelecido que os processos de globalização e de metropolização moldam a sociedade, o ponto de partida para o entendimento sobre as novas relações sociais do período pós-moderno, passa a ser a concepção da terceira modernidade em Ascher (2010). O autor indica que esta estrutura social é constituída por vínculos frágeis e numerosos, e assume o tipo reticular, organizando-se em uma série de redes interconectadas que proporcionam, em vários meios e escalas, mobilidade maior que no período anterior.

Ascher (2010) destaca a preocupação com a forma que as cidades vêm assumindo através de mutações, que consistem apenas no começo do processo de entrar na nova fase da modernidade. O autor considera a nova configuração espacial e social das cidades um desafio a ser enfrentado pelo novo urbanismo, e, no âmbito do presente trabalho, um desafio para se pensar o urbano na contemporaneidade.

Assim, a terceira modernidade, em Ascher (2010), traz consigo a racionalização que conduz a refletividade sobre a vida social moderna, que atinge um grau elevado de complexidade, com o surgimento da necessidade de novos avanços científicos e tecnológicos. No âmbito econômico, o autor indica que a economia cognitiva ascende e adentra o sistema econômico enquanto as bases industriais da economia deixam de ser protagonistas. Lencioni (2010) destaca que neste momento, independente das denominações a ele atribuídas, a reestruturação mundial das relações sociais assume a função de reproduzir as lógicas do capital visando a sobrevivência das relações capitalistas, através da imposição do espaço-mercadoria sobre o espaço da vida cotidiana

A “(sobre)modernidade” em Di Méo (2008, p. 4) supera a lógica da metropolização mais convencional, baseada no comércio, no imperialismo e na indústria. As metrópoles contemporâneas têm funções políticas, econômicas, culturais e ideológicas essenciais para as atividades humanas e constroem uma rede mundial de centralidades; o termo metropolização faz referência a um processo, caracterizando “tanto as formas quanto as funções e as dinâmicas dos maiores agrupamentos humanos de nosso tempo” (DI MÉO, 2008, p. 3).

Na esfera social, ocorre uma transição entre as necessidades coletivas e individuais, uma vez que com os avanços tecnológicos, há problemas que são elucidados, na mesma forma que novos deles surgem, muitas vezes, pela primeira vez, assim para Ascher (2010)

De fato cada indivíduo, como cada coletividade, está confrontado constantemente com um sem-número de situações e circunstâncias individuais e coletivas cada vez mais diferenciadas e mutantes. Isto leva a dois tipos de consequências. Por um lado, é cada vez mais raro que os atores possam recorrer a uma experiência passada, ou seja, um conhecimento operativo já estabelecido, para enfrentar uma determinada situação, já que, estatisticamente, ela terá cada vez menos chance de já ter acontecido ou de se reproduzir. A ação necessita, portanto, com mais frequência, de uma reflexão específica que permita elaborar uma resposta e não escolher uma de um cardápio preexistente, de recorrer a uma receita, a uma rotina, a um hábito ou mesmo a uma crença ou tradição. Por outro lado, a crescente complexidade da vida social, real, mas também revelada pelos novos conhecimentos científicos, torna necessários novos avanços científicos e tecnológicos. (ASCHER, 2010, p. 32-33)

O reflexo desta organização social na economia se dá através da incorporação de setores direcionados para o desenvolvimento de tecnologias e informação, a neteconomia e a economia cognitiva. O autor determina que esta economia é caracterizada por uma parte crescente das atividades ser dependente

do capital cognitivo, que incorpora-se nos homens, nas máquinas e na organização. Nesta lógica, o valor do capital se torna de difícil medição, visto que uma grande parcela é composta por “[...] ‘ativos intangíveis’, ou seja, de saberes e de conhecimento, de modos de funcionamento, de relações pessoais, de criatividade, etc” (ASCHER, 2010, p. 51).

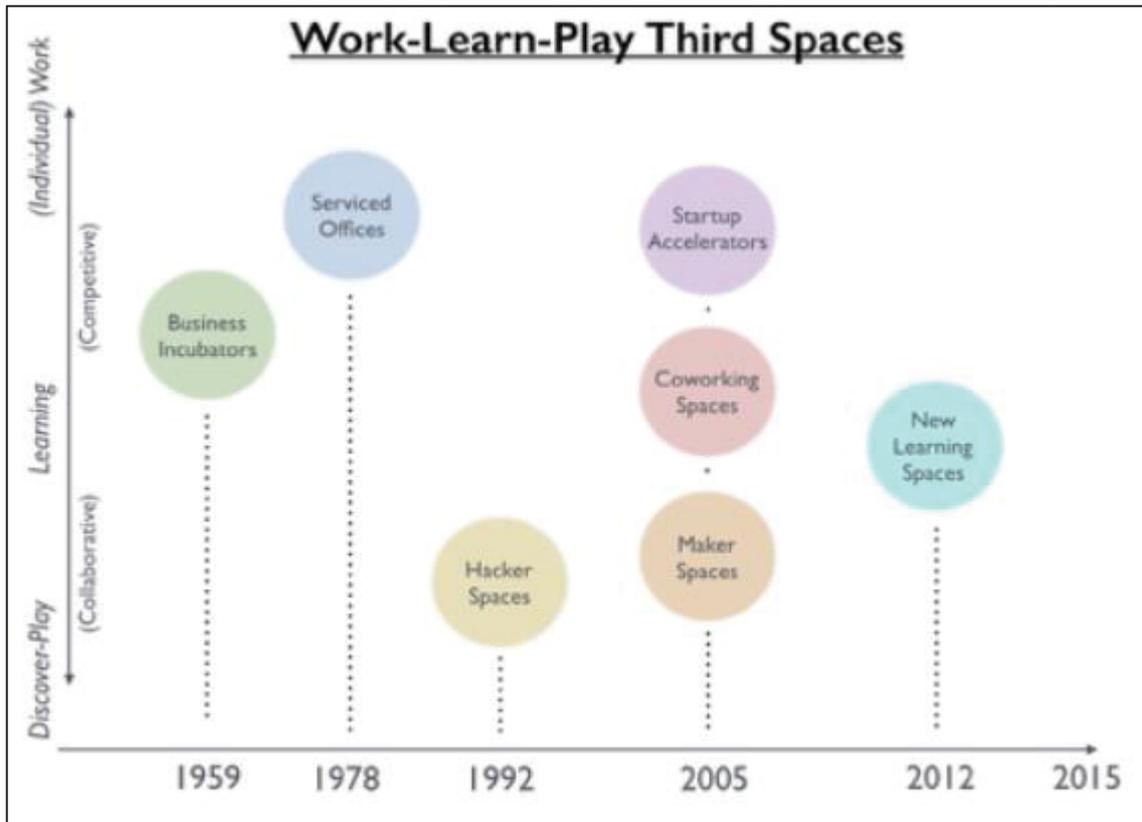
Ascher (2010) versa que o próprio consumo é alterado, passando a ser diverso e específico, fazendo com que a própria produção industrial acompanhe o processo de individualização. O autor indica que tanto a produção quanto os serviços deixam as empresas, o que faz com que seja atribuído ao contexto espacial uma importância econômica nova. Em Ascher (2010, p. 52) é exposto que “com a exteriorização de uma parte crescente da produção e dos serviços, a atividade acontece cada vez mais fora de seus muros, transformando de fato as cidades e os territórios em espaços produtivos”.

A concepção dos lugares em função das novas práticas sociais, indicando um movimento de transição dos espaços simples aos espaços múltiplos, uma vez que com os avanços tecnológicos principalmente no campo da comunicação e da informação, fazem com que a característica hipertexto da sociedade se sobressaia, sendo possível estar presente em mais de um espaço através dos aparelhos móveis de comunicação (ASCHER, 2010).

A partir das considerações do autor, entende-se os espaços inteligentes como a materialização espacial destas relações sociais. A inteligência e a competitividade dos espaços estão expressas na urgência em se atender novas demandas que surgem no período da globalização, bem como na criação de novas soluções, visto que as demandas aparecem de forma inédita.

Os espaços inteligentes surgem nas metrópoles seguindo esta motivação. No que concerne ao objeto de estudo desta pesquisa, os espaços de *coworking*, para Waters-Lynch e Potts (2017), fazem parte de uma variedade de conceitos espaciais destinados ao trabalho, ao aprendizado e à recreação que surgiram nas últimas décadas, como indica a figura 2. Os espaços pensados para atender as novas demandas partem da necessidade de mesmo com uma grande liberdade locacional, ocorrerem momentos em que o contato face a face de Storper e Venables (2005) se mostra relevante.

FIGURA 2 - TERCEIROS ESPAÇOS DE TRABALHO, APRENDIZADO E RECREAÇÃO.



Fonte: Waters-lynch e Potts (2017, p. 5).

Waters-Lynch e Potts (2017) diferenciam os espaços de *coworking* de outros espaços que ofertam um serviço similar, como *startups*, *maker spaces*, escritórios com serviços, espaços *hackers*, que apesar de contarem também com uma estrutura de apoio a empresas, não são pautados no compartilhamento.

O compartilhamento é o diferencial deste modelo de espaço inteligente, assim, a partir disto, a próxima seção se voltará a entender como esta lógica se insere e altera as formas de trabalho e a economia metropolitana, levando a novas configurações de relações e interações sociais.

1.1. ECONOMIA COMPARTILHADA: UM NOVO MODO DE VIDA DA SOCIEDADE METROPOLITANA?

Uma tendência percebida a partir da metade da década de 2010, é o surgimento e disseminação de uma economia urbana com base na colaboração e no compartilhamento. Denominada *sharing economy* por alguns autores (DAVID et. al., 2016; CONSTANTIOU et. al., 2017), e traduzida como economia compartilhada, no ano de 2010 tinha um valor estimado em 100 bilhões de dólares americanos

(BOUNCKEN, REUSCHL, 2018), e é incentivada pelo desenvolvimento de plataformas digitais que propiciam o compartilhamento de diversos espaços e serviços, hospedagem, automóveis, espaços de trabalho, entre outros, concebendo uma face particular e relevante das relações sociais deste período.

Heinrichs (2013) e Merkel (2015) indicam que a partir da crise financeira e econômica global iniciada na metade da década de 2010, perspectivas alternativas do consumo e do capitalismo foram postas em pauta. Hamari et. al. (2015) afirmam que a consciência sobre o consumo foi alterada, inserindo questionamentos sobre a geração de impactos ecológicos, sociais e de desenvolvimento. Em meio aos marcos para reparar e promover a regulação do sistema capitalista, a prática de uma economia compartilhada acompanhada por um consumo colaborativo, faz uso de uma inteligência de mercado a fim de moldar uma sociedade, em tese, mais colaborativa e sustentável.

Martin (2016) indica que este crescente interesse é relacionado às grandes plataformas de sucesso da economia compartilhada criadas no Vale do Silício, o *AirBnB*¹ e o *Uber*, plataformas online *peer-to-peer*², advindas de *startups* que se constituíram como grandes corporações multimilionárias em um período menor que cinco anos. Porém, os impactos econômicos reais desta dinâmica permanecem incertos e apesar do sucesso comercial destas corporações, elas encontram resistência e críticas por abrirem mercados *peer-to-peer* não regulamentados e impactos sociais adversos.

Paralelo às grandes corporações e as questões a elas atreladas, Martin (2016) indica que é crescente a visão da economia compartilhada como um meio de

¹ Segundo Guttentag (2016, p. 10, tradução nossa) o *AirBnB* “É essencialmente uma plataforma online através da qual as pessoas comuns alugam seus espaços como acomodação para turistas. Essas acomodações geralmente envolvem uma casa inteira (como um apartamento ou casa) ou uma acomodação privativa em uma residência onde o anfitrião também está presente. Além disso, uma porcentagem muito pequena das listagens do *Airbnb* são quartos compartilhados (por exemplo, um
² Kamienski et. al. (2005, p. 1409-1410) definem redes *peer-to-peer* como “redes virtuais que funcionam na Internet com o objetivo de compartilhar recursos entre os participantes, sendo que por princípio não há diferenciação entre os participantes. [...] Em geral, é aceito pela comunidade que sistemas P2P devem suportar os seguintes requisitos: nós podem estar localizados nas bordas da rede; nós com conectividade variável ou temporária e endereços também variáveis; a capacidade de lidar com diferentes taxas de transmissão entre nós; nós com autonomia parcial ou total em relação a um servidor centralizado; assegurar que os nós possuem capacidades iguais de fornecer e consumir recursos de seus *peers*; a rede deve ser escalável; a capacidade dos nós se comunicarem diretamente uns com os outros. Tendo todas estas características, uma rede pode ser dita *peer-to-peer*, mesmo que algumas das funções de controle da rede estejam localizadas em um servidor central (ponto de falha)”.

promover práticas de consumo sustentáveis. A concepção do consumo colaborativo como uma prática sustentável, em Hamari et. al. (2015) está ligada ao distanciamento das pessoas ao consumo ético por razões econômicas e institucionais, assim, com a forma colaborativa em emergência seria um meio de superar esses entraves. A economia compartilhada é um fenômeno econômico e tecnológico direcionado ao “[...] crescimento do consumo consciente, proliferação de comunidades web colaborativas bem como o comércio/compartilhamento social” (HAMARI et. al., 2015, p. 1, tradução nossa).

Hamari et. al. (2015, p. 2) entendem que o consumo colaborativo “[...] se baseia no acesso à propriedade, na utilização de serviços online, bem como em transações monetárias e não monetárias, como a compartilhamento, troca, negociação e aluguel.” Martin (2016) indica que o argumento central para se considerar estas práticas sustentáveis está na mudança cultural que compartilhar os bens do consumidor leva a uma sociedade que compartilha o acesso aos espólios.

Contudo, afirmar que esta lógica é sustentável e alternativa ao sistema capitalista, para Martin (2016), levanta o questionamento sobre a sustentabilidade realmente ser intrínseca ao compartilhamento, ou ser apenas mais uma forma de manifestação do capitalismo neoliberal, mesmo que seja crescente o interesse na natureza e nos impactos da economia compartilhada.

Para tentar compreender melhor esta questão, Martin (2016) define que o significado de *sharing*, ou seja, compartilhar, no senso comum exclui as noções de troca na qual benefícios monetários se destinam a alguma das partes, e neste sentido, seriam excluídas da economia compartilhada as inovações baseadas na alocação de ativos entre a dinâmica de pares. Mas, considerando o compartilhamento do acesso a um ativo, e não o compartilhamento do ativo em si, a adição de valor monetário passa a ser irrelevante, assim, as inovações podem ser consideradas como integrantes da economia compartilhada.

Para o autor, economia compartilhada tem um entendimento mais amplo, e é

[...] (1) uma oportunidade econômica; (2) uma forma mais sustentável de consumo; e (3) um caminho para uma economia descentralizada, equitativa e sustentável. Enquanto os atores que resistem ao desenvolvimento do nicho empregam três diferentes enquadramentos - a economia compartilhada: (4) cria mercados não regulamentados; (5) reforça o paradigma neoliberal; e (6) é um campo incoerente de inovação. (MARTIN, 2016, p.158)

A manifestação deste novo fenômeno não é exclusiva das grandes metrópoles, contudo, ele parte delas e neste contexto é incorporado no modo de vida da sociedade metropolitana, assim, os indivíduos e as empresas demandam por necessidades particulares e especializadas. A manutenção do sistema capitalista tem na tecnologia e na inovação, ferramentas e métodos para ofertar novas tipologias de serviços, atendendo esta demanda.

Nerinckx (2016) aponta como exemplos mais notáveis de uma economia colaborativa ou economia de plataformas os carros compartilhados, locação de imóveis para hospedagem e mecanismos de entrega de bens e serviços. David et al. (2016) afirmam que em muitas áreas o trabalho individual, a *uberização* inclusa, requerem proteção e confidencialidade e estão evoluindo progressivamente para uma organização mais aberta, com colaboração, cooperação, compartilhamento de dados e equipamentos, funcionando em um amplo escopo de atividades profissionais. Assim, uma economia compartilhada é um importante campo no qual modelos de integração e colaboração, arquiteturas, técnicas e tecnologias desempenham um papel maior em promovê-la, facilitando seu desenvolvimento.

David et al. (2016) indicam que o termo *uberization*, traduzido como *uberização*, é um neologismo difundido por Maurice Lévy após entrevista com a *Financial Times* em dezembro de 2014. Este termo é originado na Companhia *Uber* que globalmente popularizou a ação de motoristas de carros de passeio levarem passageiros, competindo diretamente com os táxis. Os autores indicam que o termo *uberização* é usual em referência a “[...] fenômenos em que uma *startup* ou um novo modelo econômico relacionado à economia digital ameaça substituir um modelo econômico antigo” (DAVID et. al., 2016, p. 58, tradução nossa). Alguns exemplos desses serviços mais mencionados são o *AirBnB*, *Booking.com*, *Amazon*, *Uber*, *BlablaCar*, no caso brasileiro podendo ser incluído também o 99, *Rappi*, *iFood*, entre outros.

Os autores indicam que a economia compartilhada e colaborativa é entendida em um sentido amplo incluindo o consumo colaborativo, mas também estilos de vida compartilhados como espaços de *coworking*, co-locação, moradias coletivas; finanças compartilhadas como *crowdfunding*, moedas alternativas (bitcoins); produção contributiva como manufaturas digitais, *Fablabs*, impressoras 3D; e cultura livre.

Esta tipologia de economia, para David et. al. (2016) está alocada no contexto de desconfianças de atores institucionais no capitalismo institucional e da crise econômica, bem como em um contexto ético e ambiental. O crescimento deste fenômeno tem ocorrido devido ao uso de novas tecnologias para melhorar a criatividade e produtividade coletiva e compartilhada. De forma complementar, Nerinckx (2016) traz que é apontado por pesquisas que o potencial econômico da economia colaborativa é significativo, mas é acompanhado por um elevado grau de incertezas quanto aos direitos e obrigações das pessoas atingidas nesta atividade.

Martins e Miranda (2017) compreendem a economia compartilhada a partir de redes de relações compostas por interesses em comum, confiança e interligadas pela tecnologia, que pode ou não vir em formato de plataformas digitais. Estes fatores criam um ambiente favorável para criação de uma rede com muitos contatos e laços fracos, bem como, organiza uma estrutura para que os donos do capital das empresas que gerenciam essas grandes redes e das relações de confiança tenham altas taxas de lucro administrando o capital social, que advém dessas redes.

Os laços fracos criados nesse ambiente atuam na formação e consolidação da profundidade do tipo de relação estabelecida, que tende a superficialidade. Martins e Miranda (2017) indicam que os laços sociais são combinações de relações sociais, compostas por interações. Nas redes sociais virtuais, os laços fracos são disseminados, podendo construir conexões de confiança e promover a ascensão de grandes empresas baseadas na economia compartilhada, como o caso do *Uber* e do *AirBnB* (MARTINS, MIRANDA, 2017).

Martins e Miranda (2017, p. 107) ao relacionarem o capital social (“ativos econômicos, culturais e simbólicos”), a precarização do trabalho e a *uberização*, mostram uma nova face da sociedade. Sintetizando a questão da *uberização*, os autores indicam que

O trabalhador entra com sua força de trabalho, o seu capital (carro), o conhecimento de direção e circulação nas cidades, a capacidade de atendimento ao público, o combustível, além dos riscos inerentes ao trabalho. A empresa, por sua vez, entra com o marketing, a estrutura de rede, e a marca que confere uma aura de segurança e confiabilidade para o cliente. (MARTINS; MIRANDA, 2017, p. 107)

Conclui-se então que a *uberização* explica muito da estrutura social atual, visto que é o perfeito exemplo de como as relações de oferta de serviço ocorrem, desde o capital humano até a força de trabalho. É possível também afirmar que as grandes empresas por trás destes serviços têm um papel essencial em relação a

capturar uma clientela para um novo tipo de serviço, contudo com a formação de um laço fraco de confiança, uma vez que todas as responsabilidades de custo e segurança, cabem ao motorista, tornando evidente as condições de precarização do trabalho. A sociedade que consome este serviço também não põe em pauta os possíveis desgastes desta forma de vida, e sim, molda-se a esses novos meios de convivência e de acesso às facilidades compartilhadas.

Uma economia compartilhada pressupõe o consumo compartilhado, tanto de serviço como de negócios e de modo geral tem boa aceitação pelos consumidores, visto que o compartilhamento não ocorre de forma forçada, contudo as pessoas precisam dividir recursos, incorporando-os aos seus estilos de vida particulares e, de certa forma, esta dinâmica cria um novo modo de interação social.

As interações proporcionadas nesta lógica podem ser materiais ou imateriais, ocorrendo no espaço geográfico real ou virtual. Algumas manifestações espaciais desse modo de vida são indiscutivelmente materiais, como o caso dos espaços de *coworking*, já o caso dos aplicativos de compartilhamento de automóveis ou imóveis, tem a materialidade nos bens em si, mas as interações sociais começam no meio virtual, pelos elos fracos de ligação.

Ao delimitar as particularidades do atual estágio do modo de vida metropolitano, busca-se no próximo capítulo elucidar a questão sobre o surgimento dos espaços de *coworking*, que integram tanto as lógicas desta nova sociedade do compartilhamento, quanto as faces das novas formas e práticas de trabalho. Com a discussão sobre o papel da flexibilização do trabalho, que ocorre a partir do final do século XX, intenta-se compreender o contexto de surgimento desta nova forma espacial que atenderá os trabalhadores que deixam de se encaixar nas formas de trabalho convencionais, direcionando-se não para a informalidade, mas à novas configurações de trabalho e de espaço de trabalho.

2. NOVAS FORMAS E PRÁTICAS DE TRABALHO DA CONTEMPORANEIDADE

As formas e práticas de trabalho do período atual são caracterizadas por uma lógica intrínseca aos avanços tecnológicos e sociais, relacionados tanto à globalização, quanto à reestruturação produtiva. Para contextualizar os avanços, busca-se tecer considerações sobre as transformações econômicas ocorridas a partir do final do século XX, com ênfase no preparo da sociedade para o novo

momento da economia, o novo modo de ofertar serviços e as novas formas de trabalho.

No final do século XX, é indicada por Harvey (1992, p. 117) a ocorrência de uma transformação na economia política do capitalismo e nos “processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado etc.” O autor afirma a ocorrência da transição no regime de acumulação e na regulamentação social e política, inerentes ao regime, nesta lógica, têm-se como necessário fazer “[...] os comportamentos de todo tipo de indivíduos - capitalistas, trabalhadores, funcionários públicos, financistas e todas as outras espécies de agentes político-econômicos - assumirem alguma modalidade de configuração que mantenha o regime de acumulação funcionando”.

A recessão de 1973 e o choque do petróleo, retirou o mundo da estagnação da produção de bens e da alta inflação de preços, movimentando os processos que solaparam o fordismo. Assim, o período das décadas de 1970 e de 1980 foi marcado pela reestruturação econômica, social e política (HARVEY, 1992), assim

[...] os contrastes entre as práticas político-econômicas da atualidade e as do período de expansão do pós-guerra são suficientemente significativos para tornar a hipótese de uma passagem do fordismo para o que poderia ser chamado regime de acumulação “flexível” uma reveladora maneira de caracterizar a história recente. (HARVEY, 1992, p. 119)

Harvey (1992) adota a ideia da transição do fordismo para a acumulação flexível, uma vez que as formas organizacionais não se tornaram hegemônicas em toda a parte, da mesma forma que o fordismo tampouco tornou-se. Para o autor, no que se refere à inserção das novas tecnologias neste sistema de produção, o resultado foi o aumento do “[...] poder de certas camadas privilegiadas; ao mesmo tempo, sistemas alternativos de produção e de controle do trabalho abrem o caminho para a alta remuneração de habilidades técnicas, gerenciais e de caráter empreendedor” (HARVEY, 1992, p. 179-181)

O regime de acumulação flexível, em Harvey (1992), como o próprio nome indica, se apoia na flexibilidade dos processos e mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo. É caracterizado

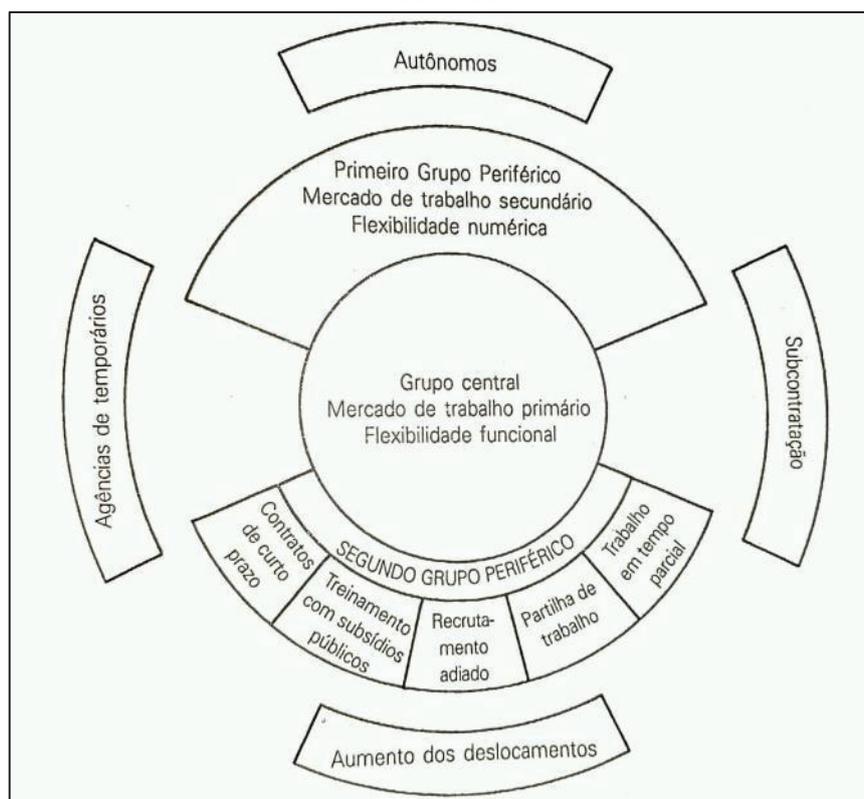
[...] pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento

no emprego chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas [...] Ela também envolve um novo movimento que chamarei de “compressão do espaço-tempo” no mundo capitalista - os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado. (HARVEY, 1992, p.140)

A acumulação flexível teve reflexos diretos no mercado de trabalho, que passou por uma reestruturação, o autor indica que os níveis de desemprego estrutural se mostraram elevados, com altos índices de rotatividade, com adaptação rápida das habilidades individuais, bem como com retrocessos do poder sindical, que marcou como uma coluna política o regime fordista.

Diante deste cenário, os contratantes tiram proveito do enfraquecimento sindical e da quantidade de mão-de-obra excedentes, composta por desempregados ou subempregados, impondo regimes de trabalho e contratos mais flexíveis (HARVEY, 1992). A flexibilidade atua na adaptação do trabalhador para o que as empresas têm como necessidade, como cobrar horas-extras dos funcionários de forma corriqueira e da substituição do emprego regular por trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado. O resultado é uma estrutura de mercado de trabalho do tipo detalhado na figura 1.

FIGURA 3 - ESTRUTURA DO MERCADO DE TRABALHO EM CONDIÇÕES DE ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL.



Fonte: Harvey (1992).

Ao analisar tal esquema interpretativo, ocorre a necessidade de contextualizar temporalmente as contribuições de Harvey (1992), visto que a organização do trabalho distinguia da atual, assim, tratava-se de subcontratação e não do compartilhamento ou da uberização. Ao discutir a complexidade dos modelos de trabalho do presente, apropria-se das discussões do autor, nas proporções cabíveis.

O autor divide a imagem em grupos, o *centro*, grupo que diminui cada vez mais se compõem de empregados “em tempo integral, condição permanente e aposição essencial para o futuro de longo prazo da organização; grupo adaptável, flexível e geograficamente móvel.

A *periferia* abrange dois subgrupos distintos, o primeiro se refere a empregados em tempo integral com habilidades facilmente disponíveis no mercado de trabalho, como pessoal do setor financeiro, secretariado, áreas de trabalho rotineiro e de trabalho manual menos especializado; menos chance de construção de carreira, alta rotatividade; o segundo grupo periférico oferece uma flexibilidade numérica ainda maior e inclui empregados em tempo parcial, empregados casuais,

peçoal com contrato por tempo determinado, temporários, subcontratação e treinandos com subsídio público, tendo ainda menos seguranças de emprego do que o primeiro grupo periférico.

É pertinente compreender como o mercado de trabalho se estrutura no sistema de acumulação flexível, uma vez que posteriormente ao abordar a questão dos espaços de *coworking*, é possível visualizar quais os profissionais buscam esta tipologia de serviço.

Os profissionais que inicialmente buscam por esses espaços enquadram-se na categoria autônomos, mas também acabam optando por este serviço, profissionais subcontratados e dos subgrupos “partilha de trabalho” e “trabalho em tempo parcial”, pertencentes ao segundo grupo periférico.

Para compreender a evolução destas transformações econômicas no cenário brasileiro, Antunes (2004) em meados da década de 2000 destacava como obsoleto tratar a realidade produtiva com base na teoria dos três setores, visto que as mudanças no capitalismo recente, com ênfase e a partir da década de 1990, foi acompanhado por transformações no plano da organização sociotécnica do universo produtivo e por mutações que ocorreram no universo do trabalho, em um “[...] período marcado pela mundialização, transnacionalização e financeirização dos capitais, que certamente reconfiguram o nosso universo produtivo, industrial e de serviços” (ANTUNES, 2004, p. 14).

O padrão de acumulação industrial desenvolvido no Brasil, desde meados da década de 1950 e após 1964, para Antunes (2004, p. 15), possuía uma estrutura produtiva “bi-fonte” voltando-se para a produção de bens de consumo duráveis para o mercado interno e produzia para exportação produtos primários e produtos industrializados. Na sua dinâmica interna, este padrão para o autor foi estruturado por um processo de superexploração da força de trabalho que articulou “[...] baixos salários, jornada de trabalho prolongada e de fortíssima intensidade em seus ritmos, dentro de um patamar industrial significativo para um país que, apesar de sua inserção subordinada, chegou a se alinhar entre as oito grandes potências industriais”.

Na década de 1980 aparecem os primeiros indícios do processo de reestruturação produtiva no Brasil, marcado por mutações organizacionais e tecnológicas no processo produtivo e de serviços (ANTUNES, 2004). O autor destaca que ocorreu a

[...] ampliação da informatização produtiva, principiaram-se os usos do sistema *just-in-time*, da produção baseada em *team work*, nos programas de qualidade total [...] deu-se início, ainda também preliminar, dos métodos denominados participativos, mecanismos que procuram envolvimento dos trabalhadores nos planos das empresas. (ANTUNES, 2004, p. 16)

Contudo, a reestruturação produtiva do capital desenvolve-se intensamente apenas nos anos 1990 com a implantação de modelos oriundos da acumulação flexível e do ideário japonês, semelhantes aos que já se mostravam incipientes na década passada, porém de forma intensificada igualmente ao cenário das formas de subcontratação e da terceirização da força de trabalho.

Atribui-se ênfase a exemplificação da reestruturação produtiva realizada pelas montadoras automobilísticas em Antunes (2004, p. 19), uma vez que esta ocorre através das inovações tecnológicas e na reformulação de *lay-out* das empresas “[...] bem como, através da introdução de mudanças organizacionais, envolvendo a desverticalização, horizontalização, redução de níveis hierárquicos, implantação de novas fábricas de tamanho reduzido e estruturadas com base em células produtivas.”

Em contrapartida, Antunes (2004) indica que entre 1970 e 1990 o setor de serviços aumentou cerca de 50% sua participação relativa na estrutura ocupacional, com grande parcela atribuída ao setor informal, com destaque ao comércio, comunicações e transporte, que absorveram parcelas expressivas de trabalhadores, como os que vinham de postos de trabalho perdidos das indústrias de manufatura. Antunes (2004) indica que

[...] no estágio atual do capitalismo brasileiro, combinam-se processos de enorme enxugamento da força de trabalho, acrescidos às mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização social do trabalho. A flexibilização, desregulamentação, terceirização, as novas formas de gestão da força de trabalho etc. estão presentes em grande intensidade, indicando que, se o “fordismo” parece ainda dominante quando se olha o conjunto da estrutura produtiva industrial e de serviços do país, ele também se mescla com novos processos produtivos, consequência da liofilização organizacional, dos mecanismos de acumulação flexível e das práticas ‘toyotistas’ que foram (parcialmente) assimiladas no setor produtivo brasileiro. (ANTUNES, 2004, p. 25)

Para Harvey (1992) os propósitos de acumulação do capital impõem uma disciplinarização da força de trabalho, e este processo de controle envolve repressão, familiarização, cooptação e cooperação, não apenas na organização do trabalho, mas da sociedade como um todo. Quando ocorre a socialização do

trabalhador, é inerente o controle social das capacidades físicas e mentais individuais, assim

[...] A educação, o treinamento, a persuasão, a mobilização de certos sentimentos sociais (a ética de trabalho, a lealdade aos companheiros, o orgulho local ou nacional) e propensões psicológicas (a busca da identidade através do trabalho, a iniciativa individual ou a solidariedade social) desempenham um papel e estão claramente presentes na formação de ideologias dominantes cultivadas pelos meios de comunicação de massa, pelas instituições religiosas e educacionais, pelos vários setores do aparelho do Estado, e afirmadas pela simples articulação de sua experiência por parte dos que fazem o trabalho. Também aqui o “modo de regulamentação” se torna uma maneira útil de conceituar o tratamento dado aos problemas da organização da força de trabalho para propósitos de acumulação do capital em épocas e lugares particulares. (HARVEY, 1992. p. 119)

Harvey (1992) afirma que existem duas áreas de dificuldade a serem pensadas para que o sistema econômico capitalista mantenha-se viável, sendo a primeira relacionada às qualidades anárquicas dos mercados de fixação de preços, e a segunda à necessidade do controle sobre o emprego da força de trabalho, garantindo a adição de valor na produção e lucros positivos para os capitalistas.

Destaca-se também, que o cenário de crescimento do percentual de autodeclaração de profissionais auto-empregados, como Fleming (2017) indica ocorrer em países como Reino Unido e Estados Unidos da América (EUA), se manifestar como um contexto mundial do mercado de trabalho. Estas pessoas trazem uma nova face do capitalismo, tendo todos os lucros provenientes das suas forças de trabalho, aumentando seus próprios capitais humanos. A teoria do capital humano, considera todas as pessoas como tal, em vez de designar nomenclaturas como cidadão, estudantes e pacientes, funcionários, por exemplo.

O reflexo negativo dessa dinâmica, para o autor, é a individualização da força de trabalho que se enquadra também no contexto da acumulação flexível vista em Harvey (1992), manifestada na precarização, principalmente, das condições de trabalho, uma vez que o profissional independente passa a ser responsável por possibilitar que o trabalho seja desenvolvido, arcando com todos os custos, materiais e imateriais, relacionados à saúde, transporte, treinamento, entre outros. Em decorrência desta responsabilidade, os espaços de *coworking* fazem sentido, visto que são uma estratégia para facilitar a autonomia destes profissionais.

Uma vez que o capital humano não traz benefícios reais aos trabalhadores auto-empregados, Fleming (2017) o concebe como uma fraude pois, considerando

os fatores já mencionados, seus princípios estão conectados com a crescente insegurança econômica, trabalhos de baixa qualificação e dívidas pessoais.

Martins e Miranda (2017, p. 97) buscam compreender o capital social nas redes de relação, essas redes causam efeitos na construção da organização econômica e na dinâmica de atuação dos indivíduos dentro delas. O capital social pode ser entendido como um conjunto das relações sociais nas quais o indivíduo se integra na dinâmica, uma vez que no mercado de trabalho atual ocorre um sistema de trocas e merecimento, a mão de obra é informal, terceirizada e *uberizada*, com imposição de padrões de comportamento e incentivos através de premiações para que o indivíduo continue integrado no grupo social.

A *uberização* da organização social e econômica implica uma nova dinâmica que deve considerar as questões da precarização do trabalho, como a perda de direitos, segurança, ofertas de novos postos, mercados e desvalorização da força de trabalho, em função do uso do tempo individual e do capital humano (MARTINS, MIRANDA, 2017).

Apesar destas formas de trabalho aparentarem uma certa autonomia, as tecnologias e a estruturação da economia compartilhada acabam atuando em função de propiciar “[...] a concentração de capital nas mãos de poucos através do movimento de muitos” (MARTINS, MIRANDA, 2017, p. 99). A estrutura de manutenção do capitalismo e da concentração econômica, a partir da contínua precarização do trabalho têm como agentes “[...] o processo de desconstrução salarial, a gradual perda de direitos trabalhistas; a globalização como fator de regularização da força de trabalho e a instauração de novos modos de remuneração flexível.” (MARTINS, MIRANDA, 2017, p. 102).

Nerinckx (2016, p. 246) aponta que a “*European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions*” identificou pelo menos nove novas formas de emprego desde 2000, incluindo o “[...] compartilhamento de funcionários; compartilhamento de trabalho; gerenciamento interino; trabalho casual; trabalho móvel baseado nas TIC; trabalho baseado em *voucher*; portfólio de trabalho; emprego *crowd*; emprego colaborativo”, em tradução livre. O autor destaca então o papel da flexibilidade como chave nestas novas formas de trabalho, que atendem a demanda de empregados e empregadores.

No momento em que o modelo de acumulação impõe a alteração comportamental dos indivíduos, ocorre a possibilidade de ascensão de novas

práticas econômicas, que são pensadas a partir das demandas da sociedade do período atual. Enfatiza-se que nesse contexto do capitalismo, as novas formas de trabalho ocorrem com lócus nas cidades e entende-se os espaços de *coworking* como novas formas espaciais para uma parcela de trabalhadores específicos dessa sociedade.

Gandini (2015) diz que formas de emprego fora do padrão tornaram-se comuns, com a ascensão do mercado de trabalho individualizado que leva os profissionais urbanos a compor uma mão-de-obra informal, baseada em projetos e força de trabalho *freelancer*. Spinuzzi (2012) corrobora este pensamento, afirmando que os profissionais “móveis” podem optar por trabalhar em escritórios, suítes executivas, *home-offices* ou outros espaços, e alguns, escolhem os espaços de *coworking* para esta função.

Neste sentido, o surgimento destes espaços, tanto para alocar empresas, mas principalmente, trabalhadores independentes, significa a materialização destas novas alternativas na cidade. Novas alternativas para atender um contingente de trabalhadores que são diretamente afetados pelas dinâmicas do mercado de trabalho na acumulação flexível, pelo revés do capital humano e que buscam na economia compartilhada alternativas para continuar exercendo sua força de trabalho, mantendo as oportunidades de estarem inseridos no sistema capitalista.

Ao considerar o contexto e as condições que permeiam o momento em que os espaços de *coworking* emergem na sociedade como uma alternativa tanto de empreendimento, quanto de local de trabalho, a próxima seção aborda o surgimento, as definições e discussões recorrentes na literatura sobre estes espaços como problemática de pesquisa.

2.1. O SURGIMENTO DOS ESPAÇOS DE COWORKING

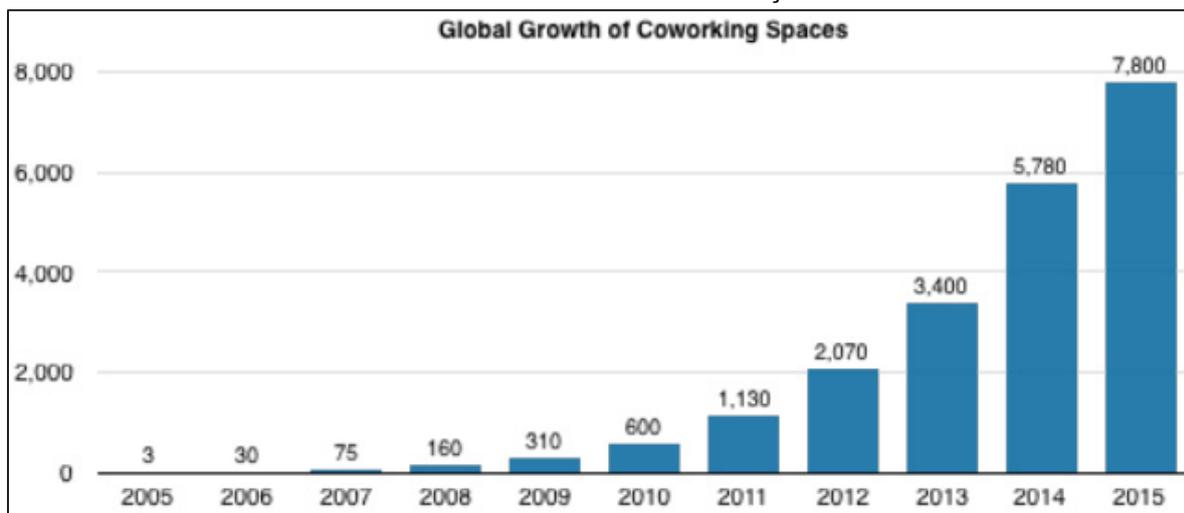
Os primeiros espaços de *coworking* contemporâneos surgiram em 2005 nos EUA, na cidade de San Francisco e vem se disseminando também nas cidades europeias durante a última década (FERREIRA et al., 2017; GANDINI, 2015). Gandini (2015) indica que isto trouxe uma terceira via de trabalho, entre uma vida profissional padrão, com um local de trabalho bem delimitado e tradicional em um ambiente comunitário, e entre uma vida profissional independente, como *freelancer* e com liberdade, onde o trabalhador instala-se em casa em isolamento.

Gandini (2015) esclarece que esta nova forma de trabalho é nomeada *coworking*, sem o hífen, com o objetivo de indicar a prática de trabalhar individualmente em um ambiente compartilhado, diferenciando-se de *co-working*, que indica trabalhar em conjunto com uma equipe, ou com outro profissional em um mesmo projeto, mesmo que estes termos sejam usados de forma intercambiável. Waters-Lynch e Potts (2017) indicam que o termo *coworking* foi criado em São Francisco, no ano de 2005, pelo programador Brad Neuberg, que viabilizou uma nova possibilidade de locação de espaço de trabalho, com divulgação online e direcionada a trabalhadores independentes.

Moriset (2013) relaciona também o surgimento destes espaços às iniciativas de projetos de desenvolvimento urbano que visam a criação de “distritos criativos”. Desta forma, o autor os relaciona com uma tendência econômica constituída pelo surgimento da economia do conhecimento e da economia digital.

Bouncken e Reuschl (2018) afirmam que mundialmente mais de 500 mil indivíduos usam estes espaços, que somavam mais de 2 mil no total pelo globo em 2013 e indicam uma lacuna nas pesquisas sobre as formas e processos nos espaços de *coworking* e sobre como seus usuários o usam para desenvolver o empreendedorismo e suas situações financeiras. Waters-Lynch e Potts (2017) atualizam a informação sobre o crescimento global dos espaços de *coworking*, que pode ser vista na figura 4, somando cerca de 7.800 para o ano de 2015, enquanto em 2010 somavam cerca de 600 espaços e em 2005, apenas 3.

FIGURA 4 - CRESCIMENTO GLOBAL DOS ESPAÇOS DE COWORKING.



Fonte: Waters-Lynch e Potts (2017, p. 8).

Waters-Lynch e Potts (2017) apontam o fato de os espaços de *coworking* caracterizarem um fenômeno globalmente disperso, presente em cerca de 80 países. Contudo, os autores fazem a ressalva, uma vez que “apesar da difusão geográfica entre os países, os espaços de *coworking* tendem a se agrupar nos subúrbios criativos internos das cidades 'vibrantes cognitivo-culturalmente” (WATERS-LYNCH; POTTS, 2017, p. 8, tradução nossa). Em comparação com Curitiba, a dinâmica não seguiria a organização de subúrbios, e sim corresponderiam às áreas centrais.

Quando os espaços de *coworking* surgiram, Waters-Lynch e Potts (2017) indicam que nos anos iniciais eles se distinguiram do anterior setor de serviços para escritórios por dois sinais principais, a ênfase explícita na atividade social e colaborativa e o design estético e material dos espaços. Os autores indicam que estes espaços correspondem a uma solução social para um problema de coordenação de informações em uma economia do conhecimento empresarial.

Waters-Lynch e Potts (2017) entendem os espaços de *coworking* como

[...] ambientes de escritório compartilhados que um grupo heterogêneo de trabalhadores (em vez de funcionários de uma única organização ou setor) paga para usar como local de trabalho, para se envolver em interação social e às vezes colaborar em empreendimentos compartilhados [...] Os espaços de *coworking* são operados por terceiros, geralmente como empresas privadas e com fins lucrativos, embora existam algumas variedades sem fins lucrativos, cooperativas e administradas publicamente. Nós nos referimos a esses atores terceirizados que gerenciam os espaços de *coworking* como empreendedores do espaço de *coworking*. Os espaços de *coworking* geralmente cobram uma taxa mensal pelo acesso ao espaço de trabalho e serviços associados, semelhante a associações de academias e outros acordos semelhantes a clubes. A relação entre colegas de trabalho e um espaço de *coworking* geralmente é enquadrada como 'associação'." (WATERS-LYNCH; POTTS, 2017, p. 4- 5, tradução nossa)

Waters-Lynch e Potts (2017) indicam que quando os primeiros espaços de *coworking* surgiram, eram frequentemente caracterizados por uma estética pós-fordista idiossincrática, que buscava pela máxima trabalhar e se divertir, com a construção de um ambiente de trabalho descontraído, contando até mesmo com a presença de mesas de tênis de mesa, por exemplo. Contudo, os autores apontam que, apesar desta estética ainda se mostrar presente, existe uma tendência de movimentos convergentes no setor de espaço de trabalho, com grandes empresas que ofertam serviços de escritório, como a *Regus* e *Servcorp* passando a ofertar também o *coworking*, além de alguns grandes fornecedores desta modalidade, como *We Work*, adotarem o uso de um design padronizado.

Gandini (2015) compreende os espaços *coworking* como ambientes de trabalho compartilhado por diferentes tipos de profissionais, assemelhando-se a discussão de Waters-Lynch e Potts (2017) supracitada. Estes espaços podem ser considerados uma nova tendência de negócio e de trabalho colaborativo e/ou compartilhado, bem como enquadrando-se em novas práticas econômicas como a economia compartilhada (DAVID et. al., 2016; BOUNCKEN, REUSCHL, 2018) e na economia alternativa (MÉNDEZ, 2015).

Bouncken e Reuschl (2018) indicam que muitos usuários de espaços de *coworking*, em particular dos especializados, são trabalhadores independentes, *freelancers* ou microempresários que buscam o benefício de menos responsabilidades administrativas, acesso às boas localizações e a interações sociais que propiciem uma relação de troca de conhecimento, visões e aprendizado, além da construção de *networking*.

Bouncken e Reuschl (2018) definem os espaços de *coworking* a partir de dois aspectos, o compartilhamento de espaços de escritório e o compartilhamento de espaços sociais além do escritório. Os autores afirmam que ambos proporcionam interações sociais, trocas de conhecimento e ideias, indo além apenas do compartilhamento de um espaço.

Contudo, é fundamental esclarecer como é de fato este espaço físico compartilhado de trabalho. De forma mais detalhada, Campos et. al. (2015) os define a partir do compartilhamento de

[...] estrutura física, mobiliário, custos de locação, serviços de telefonia, internet e secretária, bem como, de um endereço comercial, gerando um ambiente propício ao *networking*, a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimentos, a participação de eventos e a programas de capacitação. Este ambiente possibilita a geração de novos negócios, a inovação, o empreendedorismo, a disseminação do conhecimento (CAMPOS et. al., 2015, p. 7)

Waters-Lynch e Potts (2017) destacam a diferença existente entre os espaços de *coworking* e as empresas de gerenciamento de escritórios anteriores. Espaços como centros de negócios e suítes executivas já ofertavam de forma remunerada o acesso a instalações de escritórios e localizações estratégicas. Contudo, os autores indicam que com a digitalização contínua do trabalho do conhecimento, com destaque à ascensão dos telefones celulares e *e-mails*, as

principais instalações de serviços prestados aos escritórios, como linhas telefônicas fixas, aparelhos de fax e endereços de caixas de correio, perderam seu valor.

Além disso, Waters-Lynch e Potts (2017) apontam o desenvolvimento de tecnologias digitais, como *notebooks*, a acessibilidade à internet sem fio, *softwares* com base em nuvem, atribuiu independência das amarras que ligavam as atividades de trabalho ao local. Para Moriset (2013) em decorrência dos avanços tecnológicos e da globalização, o local de trabalho e de residência perdeu sua relevância, dando margem à ascensão dos trabalhadores chamados “águias solitárias” (do inglês *lonely eagles*), contudo a possibilidade de localização livre tem certa complexidade e os espaços de convivência mostram que não perderam sua relevância. Para o autor, ocorre a tendência de interesse destes trabalhadores em áreas urbanas, retratadas como mais criativas e amigáveis à essa classe.

A partir dos anos 2000, este contexto levou a novas práticas de trabalho organizadas em torno de indivíduos, escolhendo locais de trabalho temporários e adotando formas leves de cooperação social intencional, relacionada ao trabalho e à aprendizagem, assim, os autores indicam que o *coworking* passou a ser um termo representativo para esse arranjo. Moriset (2013) e Campos et al. (2015) indicam que um dos pontos principais de destaque dos espaços de *coworking* é justamente a interação entre profissionais e a troca de experiências.

Bouncken e Reuschl (2018) mostram que em paralelo à interação, os espaços de *coworking* provêm altos níveis de autonomia, que inclui o acesso e o uso da infraestrutura disponibilizada e a auto-regulação dos horários de trabalho. Por ser uma forma de trabalho sem hierarquias, no que se refere aos profissionais independentes, a autonomia se manifesta também na própria forma de trabalho, que passa a ser de livre escolha. Os autores também indicam a questão da liberdade no sentido de buscar alvos comerciais e não-comerciais, visto que os usuários podem, além do trabalho, buscar nestes espaços lazer e desejos culturais e sociais além do trabalho profissional, o que pode instigar a criatividade.

Waters-Lynch e Potts (2017), afirmam que quando considerados no modelo padrão, os espaços de *coworking* são o substantivo coletivo da disseminação de novas tipologias de negócios e proposições de valor agregado no mercado de aluguel de escritórios gerenciados para o ascendente número de profissionais que não se contentam em trabalhar em *home-office* ou em ambiente de escritórios convencional.

Os autores indicam que a partir da economia neoclássica, as comodidades ofertadas nesta modalidade de serviço (localização, arquitetura, comunidade de gerenciamento, etc.) são atributos agrupados ou diferenciais de compensação que competem com outros ambientes de trabalho alternativos, como as opções supracitadas. Nesta visão os espaços de *coworking* podem ter seu surgimento explicado como uma forma de adaptação e diferenciação dentro de um mercado seguindo as demandas específicas de seu público-alvo, baseadas em preferências diversificadas e individuais (WATERS-LYNCH; POTTS, 2017).

A caracterização da demanda que possibilita o crescimento dos espaços de *coworking* assemelha-se à configuração social oriunda da Terceira Revolução Urbana referenciada em Ascher (2010). Assim, destaca-se a transição de como o mercado busca atender as demandas que surgem da sociedade, visto que, em um momento anterior, isto se dava de forma coletiva, e neste período passam a ocorrer de forma individualizada, cada indivíduo tem uma demanda específica baseada em sua necessidade ou preferência particular, assemelhando-se a discussão que Waters-Lynch e Potts (2017) sobre os espaços de *coworking* na visão da economia neoclássica.

Além destas faces apresentadas neste período indicado por Ascher (2010), é pertinente destacar também, que a Terceira Revolução Urbana é caracterizada pela possibilidade de novas morfologias urbanas com a ampliação do sistema BIP (Bens, Informações e Pessoas), de novas tecnologias de transporte e comunicação, a ascensão de espaços-tempo individuais e a ressignificação da distância e do tempo, o caráter da autonomia é alterado para obrigatório e a liberdade de escolha torna-se mais flexível, seja na escolha de modalidade de trabalho, como *freelancers*, e também no ambiente e localização do posto de trabalho.

A compreensão desta tipologia de espaços à luz de Ascher (2010) é corroborada por Ferreira et al. (2017), para quem os espaços de *coworking* podem assumir diferentes configurações e diferir em termos de tipos de públicos-alvo, sendo de difícil identificação em relação às estatísticas oficiais de atividades econômicas. Desta forma, estes espaços, como morfologia urbana, são moldados para atender ao perfil de diferentes profissionais, com suas próprias demandas, autonomia e liberdade de escolha, que escolhem instalar seu posto de trabalho onde for mais vantajoso, dificultando de fato a contabilização destes espaços nas estatísticas oficiais.

Ferreira et. al. (2017) indicam que os espaços de *coworking* contribuem para o desenvolvimento econômico e que podem contribuir para a regeneração urbana, uma vez que estes espaços podem ser alocados em edifícios antigos. É possível afirmar que a instalação desses espaços é bem articulada com o mercado imobiliário, uma vez que busca por localizações estratégicas, imóveis amplos e adaptáveis, e incorporam-se na cidade através desses mercados, ao menos no sentido material.

Moriset (2013) indica que a computação e as telecomunicações que atuam de forma onipresente, impulsionaram transformações em toda a indústria imobiliária de escritórios. Ocorre uma dupla tendência, de grandes empresas concentrarem seus cérebros em megacampos, como *Renault* e seu *Technocentre* em Paris e a *Google* com a sede do *Googleplex* em Mountain View; e ao mesmo tempo, o local de trabalho ligado ao conhecimento, nunca foi tão flexível e suscetível a hibridações, como compartilhamento de mesas de trabalho, em escritórios reduzidos que contam com funcionários com alta mobilidade. A partir deste processo, o autor enfatiza os espaços de *coworking* como um “terceiro espaço”, um espaço de trabalho paralelo ao escritório convencional e ao *home-office*.

Quem oferta esta tipologia de serviço são empresas novas e especializadas, assim os espaços de *coworking* oferecem espaço de escritório e de socialização, temporários ou não. Campos et al. (2015) indicam como exemplo de redes mundiais de *coworking*: *Impact Hub* e *NextSpace*, as redes italiana e chinesa, respectivamente, *Cowo Coworking* e *Xindanwei*; e no Brasil apontam nomes como o *NexCoworking* e *Nós Coworking*. No Brasil, além das redes nacionais é expressiva a presença de *coworkings* de redes internacionais, e de acordo com Moriset (2013) em 2013 haviam 95 espaços de *coworkings* no país, sendo a maior concentração dessa tipologia de espaços na América Latina, superando países como México (21 espaços) e Argentina (19 espaços).

Storper e Venables (2005, p. 24) ao teorizar sobre a motivação para que as atividades econômicas continuem a aglomerar-se no espaço geográfico, definem algumas possibilidades referidas às aglomerações de trabalhadores, que podem ser usadas para compreender a existência de formas espaciais como os espaços de *coworking* nas cidades. Uma delas se refere à “Mercados de trabalho robustos de qualificações especializadas”, em que os trabalhadores são especializados e

inseridos na alta rotatividade de empregos, ligada às relações de trabalho tradicional.

A outra possibilidade se refere à “Mercados de trabalho urbanos como lugares onde carreiras se formam e pessoas ‘aprendem’”, compostos por trabalhadores especializados que buscam maximizar a duração de carreira e salários, e inserem-se na economia variada com grande rotatividade e probabilidade de aprendizagem e desenvolvimento de carreira, economicamente significam grandes ganhos e se aplica a indústrias de alta especialização e qualificação.

Os espaços de *coworking* geram uma forma de trabalho não tradicional ao propor o compartilhamento de espaço e profissionais das mais diversas áreas fazem uso dessa tipologia de espaço. Porém, estes espaços não conformam relações de trabalho tradicionais, como indicado pelos autores na primeira possibilidade de compreensão da aglomeração de trabalhadores e proporcionam uma aglomeração da força de trabalho, sendo estes profissionais independentes ou funcionários de empresas que nele se instalam.

A compreensão sobre a aglomeração de trabalhadores de Storper e Venables (2005), indica o fator da especialização de trabalhadores, algo presente nos espaços de *coworking*, e a segunda em particular, indica uma dinâmica que se assemelha em alguns pontos à essa nova forma de trabalho. Isso porque, estes espaços são propícios para composição de ambientes em que as pessoas iniciam suas carreiras construindo uma rede de contatos profissionais e aprendizagem das mais diversas áreas de atuação profissional.

Bouncken e Reuschl (2018) categorizam a tipologia de usuários que buscam os espaços de *coworking*, sendo estes trabalhadores independentes, *freelancers* e empreendedores (com ou sem uma equipe de funcionários próprios). Como principais motivações de uso, são indicadas o uso do espaço aproveitando a infraestrutura tecnológica, para aquisição de conhecimentos (seja nos eventos ou nas trocas entre pares) e para socialização.

Dentre os provedores dos espaços de *coworking*, os autores indicam que estão as empresas, instituições públicas, universidades e companhias, que ofertam o serviço para o público ou dentro de sua área empresarial apenas para funcionários. Bouncken e Reuschl (2018) indicam que os espaços de *coworking* considerados públicos oferecem filiação aberta para todos, enquanto empresas e

corporações que têm espaços de *coworking* de uso restrito, também restringem o livre acesso.

Os autores destacam uma questão pertinente sobre os provedores deste serviço, eles não necessariamente são donos do prédio ou do escritório em que o espaço de *coworking* é instalado, ocorrendo um cenário de sublocação deles, para os usuários. Este processo se assemelha aos empreendimentos hoteleiros, visto que os provedores podem optar por elementos específicos do design corporativo, da arquitetura corporativa e dos sistemas corporativos, podendo atender consumidores que têm demandas específicas, e até mesmo marcas ou sistemas de franquias.

Jakonen et. al. (2017) afirmam que diferentes campos do conhecimento voltam o olhar aos espaços de *coworking*, assim ocorrem distintas classificações dos espaços, visto que estes estudos mostram que o uso e as práticas que os constroem podem não ser os mesmos. Contudo, afirmam também que os gerenciadores e os usuários dos espaços acreditam nesta forma de organização para atender às necessidades contemporâneas de flexibilidade do trabalho ligado ao conhecimento.

Waters-Lynch e Potts (2017) buscam compreender quais os serviços que os *coworkers* estão realmente adquirindo e chegam em uma diferenciação dos empreendimentos em três categorias, escritórios com serviços, *coworking* e uma forma mista. Os autores consideram os espaços de *coworking* a partir de um modelo conceitual simples de *coworking* que enfatiza a aprendizagem social e a coordenação tácita.

Kojo e Nenonen (2016) classificam os espaços de *coworking* da Finlândia em seis tipologias com base em dois eixos, o modelo de negócio, com e sem fins lucrativos, e o nível de acesso do usuário, que poderia ser público, semi-privado e privado. As categorias identificadas foram escritórios públicos, *third places*, centros (*hubs*) de colaboração, hotéis de *coworking*, incubadoras e estúdios compartilhados.

Para os autores, espaços de *coworking* que representam o modelo de negócios sem fins lucrativos são os escritórios públicos, que correspondem a espaços de *coworking* acessíveis ao público, aberto a todos de forma gratuita como bibliotecas; os *third places* também tem o acesso livre ao público, mas o uso do espaço requer a compra de um produto, como o caso de cafeterias; e *hubs* de colaboração são administrados por organizações com o objetivo de facilitar a colaboração entre membros de um determinado grupo de interesse.

Kojo e Nenonen (2016) definem também os espaços de *coworking* que representam o modelo de negócio com fins lucrativos são os hotéis de *coworking*, que correspondem a provedores de serviços que oferecem espaço de escritório compartilhado por um período de tempo curto e um pacote de serviços compacto; as incubadoras ofertam um local de trabalho compartilhado para um grupo pré-selecionado de indivíduos ou equipes para apoiar o empreendedorismo; e os estúdios compartilhados são escritórios compartilhados em que uma organização ou empresário subloca seu local de trabalho com uma concessão flexível (a partir de meses).

Salovaara (2015) classifica em espaços tradicionais de *coworking*, hubs para grupos específicos de profissionais, aceleradores para *startups* de alto crescimento e hotéis para escritórios. Boucken et. al. (2016) em seu estudo sobre espaços de *coworking* na Ásia os distinguem entre espaços de *coworking* corporativos (ou seja, espaços dentro de grandes corporações) e espaços comerciais de *coworking* (ou seja, espaços fornecidos por gerentes e proprietários de espaços). Além dessas tipologias, existem abordagens como a divisão de Pearce-Neudorff (2014) entre *hackerspace*, espaço de *coworking*, *makerspace* e laboratório de inovação.

A classificação dos espaços de *coworking* mostra-se necessária para analisá-los, visto que apesar de terem como base o pressuposto da colaboração e do compartilhamento, muitos estudos empíricos se deparam com espaços de natureza distinta. Os espaços não deixam de ser pensados para o *coworking*, mas adquirem particularidades que impossibilita concebê-los como o mesmo objeto de estudo.

Os espaços de *coworking* surgem e se estabelecem nas cidades inicialmente como uma alternativa ao *homeoffice*, como um ambiente que facilita a instalação de microempresas, tem como base o compartilhamento, a colaboração e o contato face a face com pessoas, tanto para *network*, quanto para *brainstorm*. O que se observa com pouco mais de uma década que estes espaços se consolidaram, é uma evolução da configuração do *coworking* como uma nova alternativa de ambiente de trabalho, preenchendo uma lacuna no mercado e representando uma opção inovadora e inteligente no que se refere a localização do posto de trabalho de empreendedores.

A partir da elucidação sobre o surgimento dos espaços de *coworking*, o próximo capítulo tentará traçar um panorama mais detalhado sobre as dinâmicas destes espaços, compreendendo como esse fenômeno se manifesta na área de estudo, a metrópole de Curitiba, e de forma mais ampla conhecendo quem são os usuários e os provedores deste serviço, que se manifesta geograficamente no espaço urbano e econômico.

3. CURITIBA E A INSERÇÃO DOS ESPAÇOS DE *COWORKING* NA ECONOMIA METROPOLITANA

Os espaços de *coworking* surgem no contexto metropolitano, visto que as particularidades abordadas no capítulo anterior mostram que as cidades que possuem forte presença da economia criativa em suas atividades, correspondem às metrópoles. Estes espaços se conformam em empreendimentos que modificam o espaço urbano, com a finalidade de atender a demanda de uma sociedade e de um sistema produtivo com especificações similares a da sociedade hipertexto de Ascher (2010).

Ao abarcar todas estas características, os *coworkings* conformam-se os espaços inteligentes na metrópole. A inteligência contida nos espaços de *coworking* corresponde às particularidades necessárias à parcela da sociedade que os utiliza. Assim, compreendê-los a partir da metrópole de Curitiba, torna possível traçar discussões sobre o espaço geográfico a partir da forma-conteúdo do período atual. Santos (2006) versa sobre a definição do conceito de forma-conteúdo, assim

A cada evento, a forma se recria. Assim, a forma-conteúdo não pode ser considerada, apenas, como forma, nem, apenas, como conteúdo. Ela significa que o evento, para se realizar, encaixa-se na forma disponível mais adequada a que se realizem as funções de que é portador. Por outro lado, desde o momento em que o evento se dá, a forma, o objeto que o acolhe ganha uma outra significação, provinda desse encontro. Em termos de significação e de realidade, um não pode ser entendido sem o outro, e, de fato, um não existe sem o outro. Não há como vê-los separadamente. A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações. (SANTOS, 2006, p. 66)

Abordar os espaços de *coworking* como forma-conteúdo do período atual significa que as dinâmicas geradas por essa nova tipologia de espaço inteligente são consideradas como um processo e um resultado oriundos da metropolização e da inventividade que surge a partir dos centros metropolitanos.

Curitiba passou por grandes transformações na escala intraurbana a partir da década de 1990, período no qual a internacionalização da metrópole começa a se intensificar através da alteração do perfil de importantes setores da atividade econômica, moldando-se às demandas das grandes corporações (FIRKOWSKI, 2004).

Estas alterações seguem as lógicas da globalização, já discutidas no capítulo 1, contudo, Firkowski (2004) indica alguns elementos do setor de serviços

que se destacaram no processo de internacionalização. Dentre eles estão o setor hoteleiro, os *shopping centers*, os hipermercados e os serviços corporativos, desta forma é pertinente destacar a localização e materialização geográfica do setor de serviços, que ocorre na metrópole. Apesar destes serviços estarem consolidados em Curitiba, o poder de inovação da metrópole é constante, e assim, as novidades surgem nela, seja na forma de ideias ou através de grandes estruturas espaciais, esta última, sendo o foco para a presente análise.

Corroborando as considerações sobre as estruturas espaciais ligadas à globalização, para Volochko (2007, p. 78) o mercado capitalista, ao produzir elementos do ambiente construído, levam a uma modalidade específica de mercadoria, a mercadoria “espaço”. Dentre estes elementos estão casas, edifícios residenciais e comerciais, fábricas, escolas, clubes, *Shopping Centers*, condomínios, e, adicionando na presente pesquisa, os espaços de *coworking*.

O autor afirma que

[...] a produção (propriamente capitalista) do espaço (“novos espaços”) não pode ocorrer na totalidade do tecido metropolitano, apresentando uma concentração em regiões situadas em zonas de maior valorização fundiária ou em perspectiva de valorização acelerada. Esta dinâmica resulta socialmente em uma agudização das desigualdades socioespaciais da metrópole, ao concentrar espacialmente os investimentos, revelando a seletividade espacial dos capitais que, assim, imprimem no ambiente construído sua lógica de hierarquização e fragmentação. (VOLOCHKO, 2007, p. 78)

Desta forma, além dos espaços de *coworking* concentrarem-se em cidades específicas (MORISSET, 2013), é suscetível que ocorra uma concentração também na escala intraurbana da metrópole. Em Finatti (2009), o caso dos condomínios empresariais das áreas metropolitanas e da macrometrópole no estado de São Paulo, é diretamente articulado ao capital imobiliário e aos agentes econômicos, que diferem da simples concentração de empresas de natureza semelhante com uma única matriz, ou da conformação de distritos industriais pelo poder público.

Para compreender as relações intraurbanas exercidas pelos espaços de *coworking* na metrópole de Curitiba, propõem-se a análise da distribuição desses espaços na cidade e considerações sobre as dinâmicas relacionadas aos mesmos. O caso dos espaços de *coworking* em Curitiba difere, em parte, do apontado por Finatti (2009), uma vez que a concentração e distribuição não conformam condomínios, contudo, busca-se investigar qual a proporção que estes espaços são

condicionados pela ação de agentes econômicos e de empresas de natureza internacional.

Sánchez (2010) tece considerações acerca das fases de Curitiba, no contexto da reinvenção das cidades para o mercado mundial. Para a autora, Curitiba passa por Cidade Modelo em relação ao zoneamento, transporte, etc, na década de 1970; Capital Ecológica com políticas ambientais, entre 1989 e 1992; Capital da Cultura, com equipamentos de animação cultural, entre 1993 e 1996; Capital Tecnológica, a partir da reestruturação industrial, entre 1997 e 2000.

O período atual pode ser entendido em Sánchez (2010) a partir da reestruturação industrial somada com novos movimentos emergentes, como a instituição do Vale do Pinhão³, o *citymarketing* de Curitiba como cidade mais inteligente do país (*smart city*), concentração de agências de inovação, de *startups*, *fablabs*, entre outros. A inserção dos espaços de *coworking* em Curitiba se enquadra na concepção de *smart city*, visto que corrobora a funcionalidade da cidade como inteligente e inovadora.

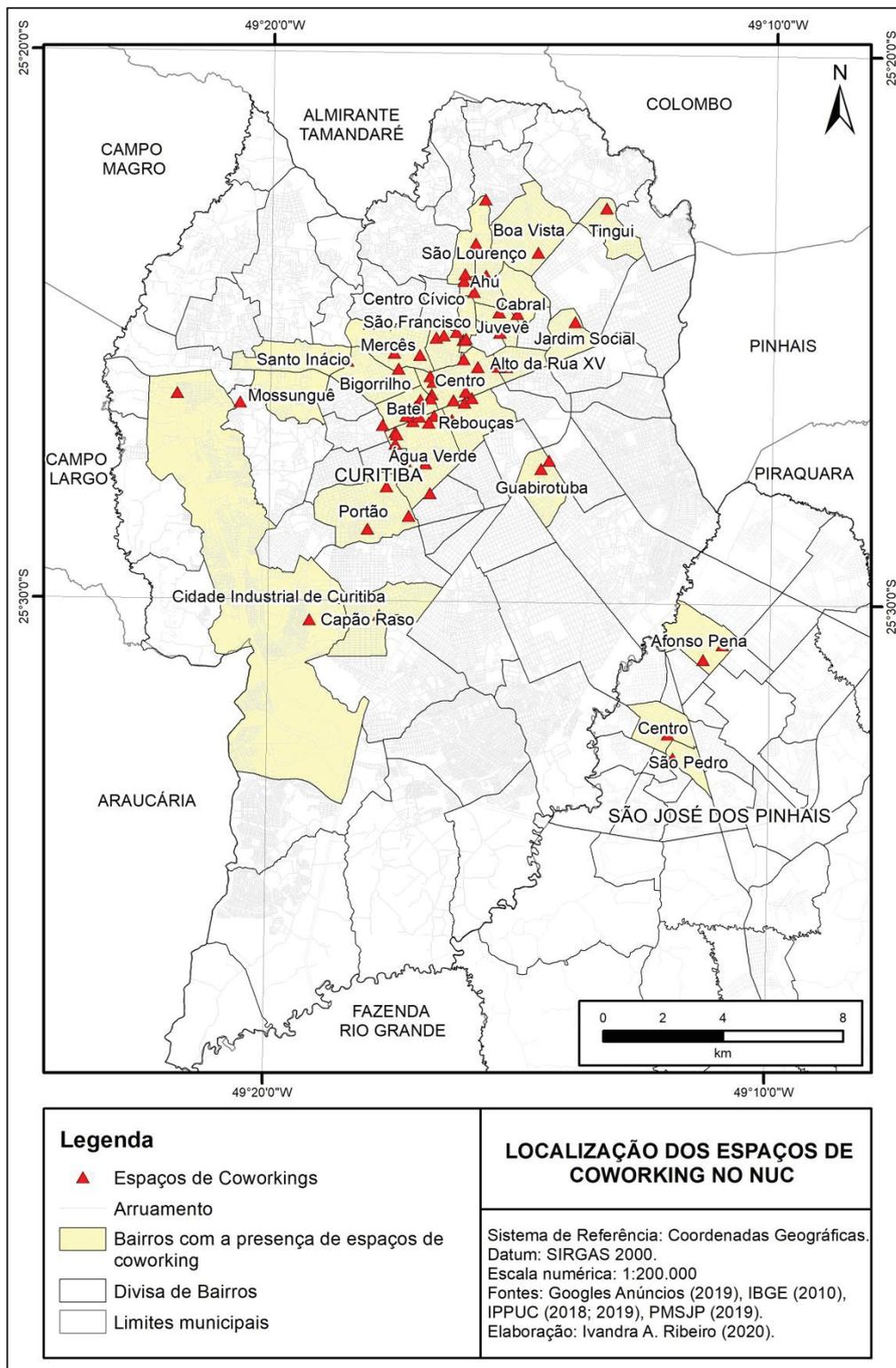
Curitiba é indicada como uma *smart city* pelo *Intelligent Community Forum* (ICF) que anualmente divulga uma listagem de *smart cities* que apresentam cinco fatores para ter uma comunidade inteligente, sendo eles conexões banda larga, mão de obra ligada ao conhecimento, inclusão digital, inovação, marketing e advocacia (NAM, PARDO, 2011). Considera-se assim, que Curitiba é uma cidade que apresenta manifestações virtuais e materiais da chamada economia cognitiva, sendo uma espacialidade de referência para compreender as dinâmicas relacionadas aos espaços de *coworking*.

A partir do levantamento de campo, chegou-se ao resultado que, para o ano de 2019, o NUC (vide definição contida na página 15) possui 62 espaços de *coworking*, contudo concentrados em apenas 2 municípios dos 14 que o compõem, sendo 58 em Curitiba e 4 em São José dos Pinhais indicados na figura 6. Os

3 O Vale do Pinhão, que faz alusão ao Vale do Silício na Califórnia, é um programa criado pela Prefeitura de Curitiba, através da Agência Curitiba de Desenvolvimento S/A, envolvendo também todas as secretarias municipais, bem como o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná (SEBRAE-PR), a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP) e a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná (FECOMERCIO-PR). O objetivo é promover ações de Cidades Inteligentes e construir um ecossistema de inovação em Curitiba (AGÊNCIA CURITIBA DE DESENVOLVIMENTO S/A, s./d).

espaços de *coworking* em Curitiba concentram-se em 22 dos 75 bairros e em São José dos Pinhais, concentram-se em 3 do total de 42 bairros.

FIGURA 5 - LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE COWORKING NO NUC.



Org.: A autora (2020).

A distribuição espacial dos espaços de *coworking* aponta que cerca de 93,5% deles estão concentrados em Curitiba. A metrópole, como indicado em Storper e Venables (2005), representa o lócus da inventividade. Desta forma, o resultado obtido a partir da análise do percentual concentrado é que os espaços de *coworking*, considerados novidade tanto na oferta de serviços, quanto no estabelecimento de uma nova modalidade de trabalho, reforçam a afirmação dos autores. Além disso, eles estão diretamente relacionados a um novo momento econômico, e tem suas dinâmicas pautadas na inventividade e na criatividade, mostrando que essas lógicas estão centralizadas na metrópole.

Considerando a natureza inventiva da metrópole, Storper e Venables (2005) também indicam como fundamental para o desenvolvimento de algumas atividades econômicas o contato face a face, denominado pelos autores de burburinho. Isto posto, o espaço de sociabilização do trabalho dos *coworkings* mostra que, em uma sociedade de escolhas (ASCHER, 2010), avanços tecnológicos e de comunicação, o caráter material das metrópoles ainda se mostra relevante e atrativo.

Alguns autores, como Mossato (2007), buscaram relacionar a oferta de novas modalidades de comércio e serviços inseridos nas lógicas das empresas globais, estritamente ligados à rede hoteleira, com a emergência de novas centralidades no contexto da reestruturação urbana à luz da internacionalização. Assim como Lima e Gadens (2017) buscaram investigar o surgimento de novas centralidades urbanas a partir do sistema de mobilidade de Curitiba, em uma análise que abrangeu questões pertinentes sobre o planejamento urbano.

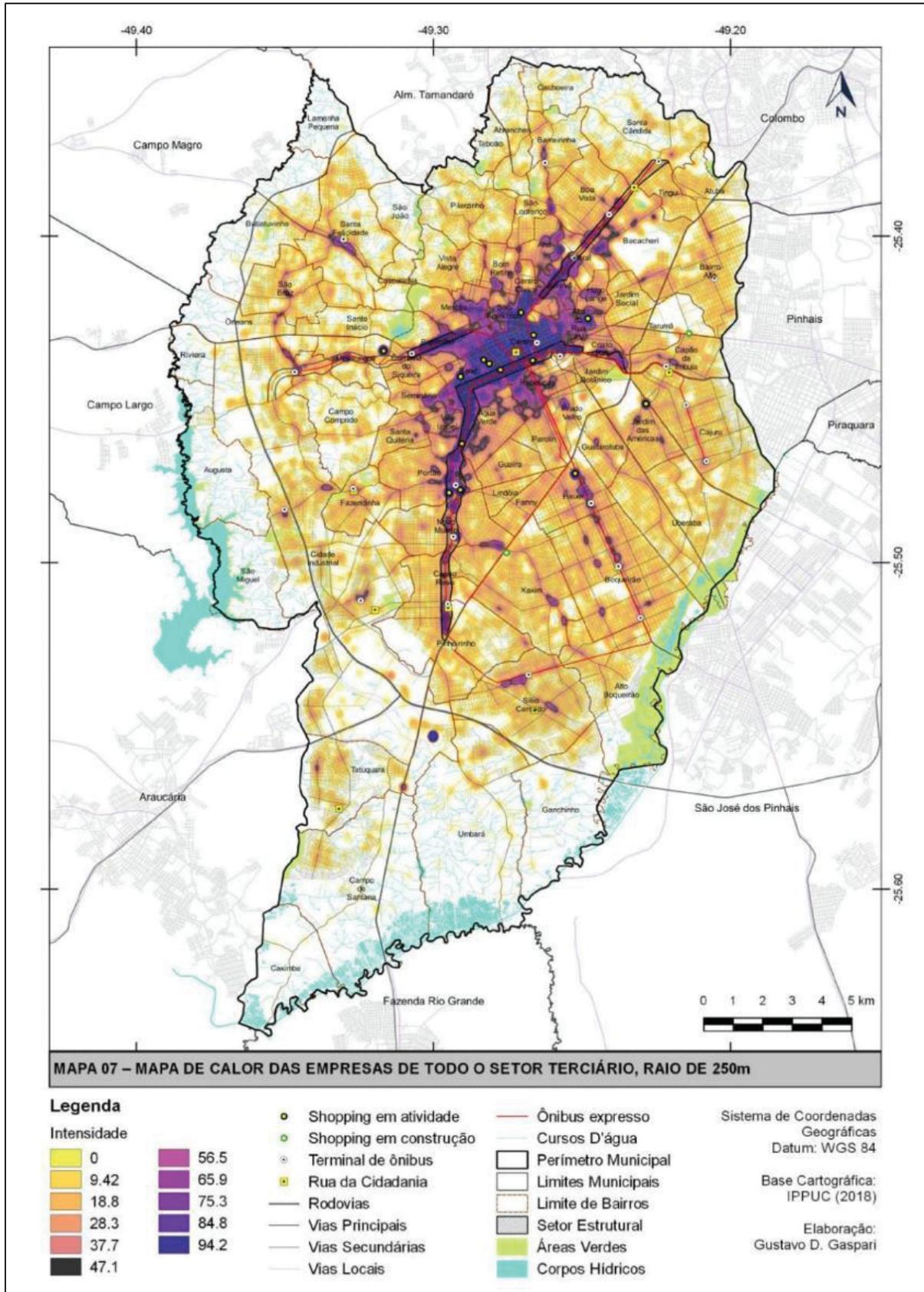
Contudo, no caso dos espaços de *coworking* é observado um movimento inverso, como Ferreira et. al. (2011) indicam em sua análise sobre novos equipamentos urbanos de consumo e de lazer, chegam ao resultado que estes reforçam a centralidade já existente em Curitiba, e neste caso, não ocorre o surgimento de novas centralidades urbanas. Nas últimas décadas a metrópole reforçou sua centralidade em relação aos demais municípios do aglomerado metropolitano, assim,

[...] essa centralidade expõe a relação indissociável entre a localização dos empreendimentos e as diretrizes do planejamento urbano que privilegiou as classes mais abastadas, “restando” aos mais desprovidos ocupar as áreas fora do interesse direto do capital especulativo – locais de risco, áreas de mananciais, terrenos afastados e desguarnecidos de equipamentos urbanos. (FERREIRA et. al., 2011, p. 33)

A figura 6 apresenta o mapa de calor das empresas de todo o setor terciário, elaborada por Gaspari (2019)⁴. É possível verificar que a concentração dos espaços de *coworking* segue as mesmas lógicas indicadas no mapa para a cidade de Curitiba, contribuindo para afirmar que os espaços de *coworking* reforçam as centralidades preexistentes. Nota-se que até pontos isolados, como na CIC e no Guabirota, assemelham-se nas figuras 5 e 6.

⁴ Gaspari (2019) aborda o tema da formação de áreas de centralidade no espaço urbano e tem Curitiba como locus de análise.

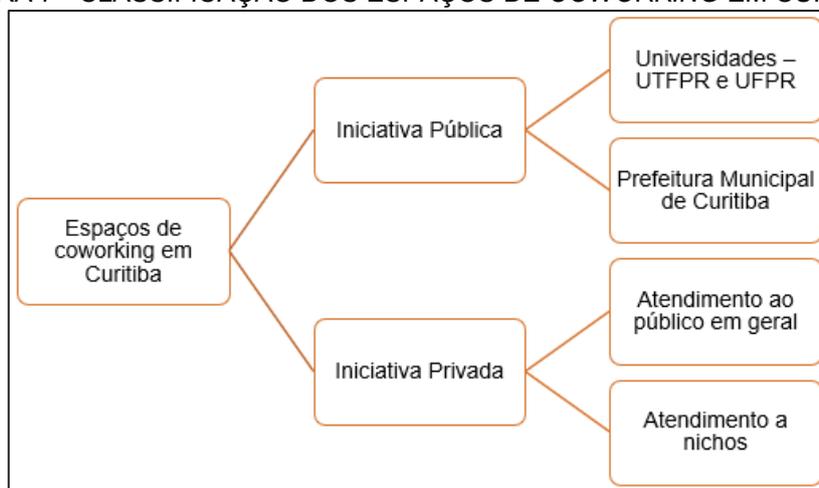
FIGURA 6 - MAPA DE CALOR DAS EMPRESAS DO SETOR TERCIÁRIO.



Fonte: Gaspari (2019).

A partir do levantamento de campo, os espaços de *coworking* em Curitiba foram classificados conforme indica a figura 7. A classificação consiste em duas divisões principais, sendo os espaços originados da iniciativa pública e os espaços originados da iniciativa privada.

FIGURA 7 - CLASSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DE *COWORKING* EM CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

No caso dos espaços da iniciativa pública, foram identificadas dois tipos de instituições de origem. A primeira delas é a Prefeitura Municipal de Curitiba - PMC, com o espaço de *coworking* Worktiba que funciona através licitações, não tem custo e é direcionado a empreendedores ligados a desenvolvimento tecnológico e a causas sociais. Além da PMC, ligado a iniciativa pública existem os *coworkings* das universidades públicas, a Universidade Federal do Paraná, com o hub de inovação, e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com o Hotel Tecnológico e o Centro de Inovação. No segundo caso, a partir da iniciativa privada foram identificadas duas naturezas de espaços de *coworking*, os espaços direcionados ao atendimento ao público em geral, e os direcionados a nichos específicos, seja cultural, musical, direcionado a construção civil, a marcenaria e a Organizações da Sociedade Civil.

A classificação dos espaços de *coworking* mostrou-se necessária para melhor análise dos espaços enquanto sua localização na metrópole, visto que no caso da iniciativa pública, principalmente, o fator locacional não pode ser considerado como de livre escolha, pois as instituições possuem uma lógica distinta para determinar a localização dos empreendimentos, seja em campi universitário já existente, ou espaços públicos não utilizados pela prefeitura. Além do fator

locacional, a classificação permite uma melhor análise do público alvo para oferta do serviço, analisando se nichos específicos possuem uma lógica diferente ou não.

Os quadros 1 e 2 trazem os dados referentes à localização dos espaços de *coworking* por bairro tanto em Curitiba, quanto em São José dos Pinhais, a organização se deu da maior concentração para a menor e nos valores repetidos, alfabeticamente. Os resultados de Mossato (2007) apontam o bairro Batel como uma nova centralidade no contexto da análise da rede hoteleira, assim, os espaços de *coworking* reforçam a centralidade inerente às dinâmicas do bairro. A autora e Ferreira et al. (2011) versam sobre a localização da oferta de serviços ligados às novas lógicas da globalização privilegia as classes mais altas, o que se confirma com o resultado obtido.

QUADRO 1 - BAIROS COM LOCALIZAÇÃO DE ESPAÇOS DE COWORKING EM CURITIBA.

N.	Bairro	Espaços de <i>Coworking</i>	N.	Bairro	Espaços de <i>Coworking</i>
1	Água Verde	9	12	Cidade Industrial	2
2	Centro	7	13	Guabirota	2
3	Batel	6	14	Juvevê	2
4	Centro Cívico	4	15	Bigorriho	1
5	Ahú	3	16	Boa Vista	1
6	Mercês	3	17	Cabral	1
7	Portão	3	18	Campo Comprido	1
8	Rebouças	3	19	Capão Raso	1
9	São Francisco	3	20	Jardim Social	1
10	São Lourenço	3	21	Santo Inácio	1
11	Alto da Rua XV	2	22	Tingui	1
Total					59

Org.: A autora (2020).

QUADRO 2 - BAIROS COM LOCALIZAÇÃO DE ESPAÇOS DE COWORKING EM SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.

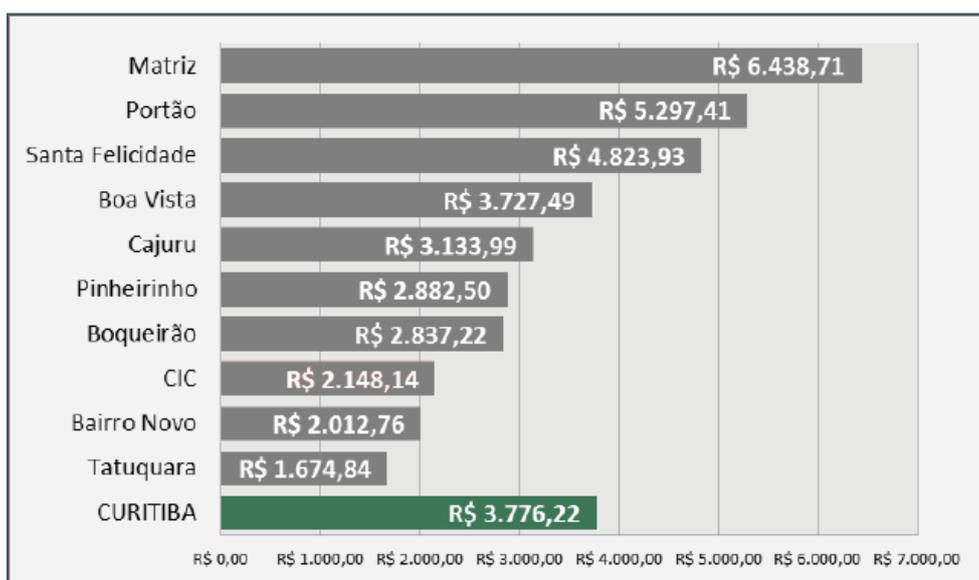
N.	Bairro	Espaços de <i>coworking</i>
1	Afonso Pena	2
2	Centro	1
3	São Pedro	1
Total		4

Org.: A autora (2020).

A discussão sobre a localização dos espaços de *coworking* em Curitiba apoia-se nos dados fornecidos pela Agência Curitiba (2017), que são organizados a partir das regionais⁵. Contudo, por exemplo, os bairros que mais possuem tais empreendimentos, mesmo que sejam limítrofes, são de regionais distintas. Há também o caso de regionais que apresentam apenas um bairro com a presença de espaços de *coworking*, assim, para versar sobre a ocorrência deste fenômeno, a análise se dará a partir dos bairros que apresentam maior similaridade quanto a quantidade de empreendimentos em seus limites.

Os 5 bairros com maior concentração de espaços de *coworking* estão localizados na região central de Curitiba, correspondendo a duas regionais, a Matriz e a Portão, o bairro Batel possuía em 2015 um rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes de R\$9821,57, na sequência, o Centro R\$4695,13, Água Verde R\$7594,76 (AGÊNCIA CURITIBA, 2017d; 2017f). Ao considerar este recorte, nota-se que os espaços de *coworking* estão localizados próximos à população mais favorecida economicamente. A figura 8 indica o rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes por regional de Curitiba. Ressalta-se que as regionais indicadas são as que se destacam neste atributo.

FIGURA 8 – RANKING DO RENDIMENTO NOMINAL MÉDIO MENSAL DOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES NAS REGIONAIS – 2010.

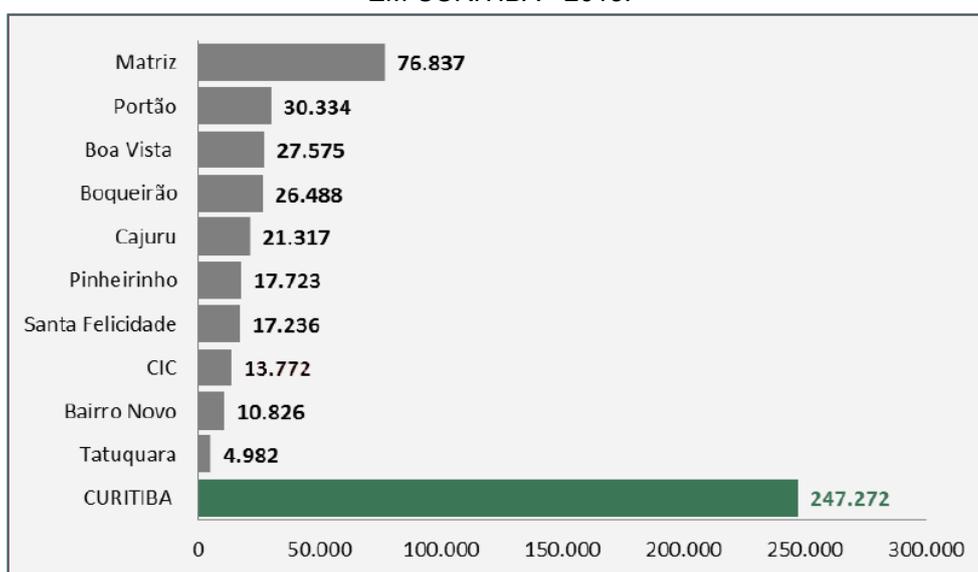


Fonte: AGÊNCIA CURITIBA (2017a), adaptado.

⁵ Segundo a PMC (s.d.) a “Regional é a área de abrangência de cada território em que a cidade está dividida administrativamente. Curitiba possui dez Regionais, destinadas à operacionalização, integração e controle das atividades descentralizadas”.

A figura 9 traz o ranking dos estabelecimentos econômicos formais nas regionais em Curitiba para o ano de 2015, segundo a Agência Curitiba (2017a, p. 17) “o Centro é o bairro que concentra o maior número de estabelecimentos da regional, ou seja, quase 38%. Os bairros Rebouças, Batel e Bigorriho participam com 8,5%, 7,6% e 6,7%, respectivamente [...]”. As regionais Matriz e Portão, são respectivamente a primeira e segunda maiores concentrações de estabelecimentos econômicos formais de Curitiba.

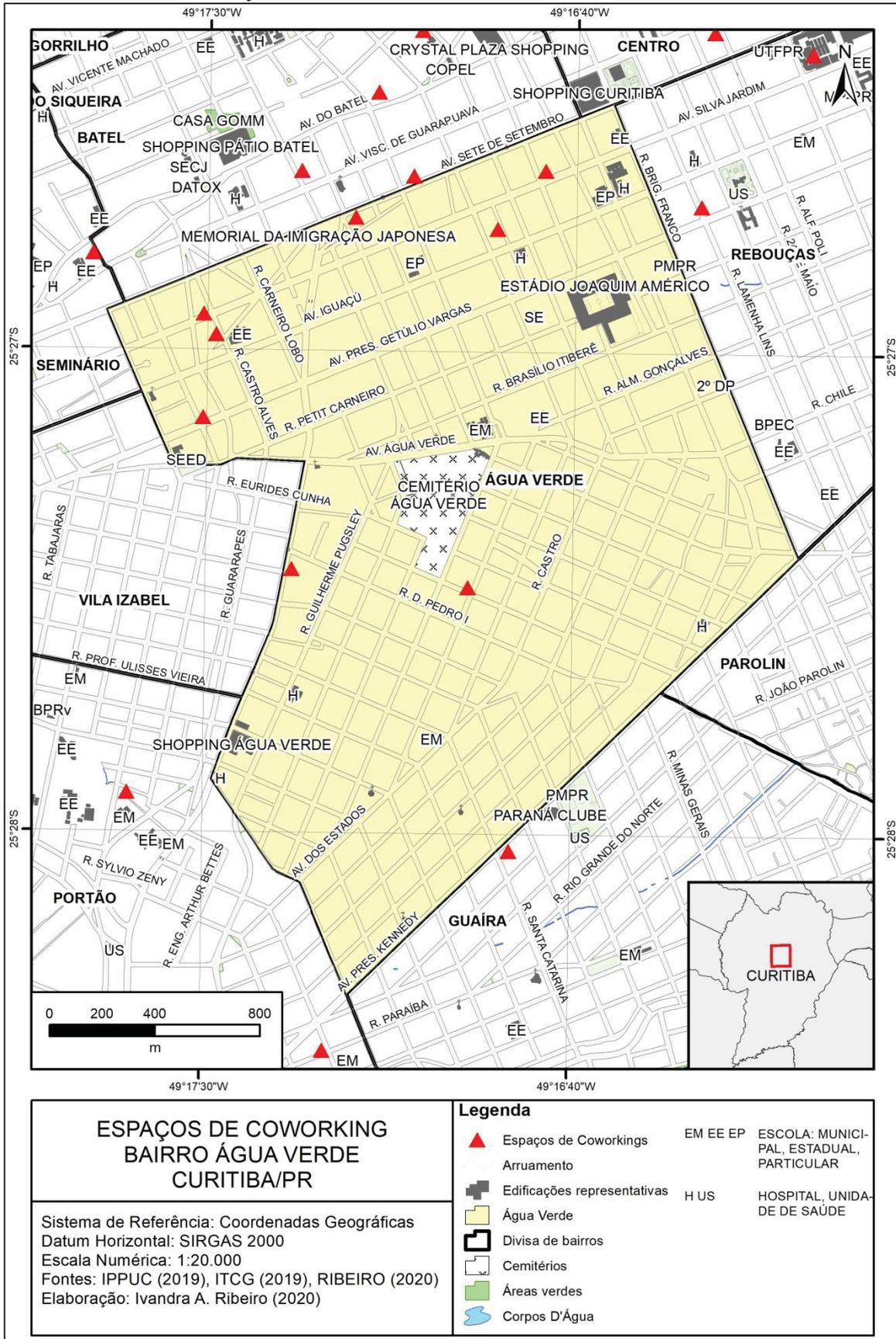
FIGURA 9 - RANKING DOS ESTABELECIMENTOS ECONÔMICOS FORMAIS NAS REGIONAIS EM CURITIBA - 2015.



Fonte: AGÊNCIA CURITIBA (2017a), adaptado.

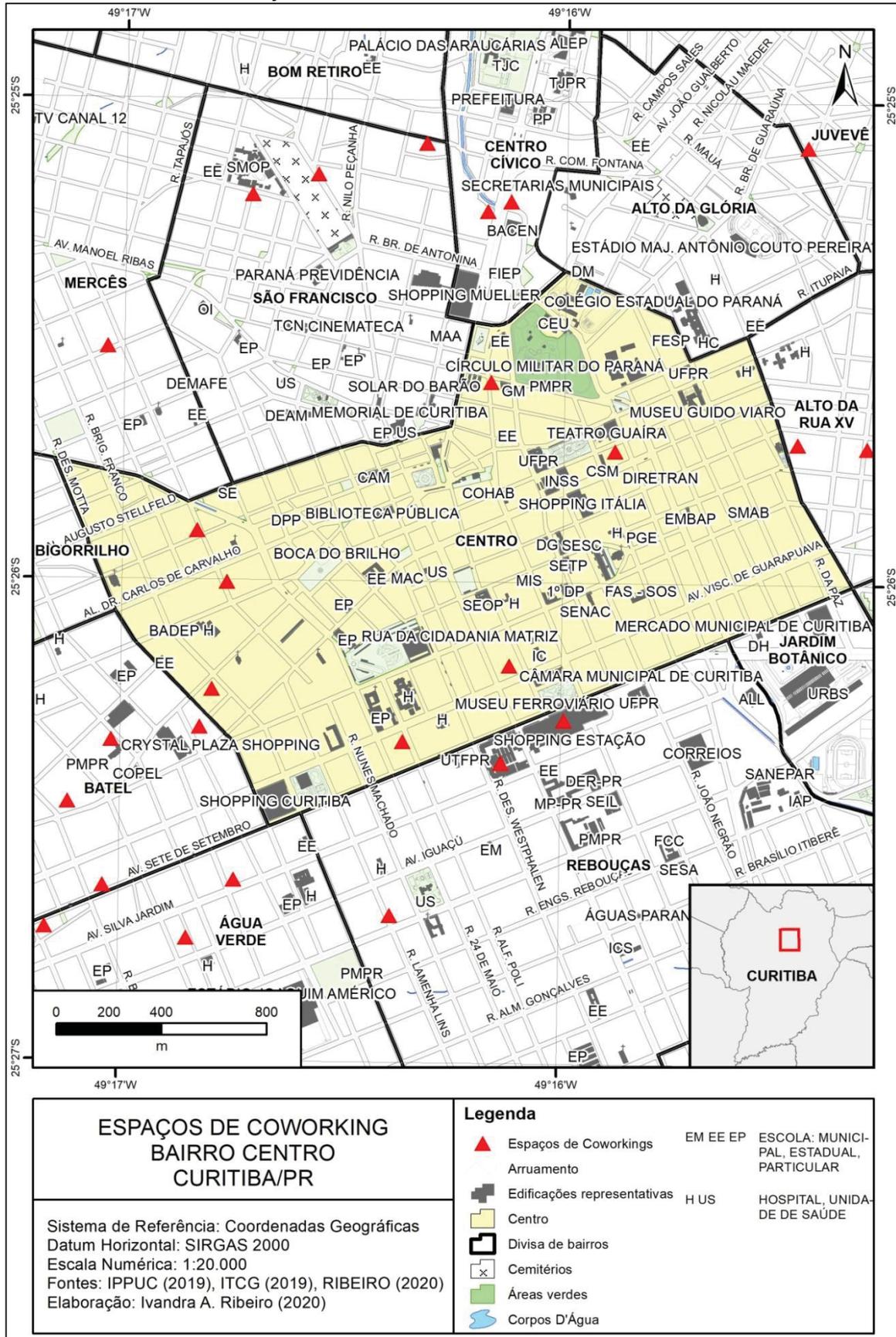
Os bairros que possuem maior presença de espaços de *coworking* são limítrofes e correspondem ao Água Verde (figura 7) da regional Portão, ao Centro (figura 7) e ao Batel (figura 8), ambos da regional matriz. Respectivamente, os bairros possuem 9, 7 e 6 espaços de *coworking*. No caso do bairro Água Verde todos os espaços são classificados como oriundos da iniciativa privada e direcionados ao público em geral. O bairro Batel é similar quanto à origem na iniciativa privada, contudo, um espaço é direcionado ao nicho da construção civil. O bairro Centro tem dois espaços que se diferenciam, um pertencendo à iniciativa pública, uma das sedes do empreendimento da PMC, e outro pertencendo à iniciativa privada, porém para público alvo do nicho cultural. Na figura nota-se que os *coworking* se concentram nas divisas de bairros, entre o Água Verde e Batel, e entre o Batel e o Centro.

FIGURA 10 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO ÁGUA VERDE - CURITIBA.



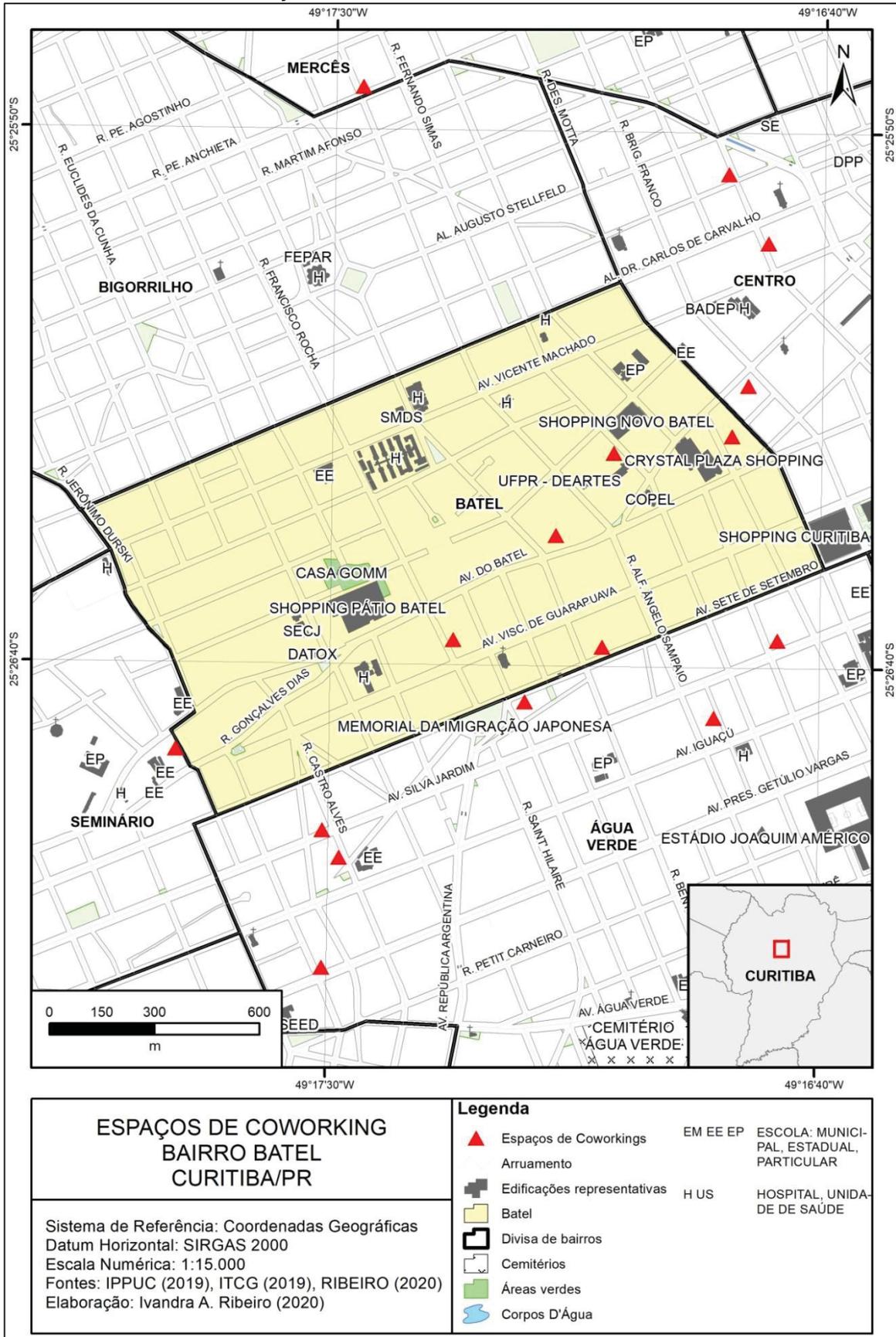
Org.: A autora (2020).

FIGURA 11 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CENTRO - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

FIGURA 12 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO BATEL - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

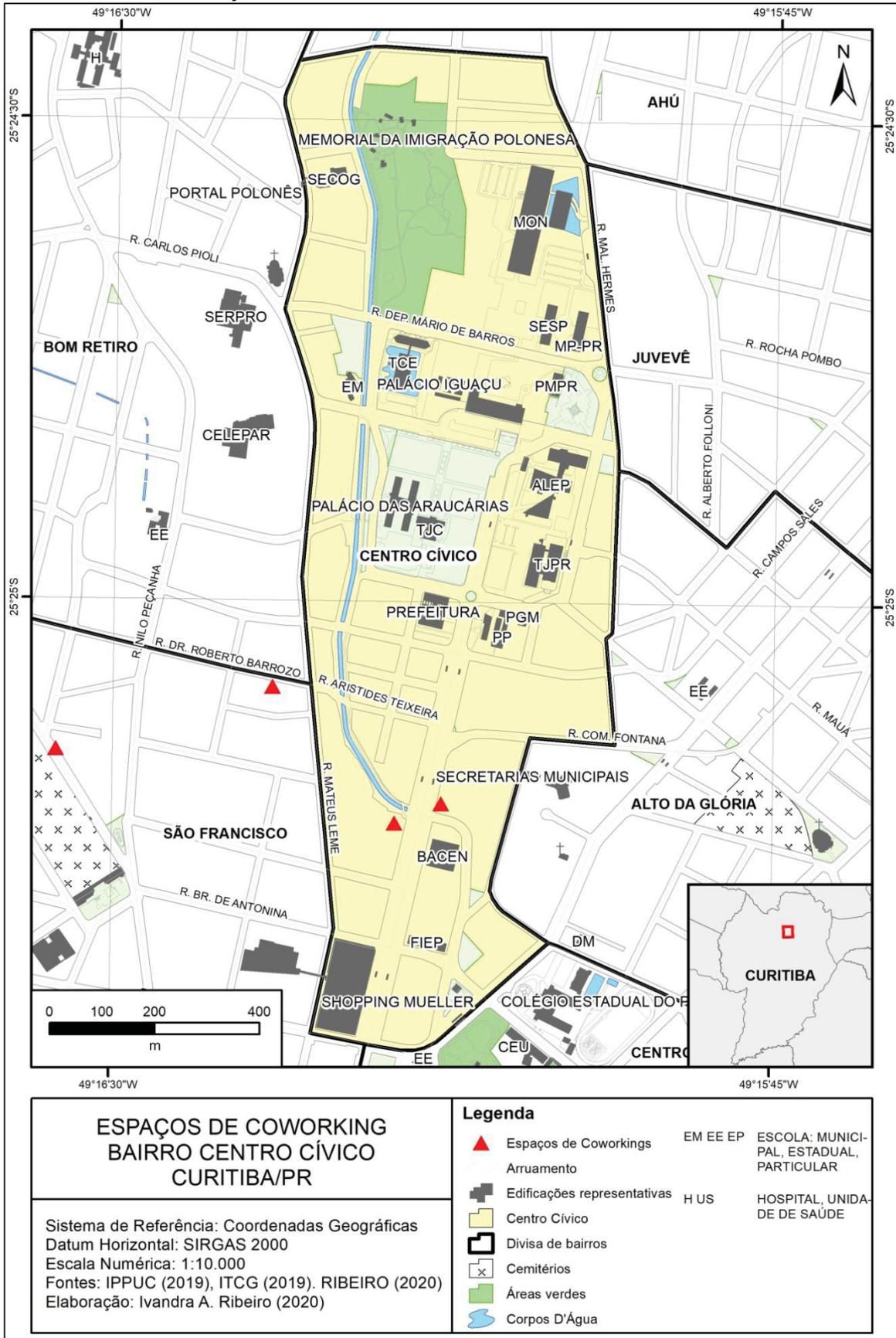
O setor de serviços é o mais representativo nos bairros que mais possuem espaços de *coworking*. O bairro Água Verde possui 5.812 estabelecimentos econômicos formais destinados a oferta de serviços, correspondendo a 58,1% dos estabelecimentos totais do bairro (soma dos setores indústria, comércio, serviços e outros); o bairro Centro possui 16.792 estabelecimentos que correspondem a 57,9% do total; e o bairro Batel possui 3.791, que correspondem a 64,7% (AGÊNCIA CURITIBA, 2017d; 2017f).

Os *coworkings* correspondem a categoria “serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas”, de atividades segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE, contudo não são a única atividade a compor esta categoria, dificultando a contabilização exata. Na regional Matriz os serviços correspondem a 58% dos estabelecimentos, dos quais 6,3% referentes aos serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas; na regional Portão corresponde a 49%, destes sendo 5,3% serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas (AGÊNCIA CURITIBA, 2017d; 2017f). Em Curitiba, o valor absoluto de estabelecimentos desta categoria é de 12.011, cerca de 4,8% do total de estabelecimentos e a 10,4% dos estabelecimentos de serviços. No bairro Água Verde, a categoria mencionada corresponde a 5% (valor absoluto 605) do total da categoria para Curitiba, no Centro, 17,2% (valor absoluto 2.072) e no Batel, 2,6% (valor absoluto 324).

O rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes dos bairros Água Verde, Centro e Batel, correspondem respectivamente, ao rendimento médio, o menor e o maior. Já na porcentagem de estabelecimentos da categoria descrita na CNAE, o bairro de destaque foi o Centro, seguido pelo Água Verde e então Batel. Estes dados não indicam um fator locacional diferenciado para os espaços de *coworking* estarem em um bairro específico da regional Matriz.

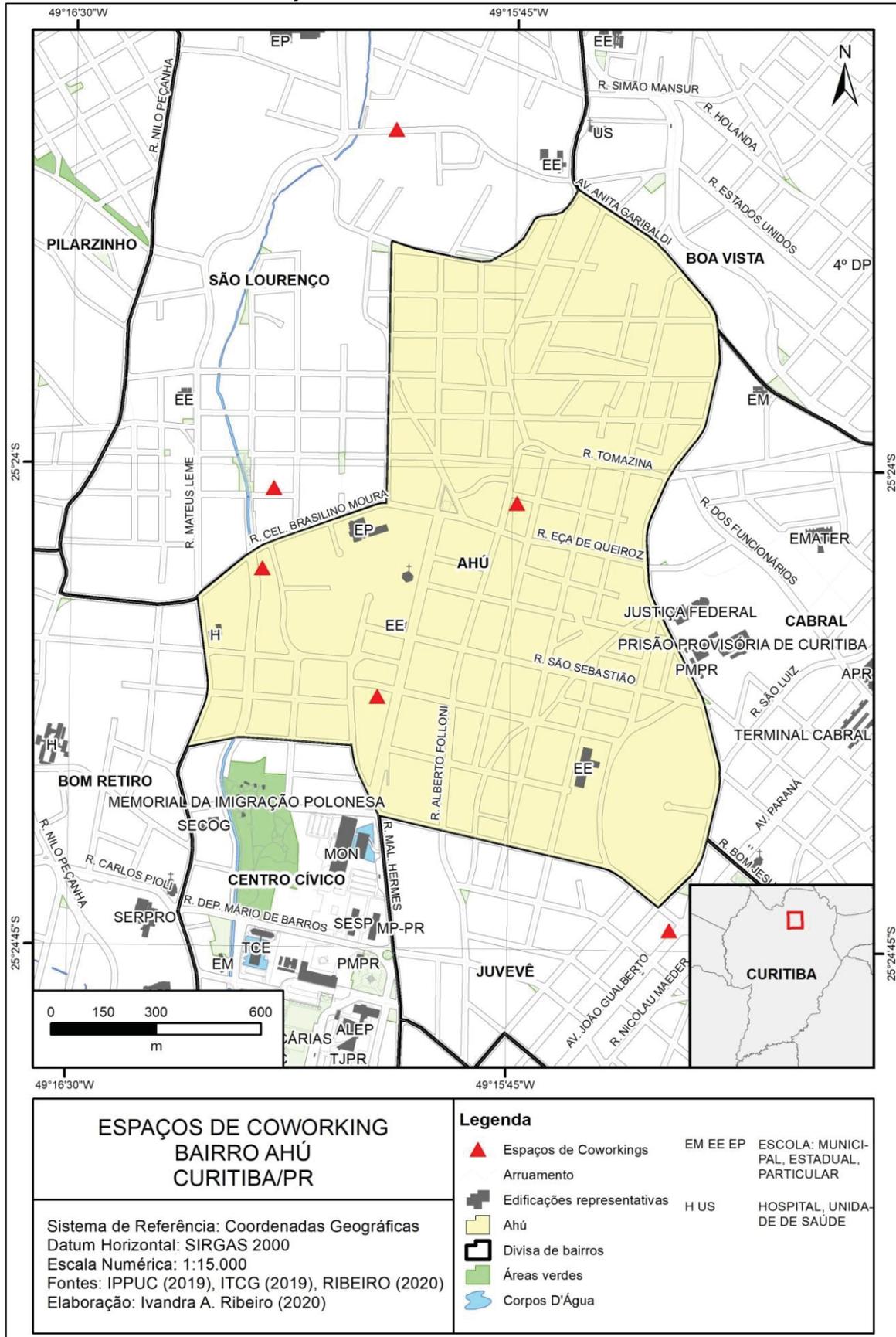
Os bairros seguintes na concentração de espaços de *coworking* são o Centro Cívico (figura 13), com 4 espaços, seguido pelos bairros com 3 espaços cada, Ahú (figura 14), Mercês (figura 15), Portão (figura 16), Rebouças (figura 17), São Francisco (figura 18) e São Lourenço (figura 19). Todos são classificados como de atendimento ao público em geral, exceto por um empreendimento no bairro São Francisco que é direcionado à marcenaria e um no Rebouças ligado à universidade.

FIGURA 13 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CENTRO CÍVICO - CURITIBA.



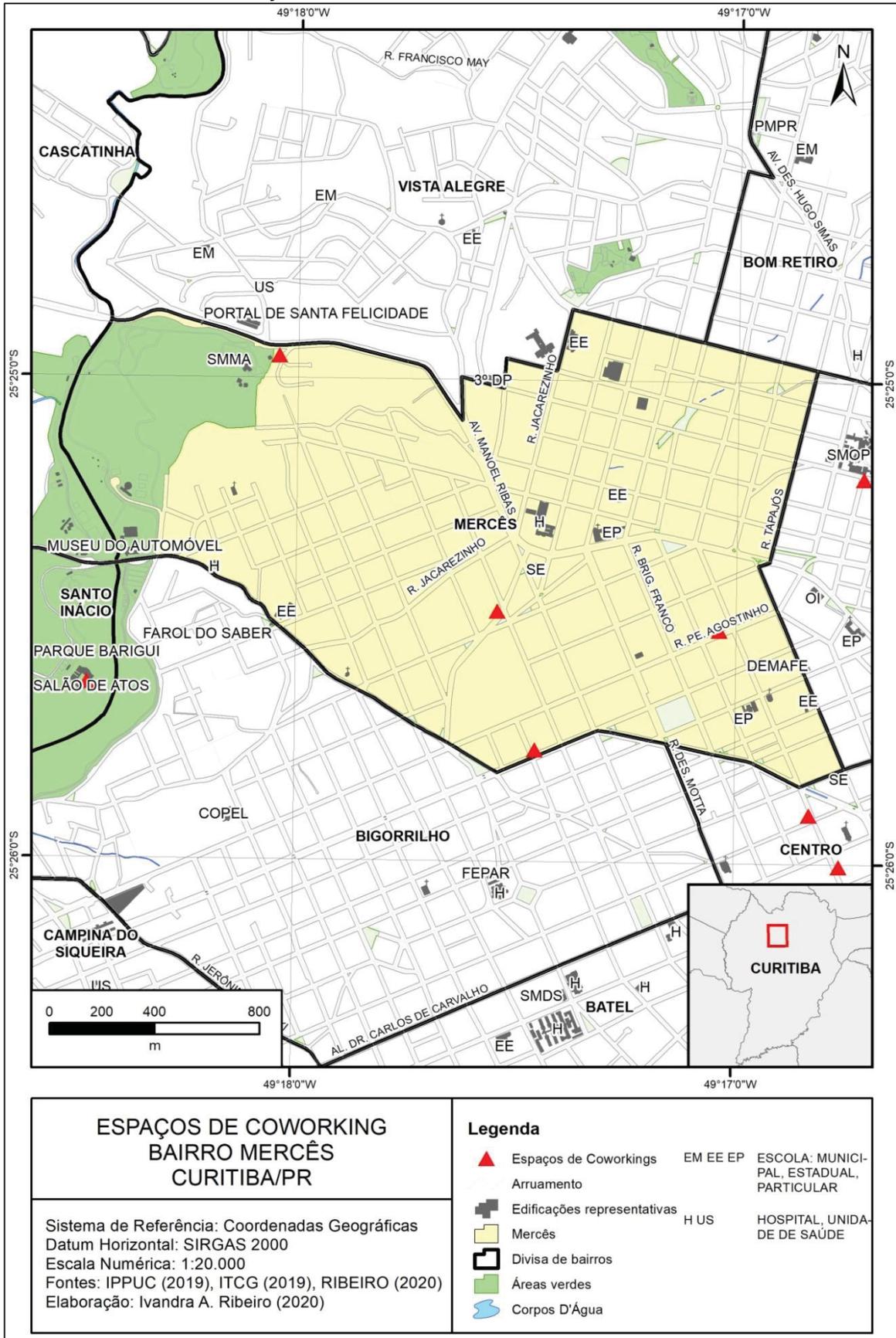
Org.: A autora (2020).

FIGURA 14 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO AHÚ - CURITIBA.



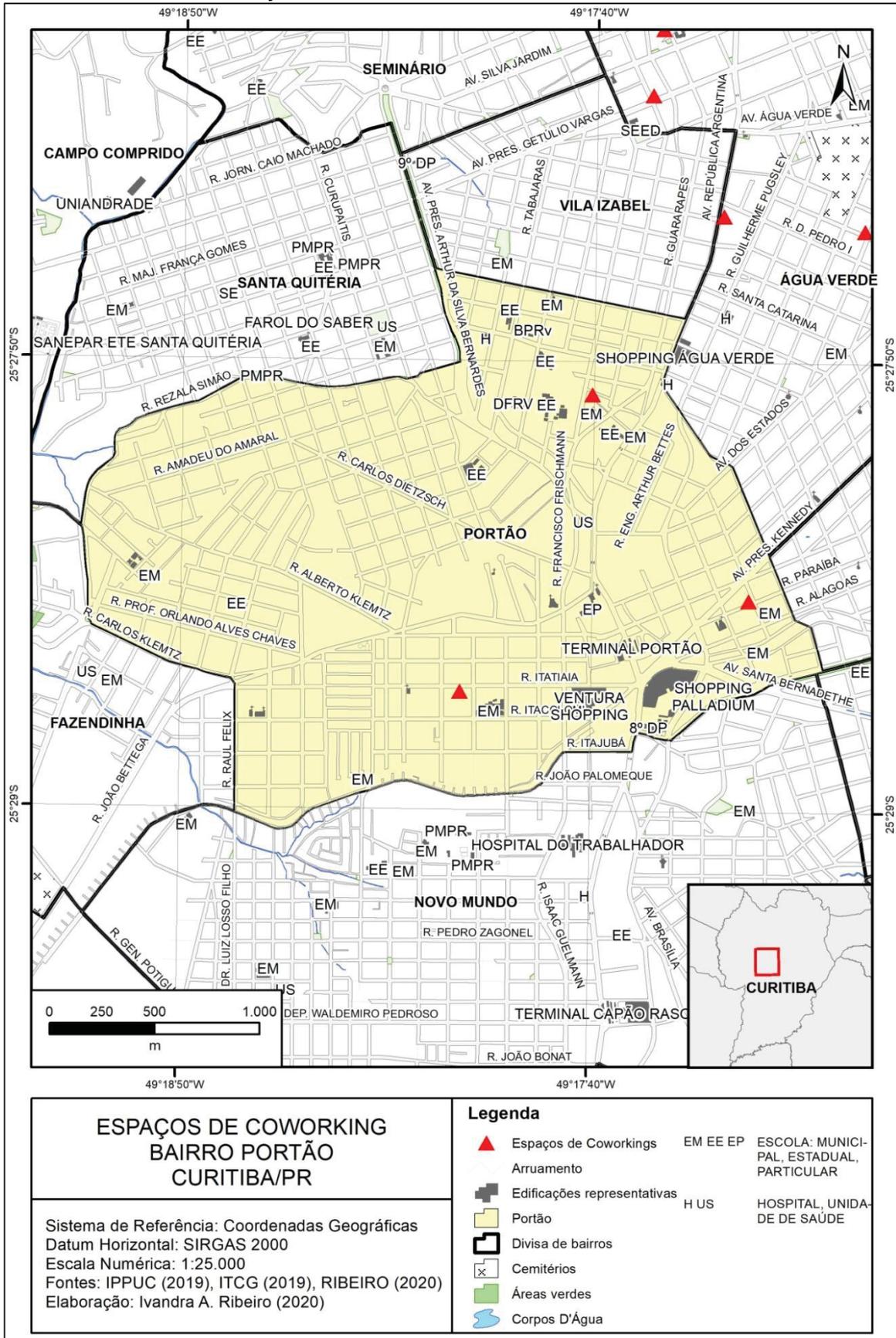
Org.: A autora (2020).

FIGURA 15 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO MERCÊS - CURITIBA.



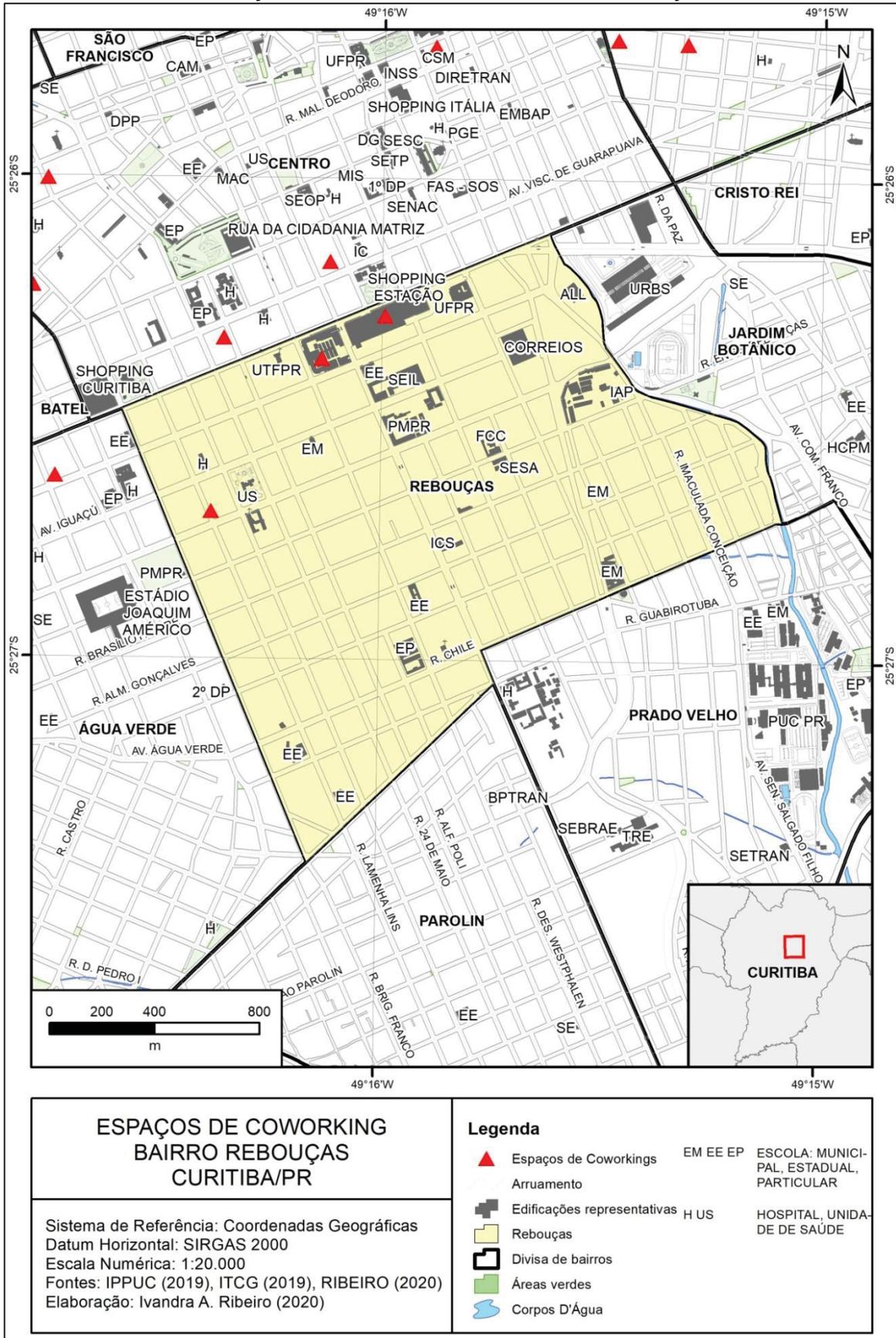
Org.: A autora (2020).

FIGURA 16 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO PORTÃO – CURITIBA.



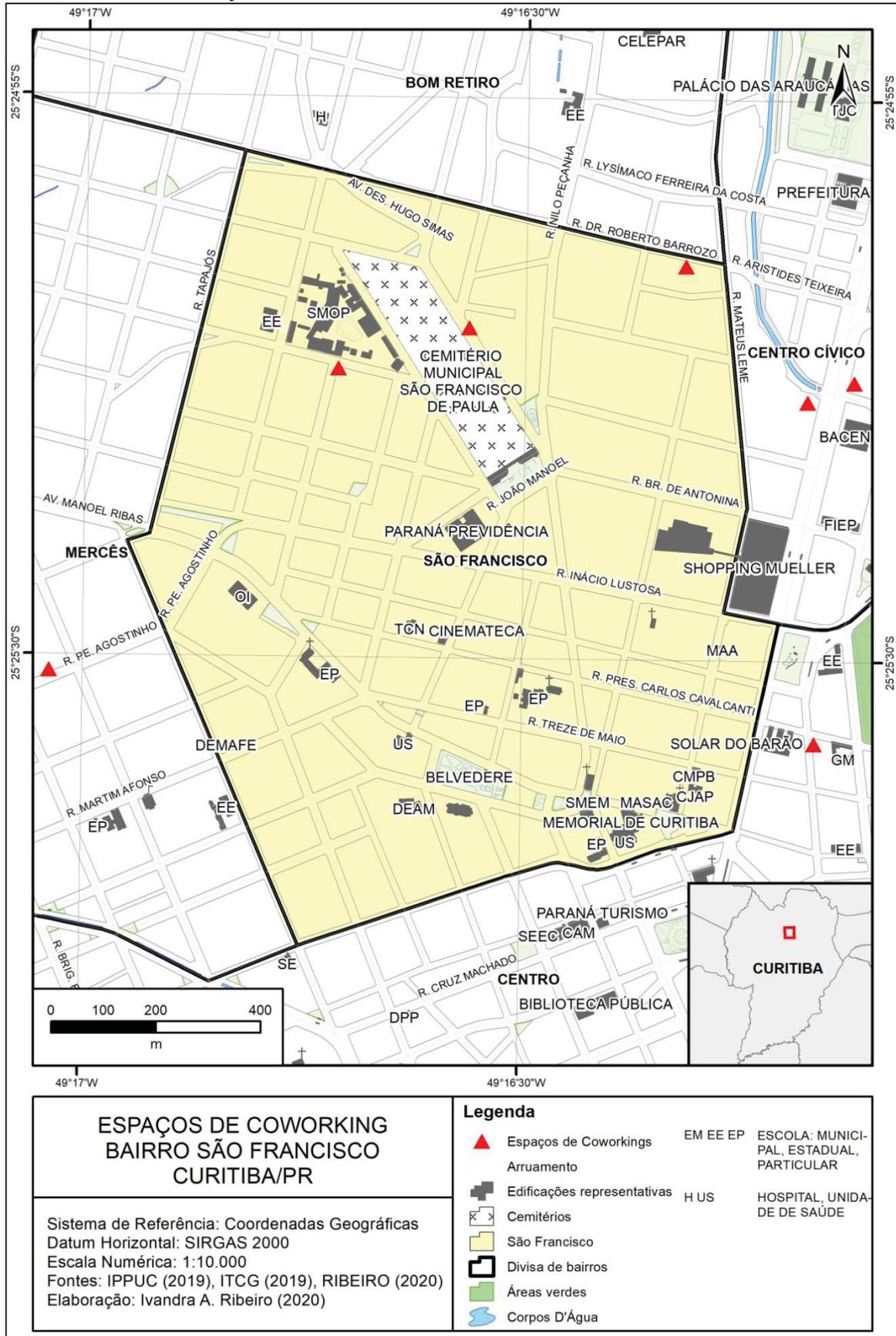
Org.: A autora (2020).

FIGURA 17 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO REBOUÇAS - CURITIBA.



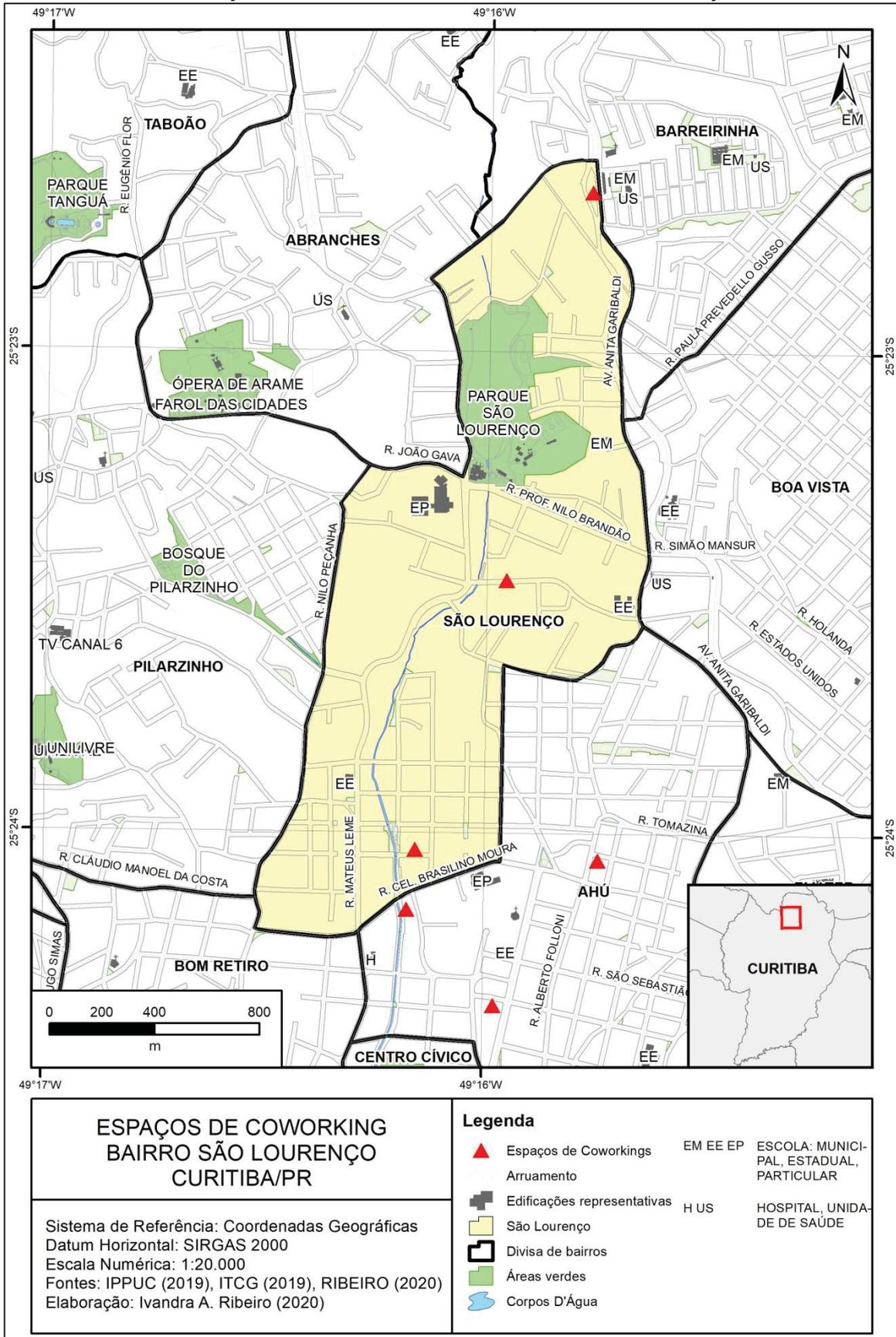
Org.: A autora (2020).

FIGURA 18 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SÃO FRANCISCO - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

FIGURA 19 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SÃO LOURENÇO - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

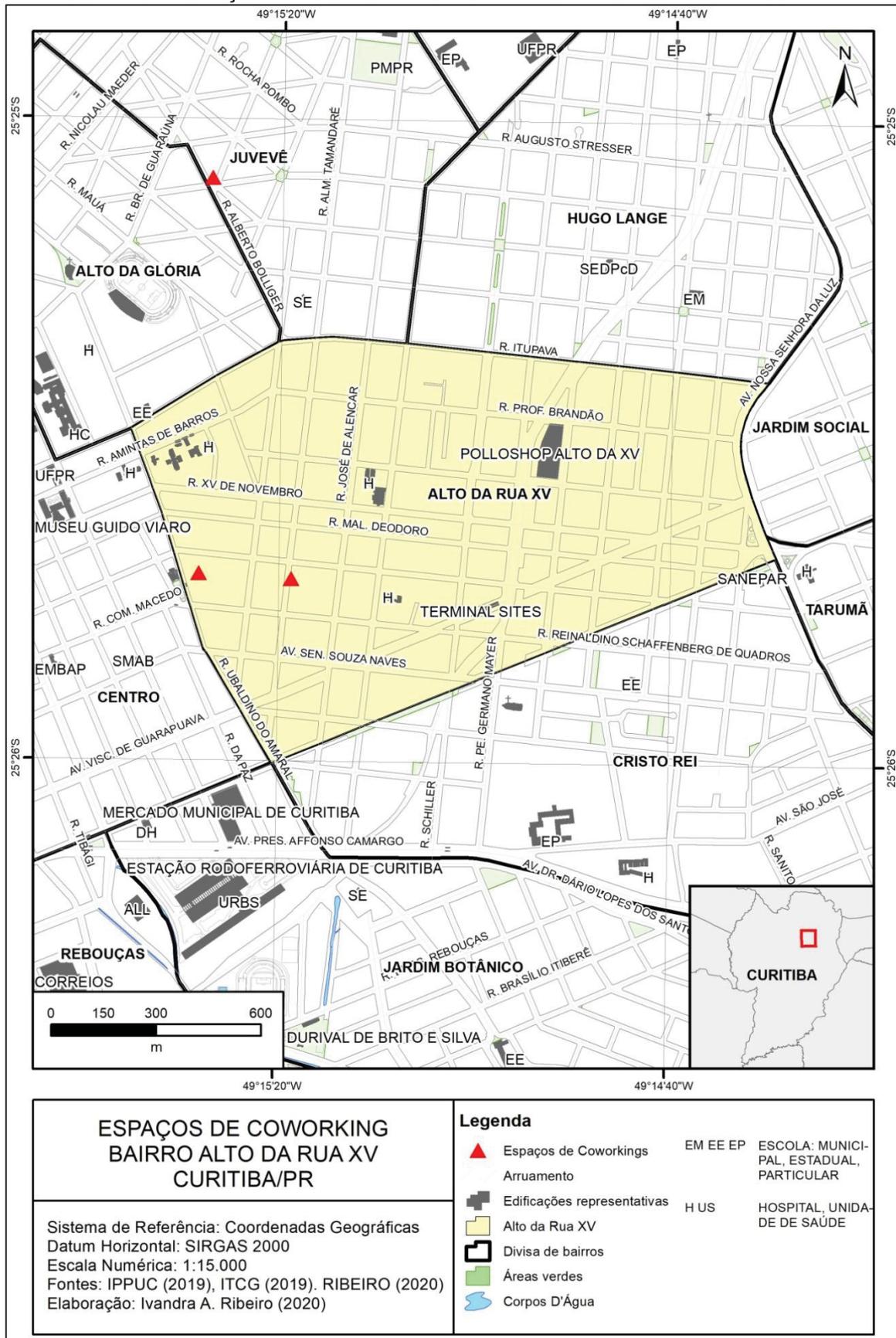
No que se refere ao rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes para o ano de 2015 (AGÊNCIA CURITIBA, 2017a; 2017d; 2017f), o Centro Cívico, que possui o maior número de *coworkings* (4 espaços) e os demais bairros possuem a mesma quantidade de *coworkings* (3 cada) e apresentam, em ordem de importância, Ahú R\$ 7.567,00, São Lourenço R\$7.244,00, Centro Cívico R\$6.688,50, Mercês R\$5.718,62, São Francisco R\$5.161,28, Rebouças R\$ 4.866,91 e Portão R\$ 4.694,84. O bairro de menor rendimento pertence à regional Portão, o bairro de maior rendimento pertence à regional Matriz, contudo não possui o maior número de espaços de *coworking* deste recorte.

O setor de serviços também é predominante, em ordem de relevância, no Portão há o número absoluto de 3.438 estabelecimentos, correspondendo a 45% dos estabelecimentos totais do bairro (soma dos setores indústria, comércio, serviços e outros; no Rebouças são 3.320 estabelecimentos, correspondendo a 50,9%; no Mercês há 2.258 estabelecimentos e 58% relativos; no Centro Cívico há 2.133, 66% relativos; no São Francisco são 2.071 estabelecimentos e 61,6%; no Ahú são 1.202 estabelecimentos e 58,6% relativos; e no São Lourenço há 575 estabelecimentos que somam 53,3% do total.

Quanto à classificação da CNAE, sobre os estabelecimentos relacionados à “serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas”, em ordem de relevância aparecem: Portão com o total de 397 estabelecimentos e 3,3% do total desta categoria de Curitiba; Rebouças, com 347 estabelecimentos que representam 2,8%; Mercês com 235 estabelecimentos e 1,8% relativos; Centro Cívico, com 191 estabelecimentos e 1,5% do total para Curitiba; Ahú com 135 estabelecimentos que correspondem à 1,1%; São Lourenço com 54 estabelecimentos que correspondem a 0,4%. Destaca-se que o bairro Centro Cívico possui um número maior de *coworking*, contudo não é relevante no segmento geral.

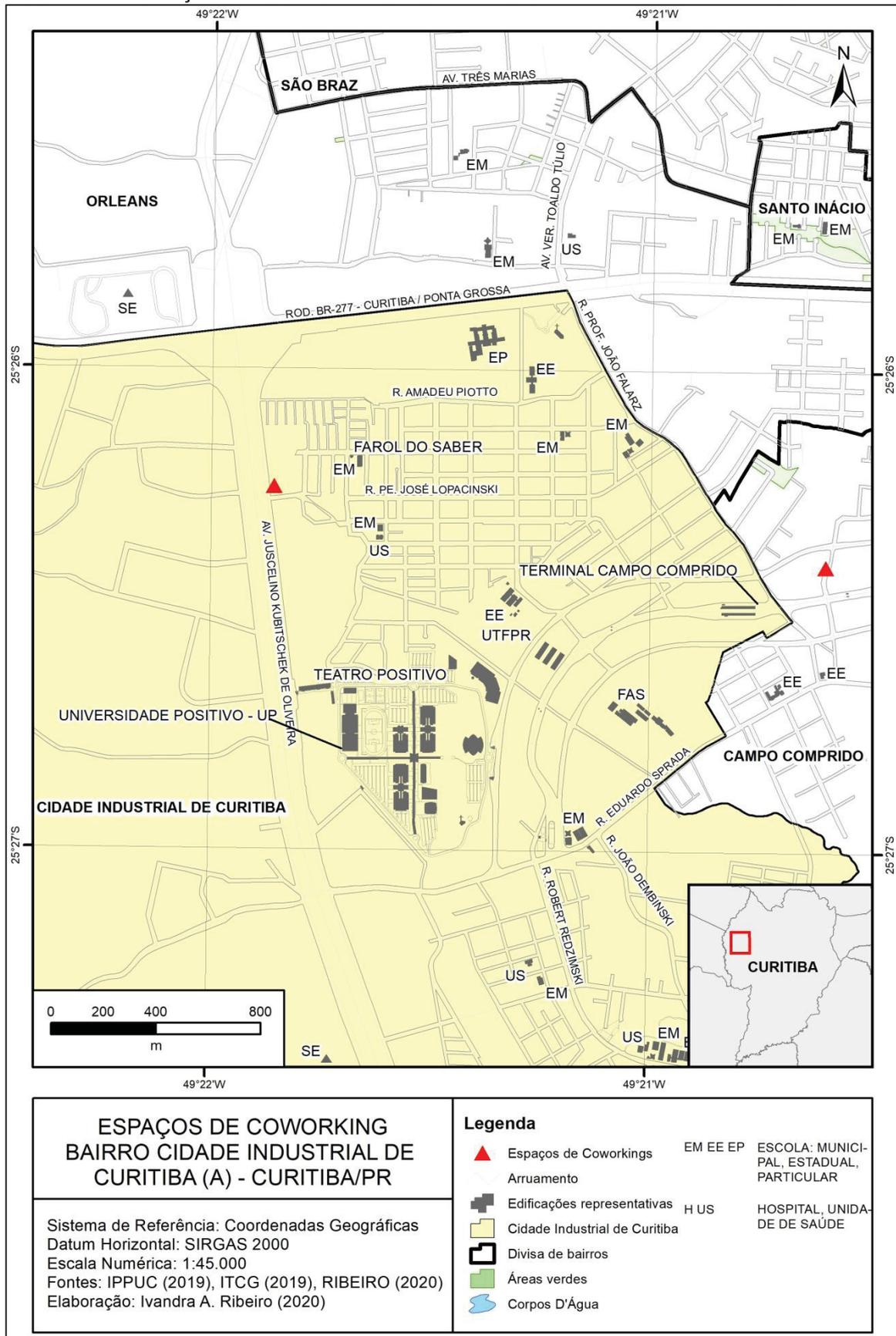
Os bairros que possuem apenas 2 espaços de *coworking* são o Alto da Rua XV (Figura 20), CIC (Figura 21 e Figura 22), Guabirota (Figura 23) e Juvevê (Figura 24). A classificação dos espaços é em maioria de origem na iniciativa privada e abertos ao público em geral, com duas exceções, um *coworking* da iniciativa pública relacionado à universidades no CIC e um da iniciativa privada direcionado ao nicho musical.

FIGURA 20 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO ALTO DA RUA XV - CURITIBA.



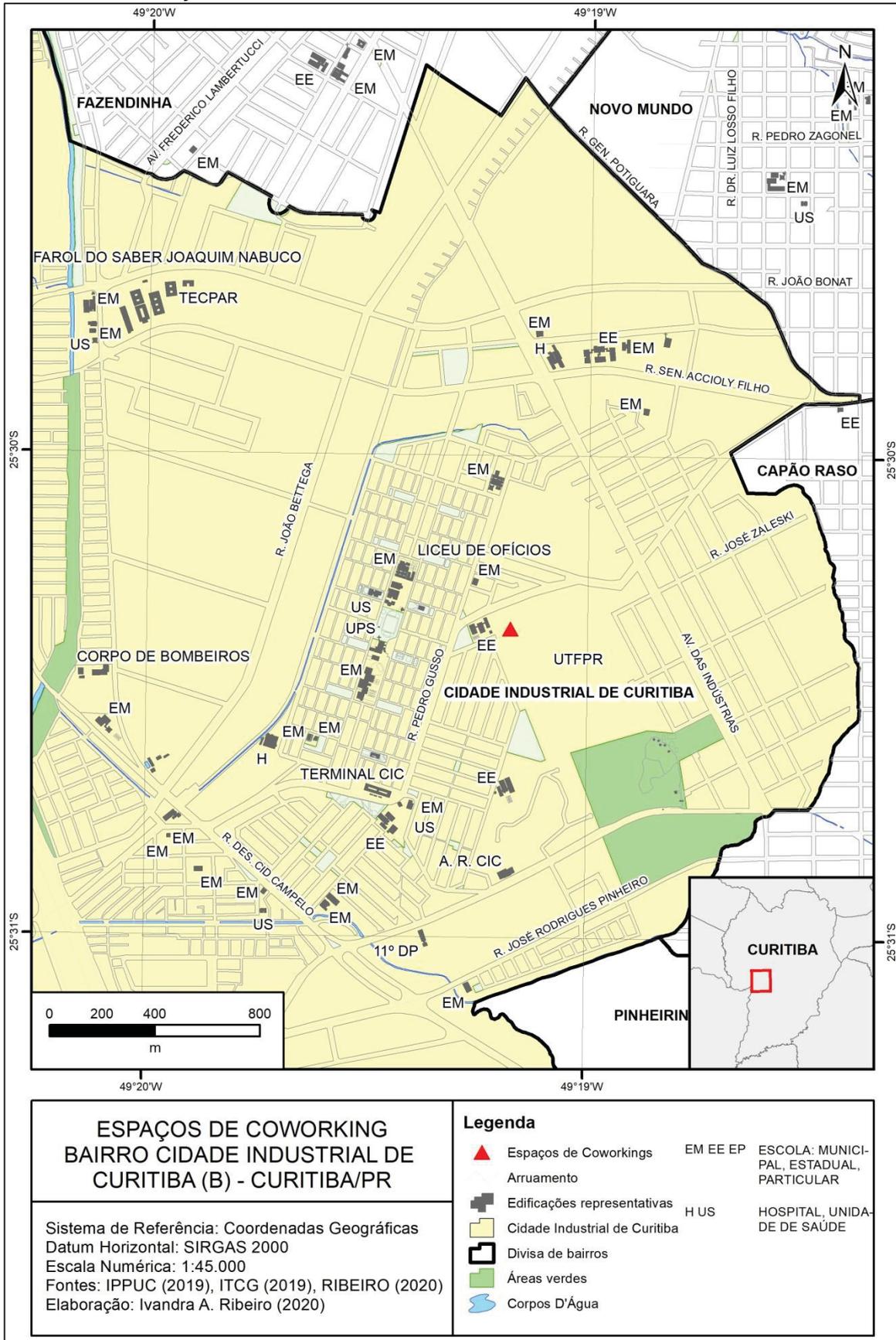
Org.: A autora (2020).

FIGURA 21 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA - A.



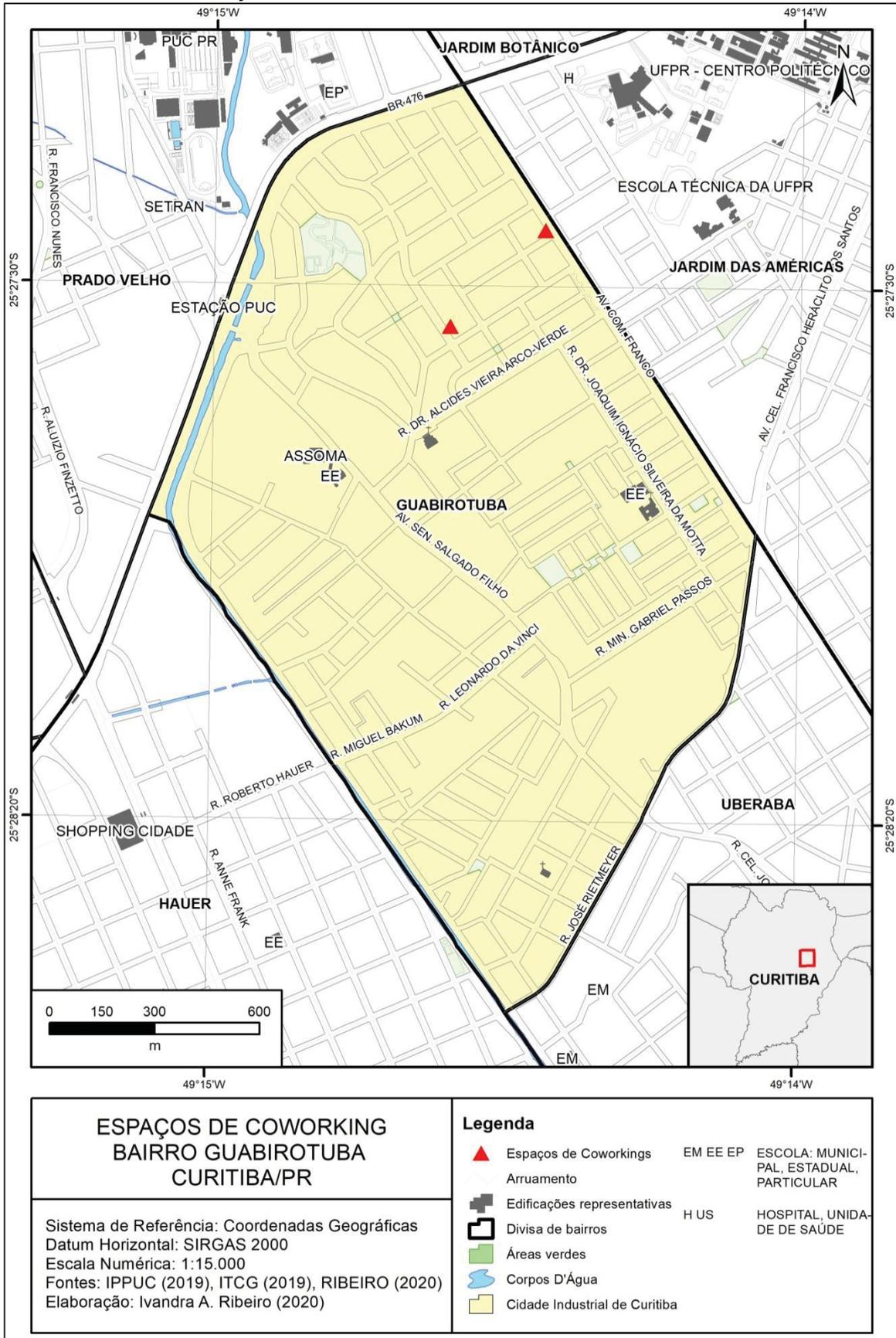
Org.: A autora (2020).

FIGURA 22 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA - B.



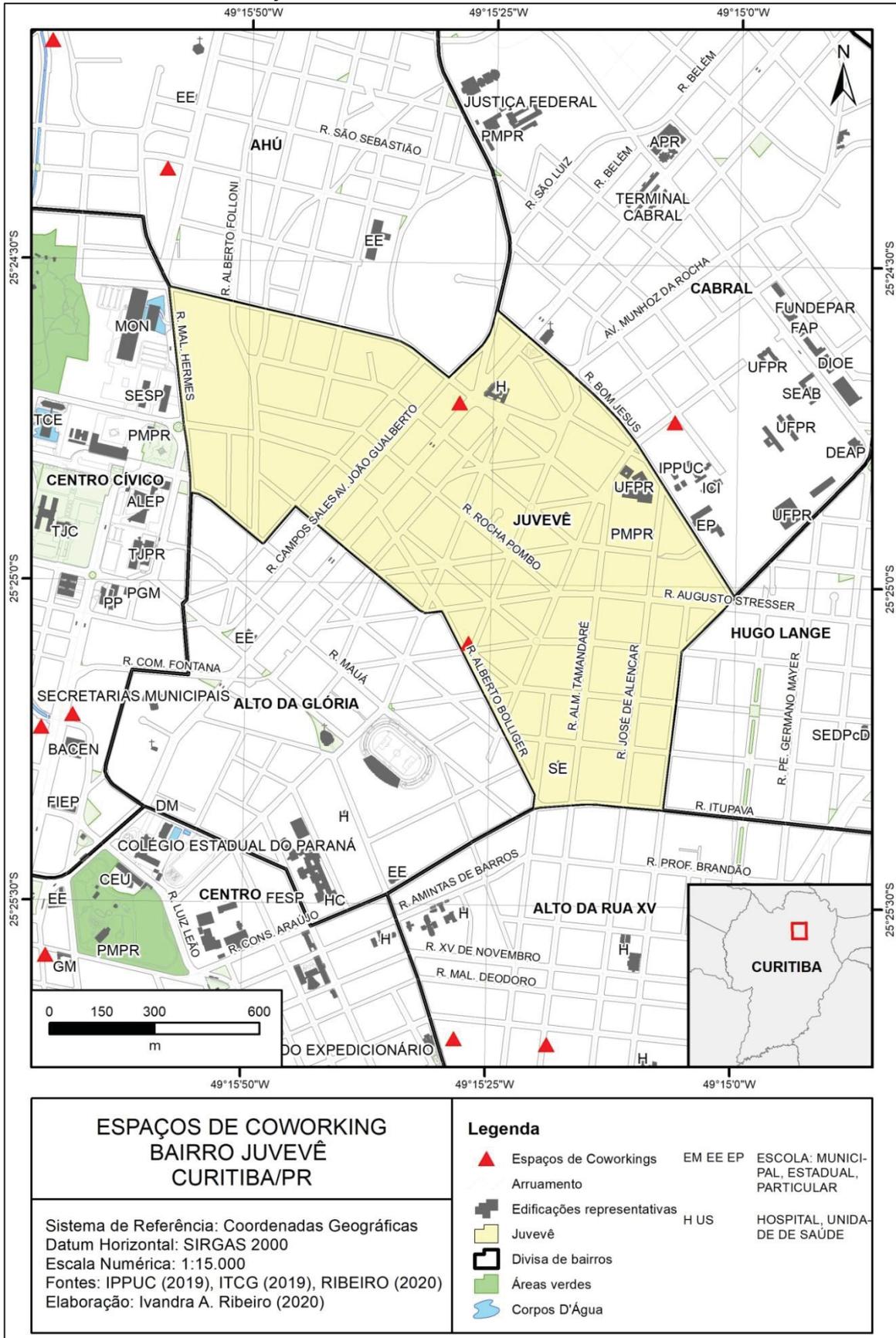
Org.: A autora (2020).

FIGURA 23 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO GUABIROTUBA - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

FIGURA 24 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO JUVÊ - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

O rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes para o ano de 2015 (AGÊNCIA CURITIBA, 2017b; 2017c; 2017d) foi no bairro Juvevê R\$ 7.616,93, no Alto da Rua XV R\$ 6.547,17, no Guabirota R\$ 4.858,8 e na CIC R\$ 2.163,42, em ordem de importância.

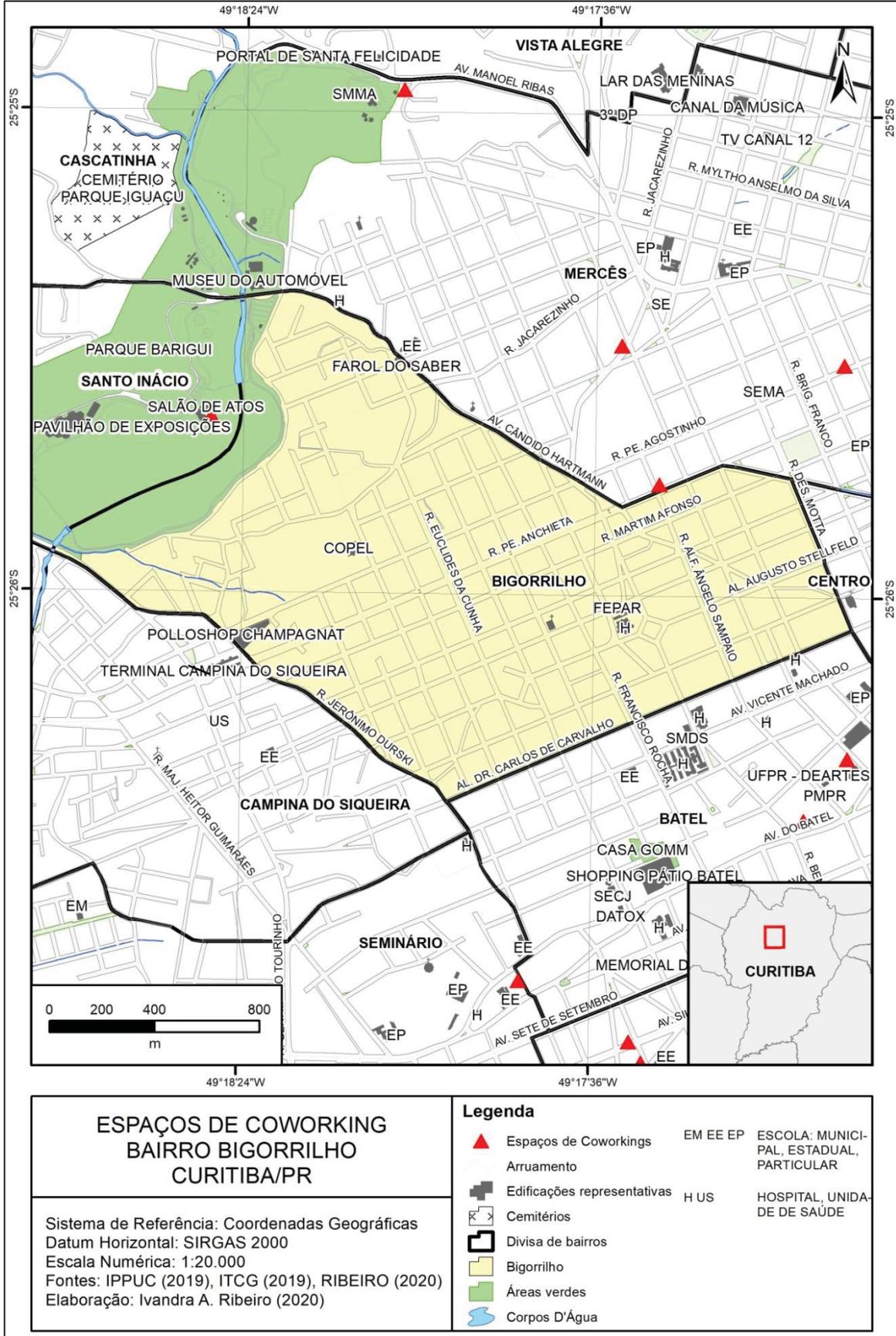
Quanto à presença do setor de serviços nos bairros, do maior para o menor, na CIC há 4.901 estabelecimentos, contudo, correspondem apenas à 36,5% das atividades do bairro, ficando atrás do comércio, que soma relativamente 39,1%; no Alto da Rua XV há 1.569 estabelecimentos que correspondem a 51,9% das atividades; o Juvevê possui 1.471 estabelecimentos que ofertam serviços, 58,9% do total de atividades; e o Guabirota que possui 783 estabelecimentos que representam 43,3% do total.

No que se refere à classificação dos espaços de *coworking* no CNAE, o grupo de atividades representa de Curitiba, do maior para o menor, na CIC 3,1% das atividades (380 absolutos), no Alto da Rua XV 1,2% (125 absolutos), Juvevê 1% (121 absolutos) e Guabirota 0,9% (112 absolutos).

Destaca-se uma observação sobre a tendência dos bairros que possuem o maior número de estabelecimentos que ofertam serviços não corresponderem aos bairros que possuem os maiores rendimentos por domicílio. O bairro que mais possui estabelecimentos é o que tem o menor rendimento, a CIC. Assim, renda não é o único atributo a ser considerado para instalação dos estabelecimentos.

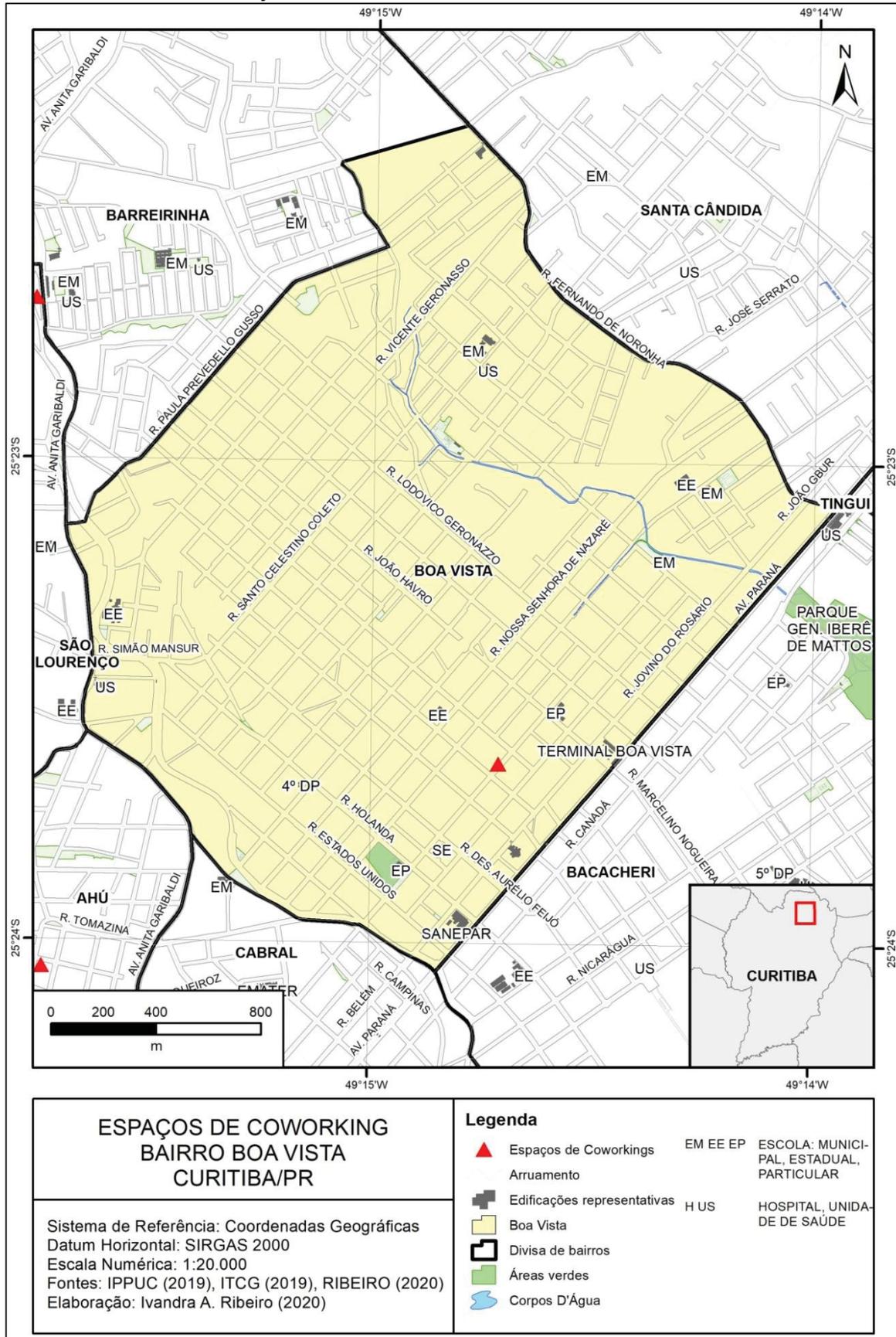
Nos bairros Bigorriho (Figura 25), Boa Vista (Figura 26), Capão Raso (Figura 27), Campo Comprido (Figura 28), Tingui (Figura 29) e Jardim Social (Figura 30) está localizado um espaço de *coworking* por bairro, em todos os casos classificado como pertencente a iniciativa privada e aberto ao público em geral. No bairro Cabral (Figura 31) está localizado um espaço de *coworking* pertencente a iniciativa privada e direcionado a um nicho específico, o público-alvo deste empreendimento são Organizações da Sociedade Civil. No bairro Santo Inácio (Figura 32) está localizado um espaço de *coworking* pertencente à iniciativa pública, vinculado à PMC.

FIGURA 25 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO BIGORRILHO - CURITIBA.



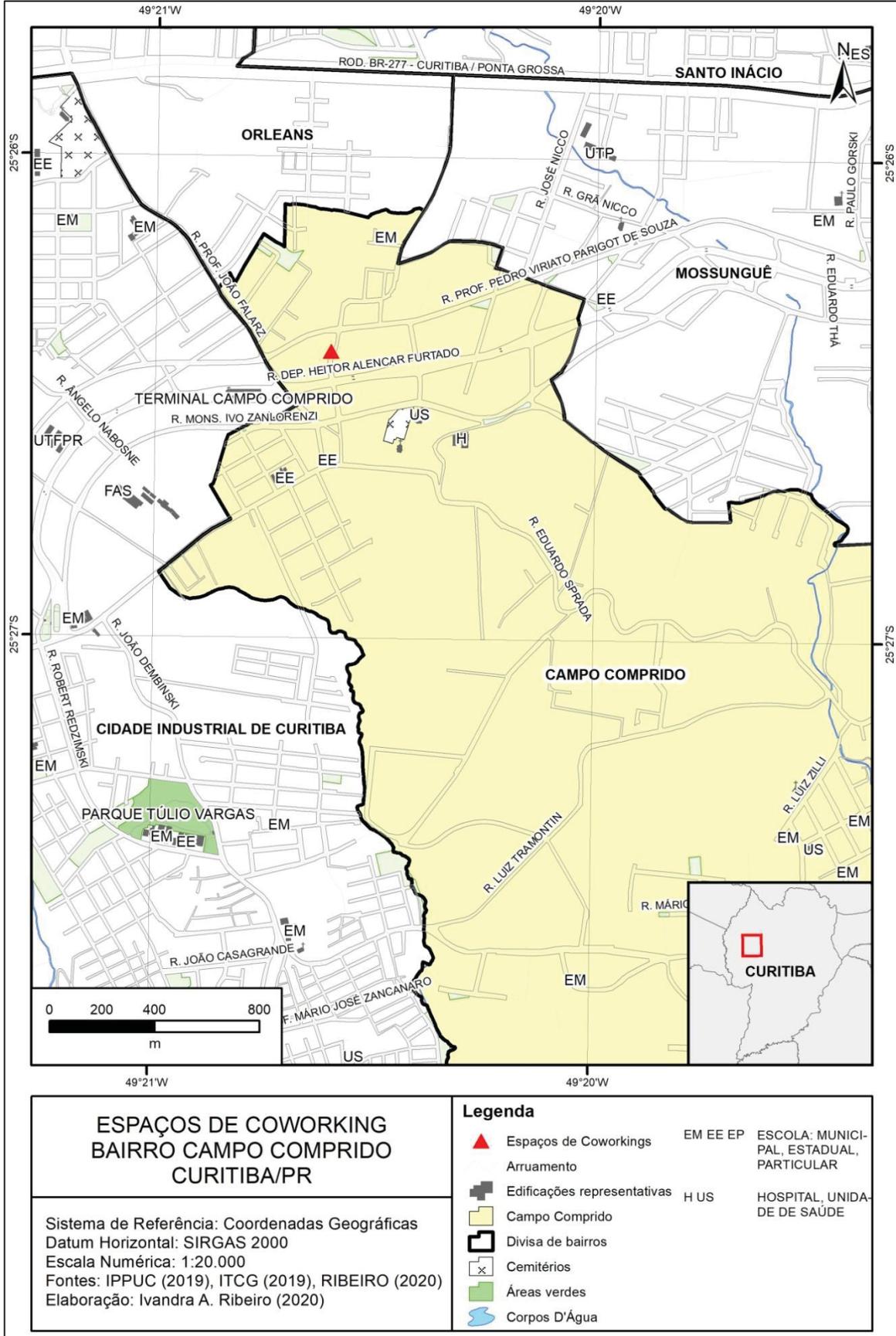
Org.: A autora (2020).

FIGURA 26 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO BOA VISTA - CURITIBA.



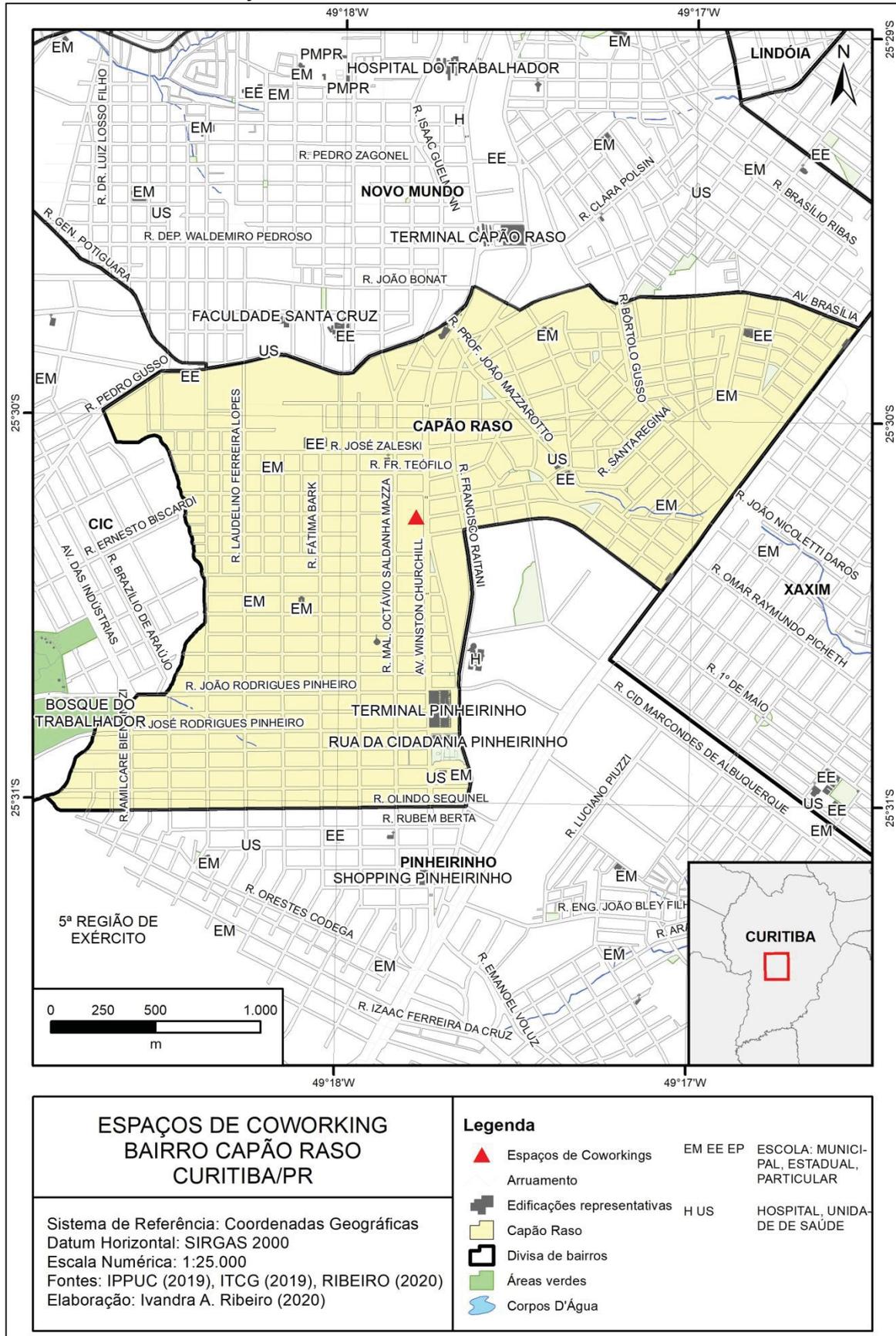
Org.: A autora (2020).

FIGURA 27 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CAMPO COMPRIDO - CURITIBA.



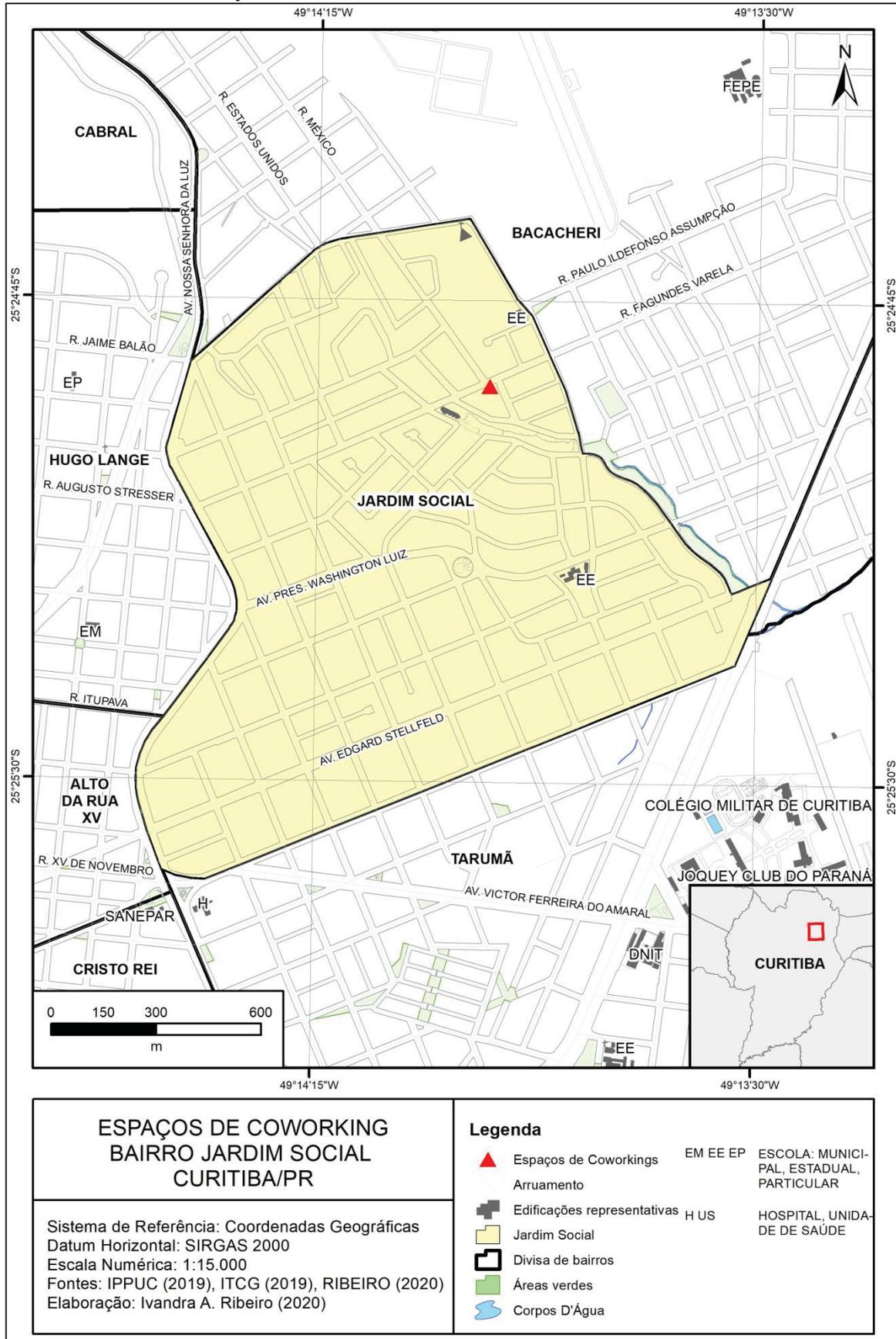
Org.: A autora (2020).

FIGURA 28 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CAPÃO RASO - CURITIBA.



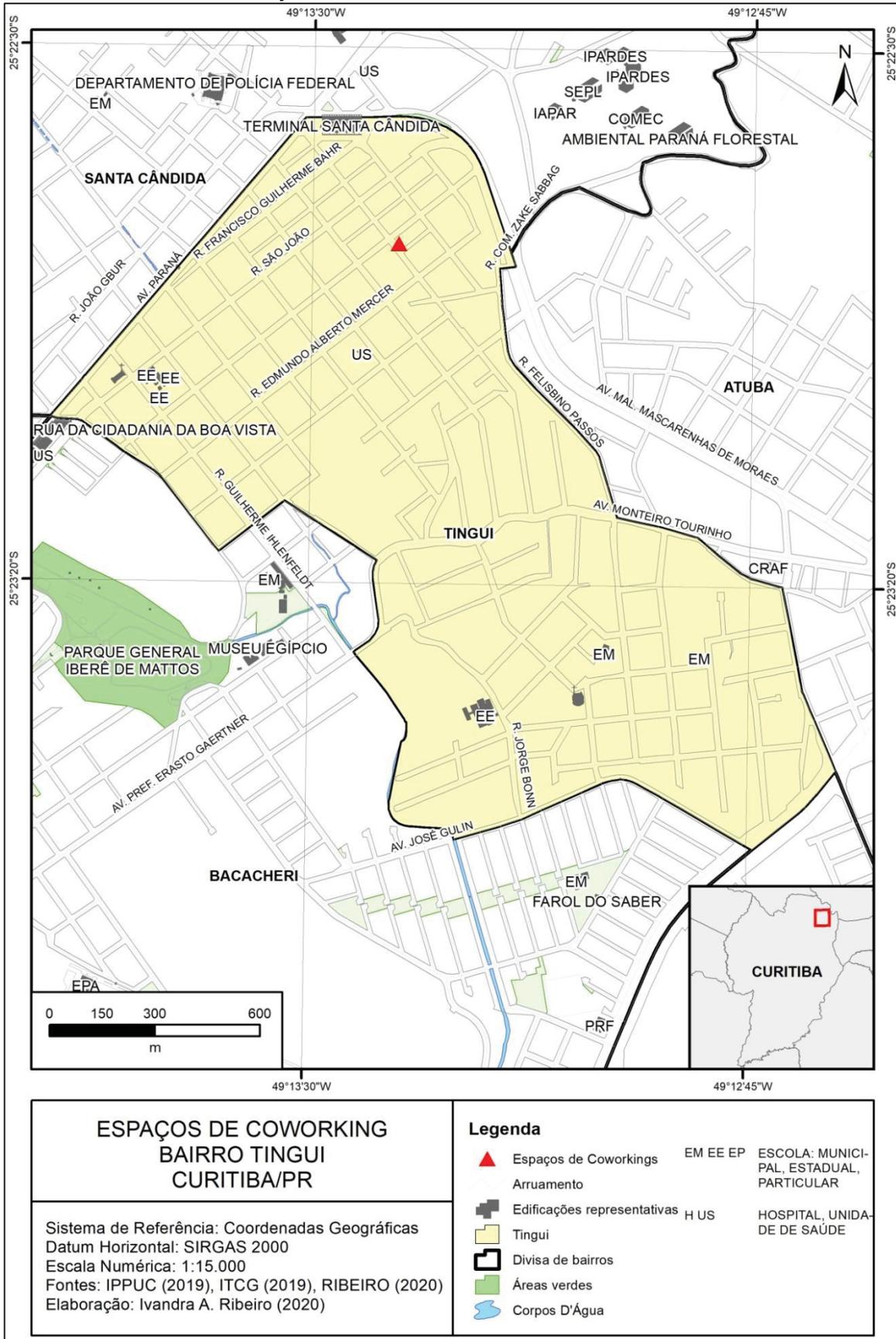
Org.: A autora (2020).

FIGURA 29 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO JARDIM SOCIAL - CURITIBA.



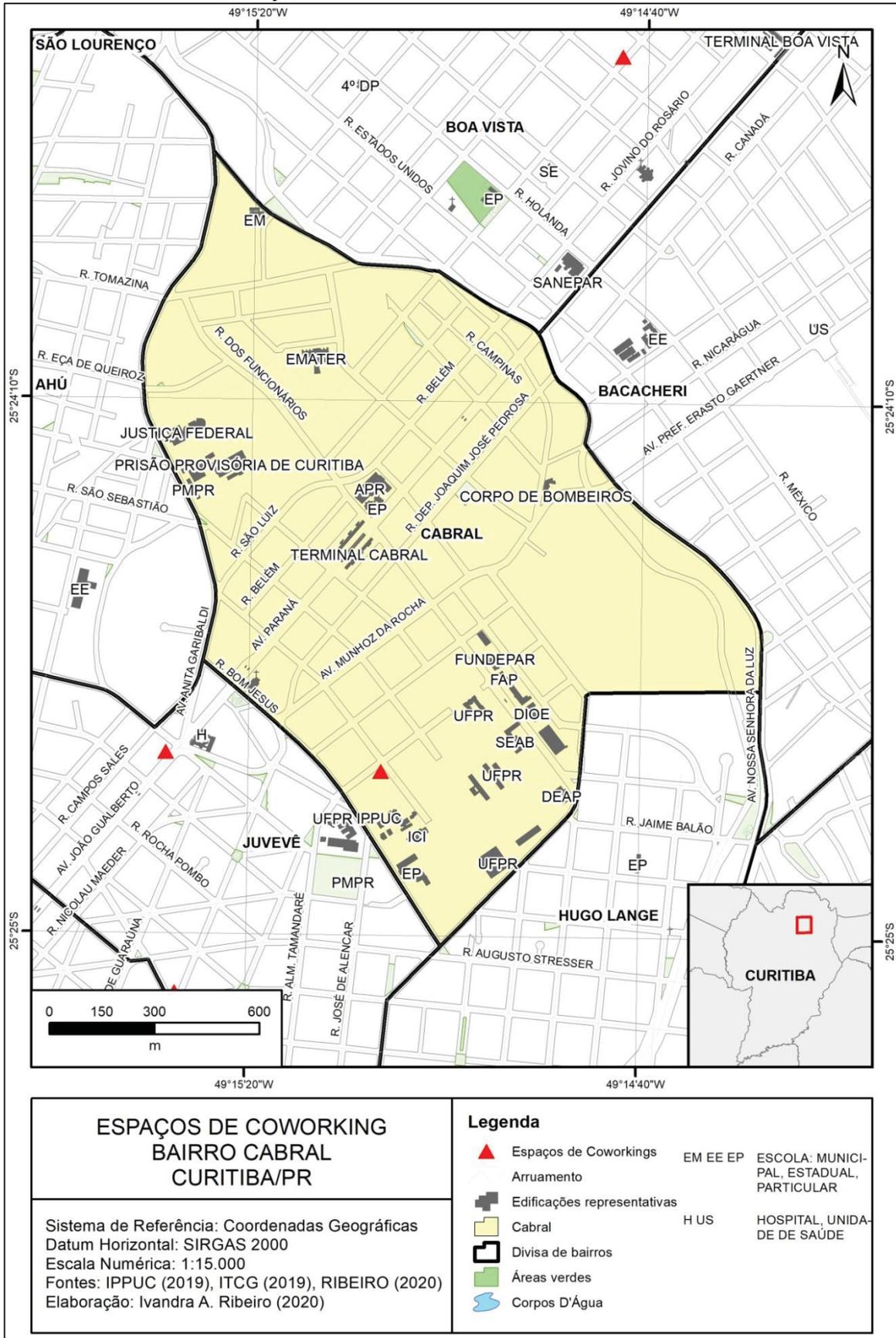
Org.: A autora (2020).

FIGURA 30 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO TINGUI - CURITIBA.



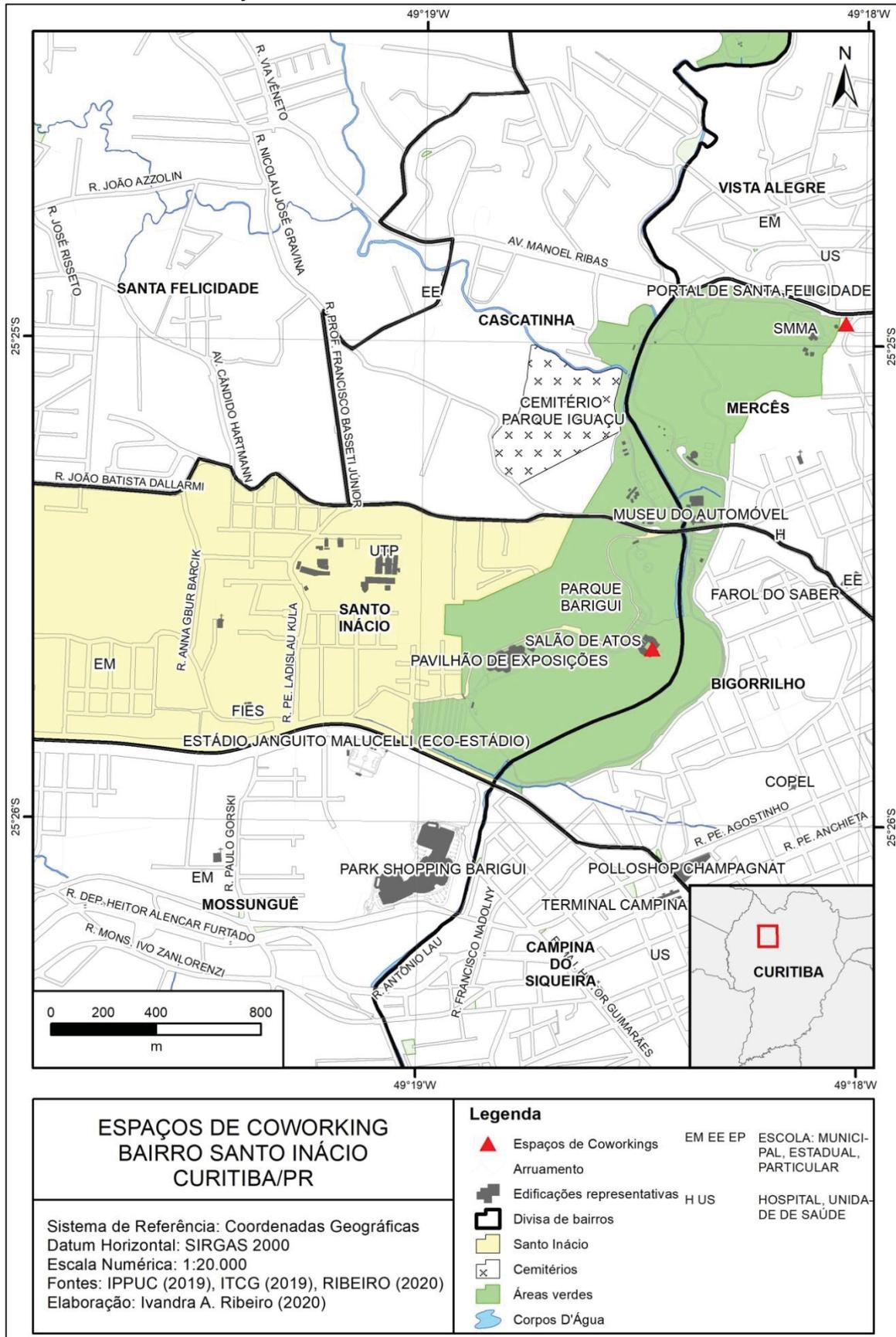
Org.: A autora (2020).

FIGURA 31 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CABRAL - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

FIGURA 32 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SANTO INÁCIO - CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

Quanto ao rendimento nominal mensal dos domicílios particulares permanentes (AGÊNCIA CURITIBA, 2017a; 2017d; 2017e; 2017g) os bairros com maiores valores pertencem à Regional Matriz, e correspondem ao Jardim Social, com R\$ 9.522,12, Bigorriho, com R\$ 8.308,47 e Cabral, com R\$ 7.967,49. Na sequência estão os bairros da Regional Santa Felicidade, em que o bairro Santo Inácio, possui o rendimento de R\$ 5.074,82 e o Campo Comprido R\$ 4.568,03. Seguindo há a Regional Boa Vista, em que o bairro Boa Vista possui R\$ 4.149,14 e o Tingui R\$ 3.611,39. E por fim, o bairro Capão Raso, da Regional Pinheirinho, que tem o rendimento de R\$ 2.927,51.

O setor de serviços não se organiza da mesma forma que o rendimento, replicando o padrão observado anteriormente, o bairro com maior rendimento é o penúltimo em número de estabelecimentos de serviços. Em ordenação do maior para o menor, o Bigorriho apresentou 3.202 estabelecimentos, que correspondem à 62,6 % das atividades totais do bairro; o Boa Vista com 1.816 estabelecimentos que somam 46,6%; o Capão Raso, com 1.665 estabelecimentos e 38% de participação relativa; Cabral com 1.201 estabelecimentos que correspondem à 66,1%; Campo Comprido, com 1.086 estabelecimentos que somam 50,6 %; Tingui, com 548 estabelecimentos, que correspondem a 41,9%; Jardim Social, com 457 estabelecimentos e 62,2% de participação relativa; e Santo Inácio, com 381 estabelecimentos que correspondem a 48,4% do total do bairro.

O grupo de atividades do CNAE, que os *coworkings* estão inseridos, contou com 2,8% do total de estabelecimentos de Curitiba no bairro Bigorriho (340 estabelecimentos), 1,6% no Boa Vista (204 estabelecimentos), 1,3% no Capão Raso (161), 0,9% no Cabral (114), 0,9% no Campo Comprido (111), 0,7% no Tingui (90), 0,4% no Santo Inácio (59) e 0,4% no Jardim Social (51).

Os espaços de classificação diferenciada, localizados nos bairros Cabral e Santo Inácio, estão inseridos em um contexto de maior concentração de equipamentos urbanos, dos quais destacam-se as universidades públicas e privadas. O *coworking* da prefeitura ao estar localizado dentro de um parque urbano cria um ambiente de concentração de serviços ofertados pela prefeitura ao cidadão, contudo, a localização depende de prédios disponíveis pelo poder público para serem utilizados com a função de *coworking*, dando um uso melhor a espaços não utilizados, por exemplo (o caso do Worktiba Barigui).

Os espaços de *coworking* tendem a estar localizados em vias principais ou em locais de fácil acesso, em proximidade à terminais, estações tubo e ponto de ônibus. A partir do mapeamento do entorno dos espaços, nota-se que de modo geral os espaços de *coworking* concentram-se em bairros com maior presença de equipamentos urbanos, como *shoppings centers*, órgãos públicos e centros culturais.

Os *coworkings* não apresentam um padrão de concentração dentro dos bairros, de forma geral, com exceção do Batel, Água Verde e Centro. Pode ser um indicativo de que os espaços se concentram próximos ao eixo estrutural, visto que este corresponde à divisa dos bairros, local em que os espaços se concentram. Esta dinâmica indica o reforço de centralidades pré-estabelecidas.

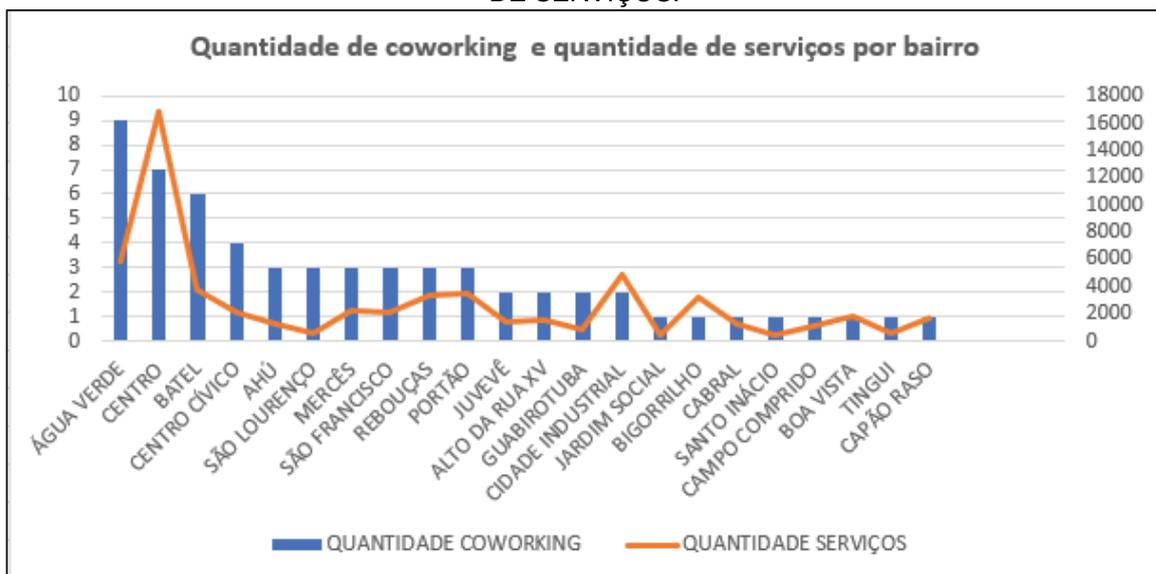
A partir dos dados analisados, compreende-se que a localização dos empreendimentos de *coworking* seguem as lógicas e centralidades pré-existent na metrópole, visto que os bairros que mais concentram espaços, já apresentavam notoriedade em centralizar a oferta de serviços e de empreendimentos formais de maneira geral em Curitiba. Apesar do Centro concentrar a mesma quantidade de espaços de *coworking* que o Batel, o percentual prévio de concentração de estabelecimentos é maior no primeiro, indicando uma lógica de localização que privilegia tanto as classes mais abastadas, quanto locais centrais de fácil acesso.

O limite de bairro é uma questão arbitrária, contudo pode interferir na localização do espaço de *coworking*, mesmo com bairros dentro de uma mesma regional. Visto que os espaços se concentrarem em bairros centrais, como Água Verde, Centro e Batel, ressalta-se que um dos serviços ofertados pelo espaço de *coworking* é o endereço comercial. Assim, entende-se que há bairros que detém melhor status que outros para se ofertar e adquirir tal serviço, visto que durante o mapeamento notou-se uma incongruência entre o endereço presente nos websites dos estabelecimentos, com sua real localização. Como exemplo, alguns endereços indicavam a localização no bairro Batel, mas na realidade estão localizados no bairro Água Verde, um bairro vizinho e com menos prestígio social, mesmo ainda o tendo.

A fim de compreender melhor a correlação entre a presença dos espaços de *coworking*, o rendimento e a concentração de serviços preexistentes nos bairros, foi aplicado o coeficiente de correlação de Pearson, que consiste em um teste de

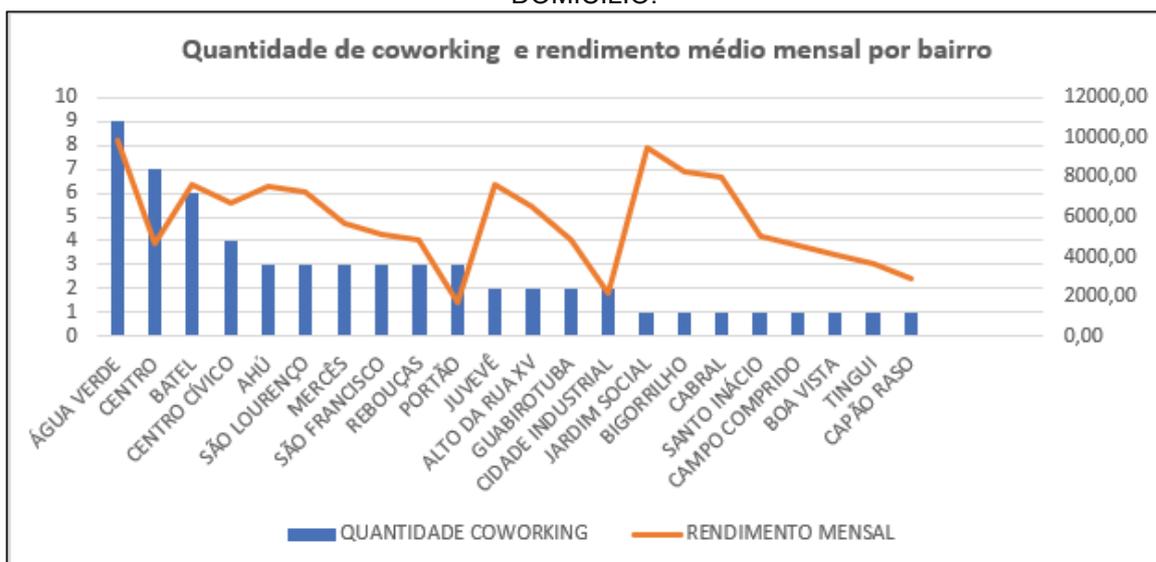
correlação entre as variáveis que mede o grau da correlação entre duas variáveis de escala métrica, a partir da influência que uma exerce na outra. A maior correlação foi entre *coworking* e a concentração de estabelecimentos de serviços (gráfico 1), somando 0,65, considerada moderada positiva e a menor, foi a correlação de 0,28 entre *coworking* e rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes (gráfico 2), correspondendo a uma correlação fraca positiva.

GRÁFICO 1 - CORRELAÇÃO ENTRE COWORKINGS E QUANTIDADE DE ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇOS.



Org.: A autora (2020).

GRÁFICO 2 - CORRELAÇÃO ENTRE COWORKING E RENDIMENTO MÉDIO MENSAL POR DOMICÍLIO.

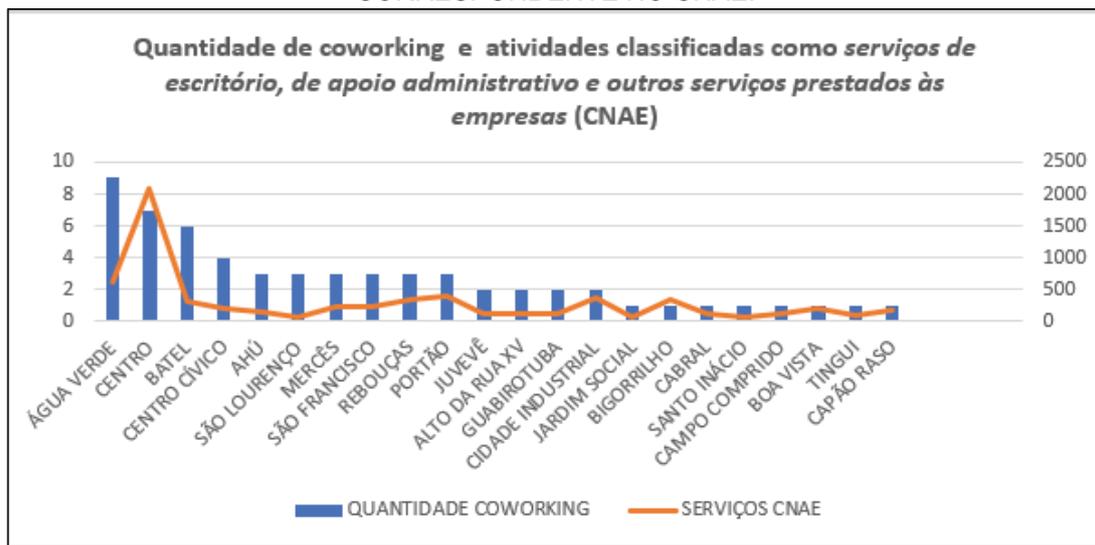


Org.: A autora (2020).

A correlação entre a quantidade de *coworkings* e o total de atividades

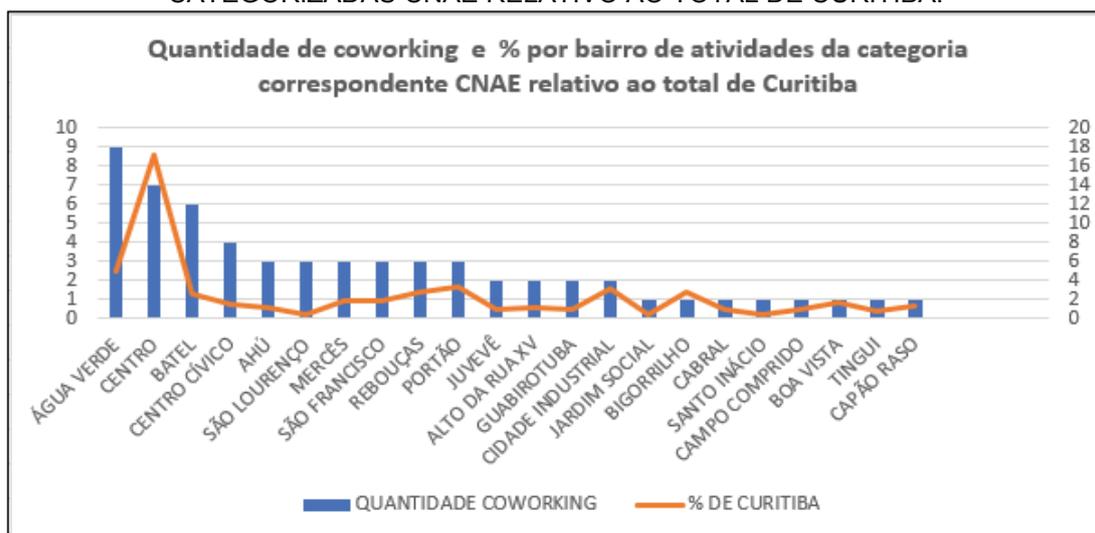
classificadas na categoria CNAE “serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas” (gráfico 3), também foi moderada positiva, com o coeficiente 0,62. A correlação entre a quantidade de *coworking* e a participação de cada bairro no total de atividades desenvolvidas em Curitiba categorizadas como “serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas” (gráfico 4) foi moderada positiva, com um coeficiente de 0,62.

GRÁFICO 3 - CORRELAÇÃO ENTRE A QUANTIDADE DE COWORKING E SUA CLASSIFICAÇÃO CORRESPONDENTE NO CNAE.



Org.: A autora (2020).

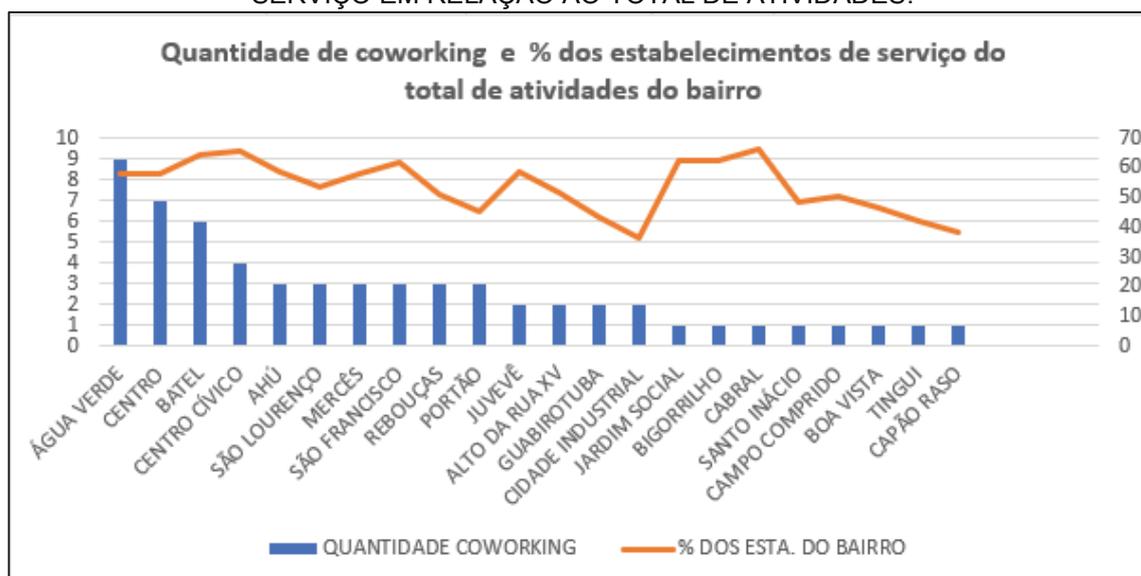
GRÁFICO 4 - QUANTIDADE DE COWORKING E PORCENTAGEM POR BAIRRO DE ATIVIDADES CATEGORIZADAS CNAE RELATIVO AO TOTAL DE CURITIBA.



Org.: A autora (2020).

Por fim, a correlação entre os valores relativos da quantidade de *coworking* e a quantidade de serviços relativos à totalidade de atividades desenvolvidas no bairro (gráfico 5), foi fraca positiva, com um coeficiente de 0,34. O dado mostra que um bairro ter um alto percentual de atividades de serviço em relação aos demais setores, não é um indicativo que terá a presença elevada de espaços de *coworking*, principalmente no exemplo da CIC.

GRÁFICO 5 - QUANTIDADE DE *COWORKING* E PORCENTAGEM DE ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE ATIVIDADES.



Org.: A autora (2020).

Quanto à localização dos espaços de *coworking* na área metropolitana de Curitiba, retoma-se com a consideração sobre os estabelecimentos não apresentarem correlação significativa com os dados de renda, mas sua localização acompanhar a concentração da atividade de oferta de serviços nos bairros em que há ocorrência do fenômeno. Os estabelecimentos apresentam uma relação ainda mais elevada quando são considerados apenas os serviços ligados à categoria “serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas” da CNAE, que englobam atividades além do *coworking*⁶, que tem a função de reforçar a centralidade exercida por esse setor de atividades.

⁶ Os dados da CNAE não são organizados de uma forma que seja possível fazer um recorte e trabalhar apenas com as informações referentes aos espaços de *coworking*. A categoria com dados mais específicos é a de “serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas”, e nela estão inseridas dez subcategorias além da atividade de ‘coworking, escritórios compartilhados’.

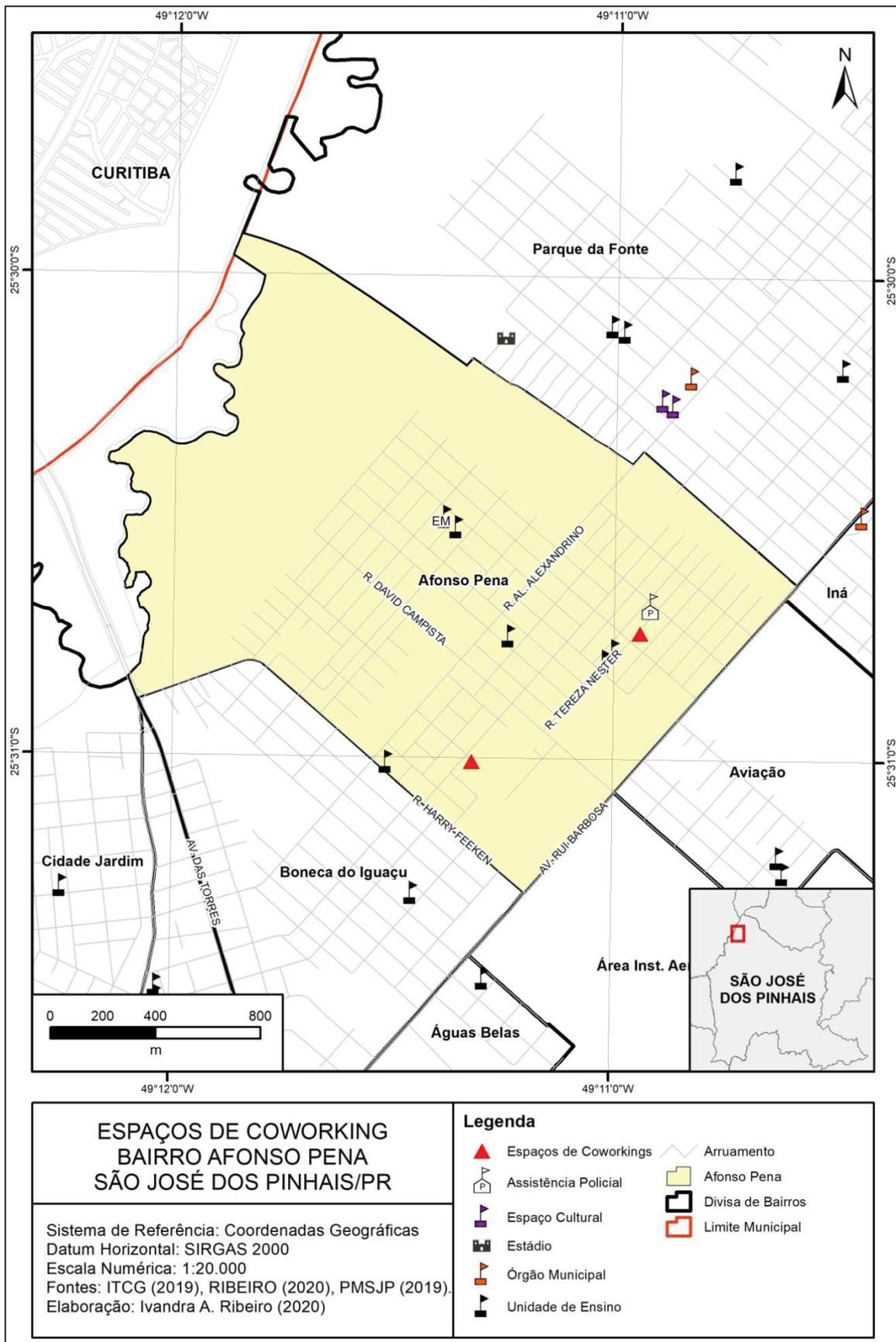
Reitera-se que a discussão sobre os espaços de *coworking* na metrópole Curitiba faz referência ao NUC, contudo, além do município central, apenas São José dos Pinhais possui esta tipologia de empreendimento. Contudo, a quantidade não é comparável, como exemplo, o bairro que mais possui empreendimentos em Curitiba, tem um número maior de espaços de *coworking* que todo o município de São José dos Pinhais, o que reforça a centralidade exercida pelo centro metropolitano.

São José dos Pinhais tem destaque em estudos de centralidade no contexto da metropolização da região de Curitiba. Ferreira e Firkowski (2010) indicam que a primeira implantação de *Shopping Center* fora dos limites de Curitiba, se teve em São José dos Pinhais, no ano de 2009. Os autores indicam que esta distinção

[...] guarda íntima relação com os aportes econômicos recebidos pelo município, principalmente na década de 1990, quando foi contemplado com a localização das duas maiores montadoras de veículos do Estado, respectivamente Renault e AudiVolkswagen, o que desencadeou uma série de investimentos em comércio e serviços, além da adequação do Aeroporto Internacional de Curitiba, localizado em seus limites municipais. (FERREIRA; FIRKOWSKI, 2010, p. 8)

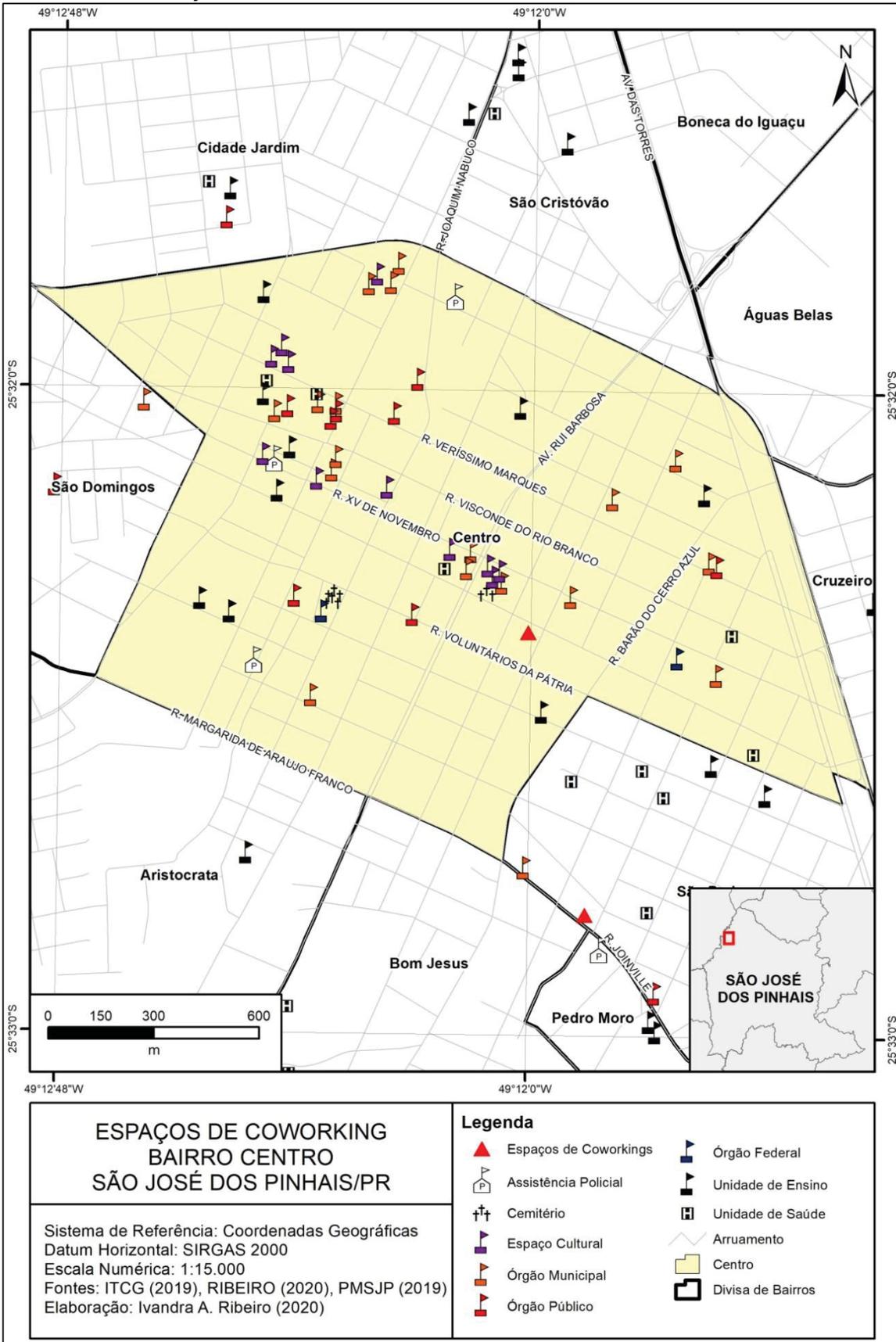
No município de São José dos Pinhais há um total de 4 espaços de *coworking*, no bairro Afonso Pena (figura 33) há dois espaços de *coworking*, os bairros Centro (figura 34) e São Pedro (figura 35) contam com um espaço cada, e todos são classificados como pertencentes à iniciativa privada e abertos ao público em geral.

FIGURA 33 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO AFONSO PENA - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.



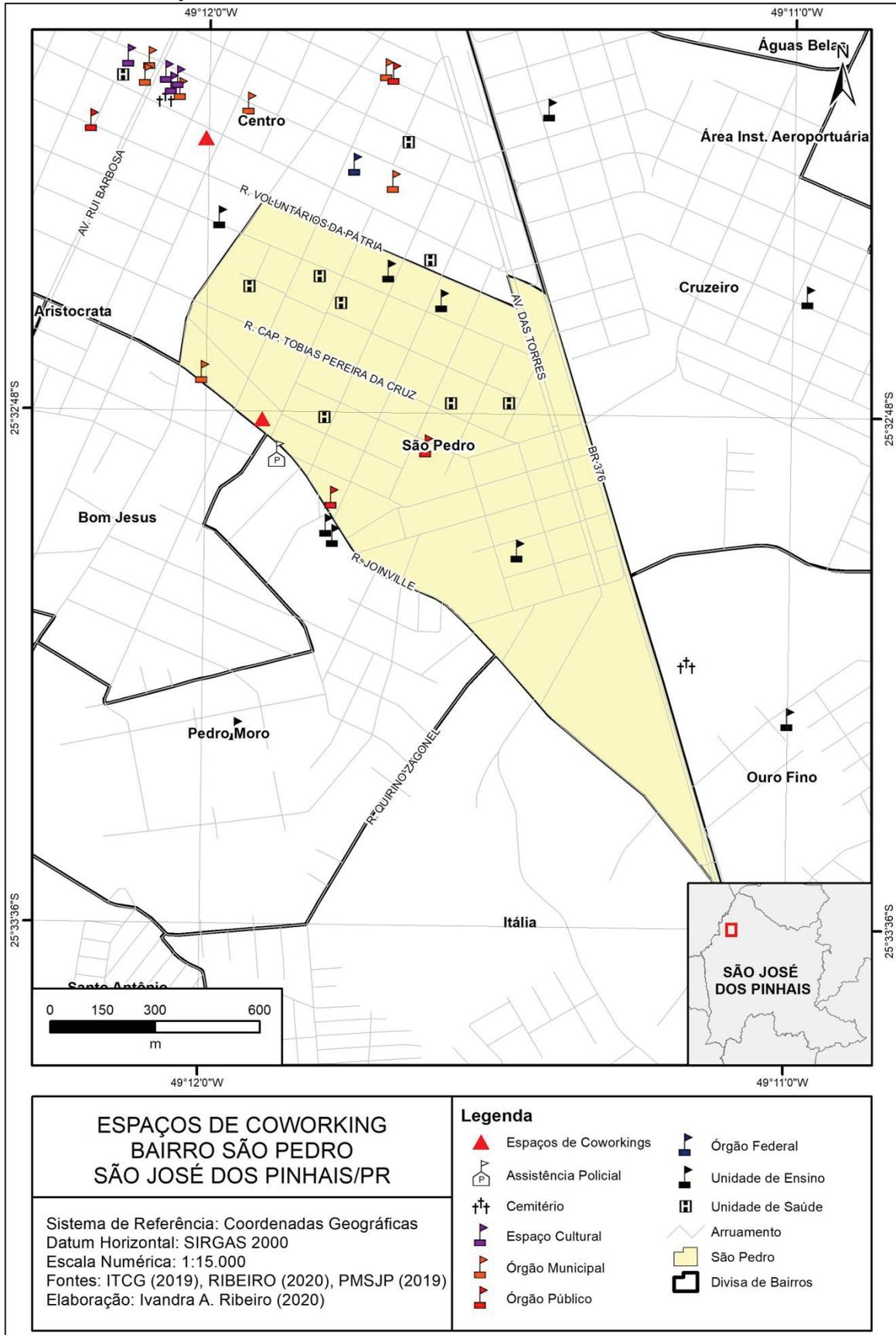
Org.: A autora (2020).

FIGURA 34 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO CENTRO - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.



Org.: A autora (2020).

FIGURA 35 - ESPAÇOS DE COWORKING NO BAIRRO SÃO PEDRO - SÃO JOSÉ DOS PINHAIS.



Org.: A autora (2020).

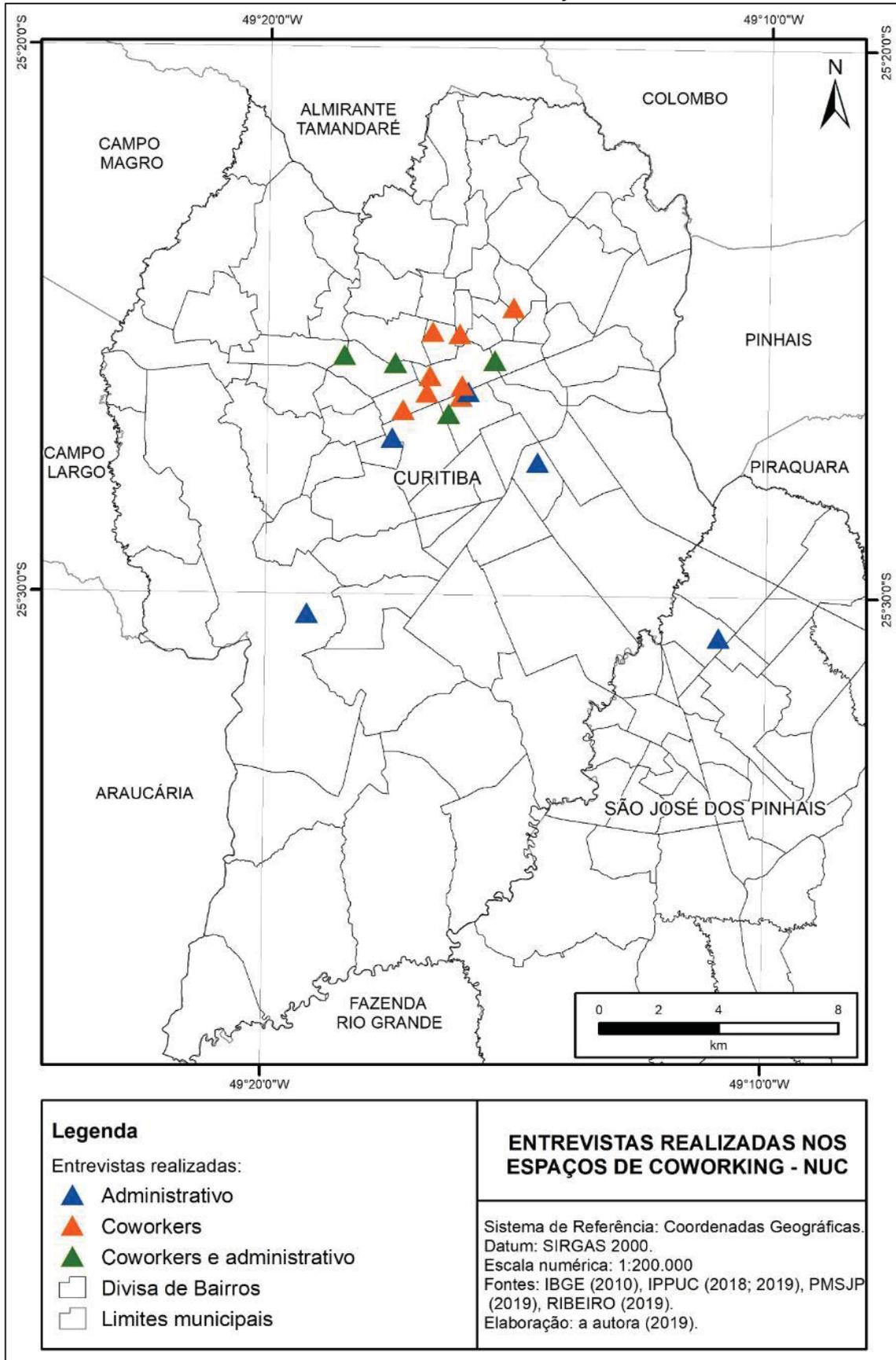
A localização dos espaços ocorre em duas dinâmicas, a primeira se refere ao bairro Afonso Pena, mais próximo da parte leste de Curitiba e ao Aeroporto Internacional Afonso Pena. Esta proximidade corresponde a uma forte motivação locacional, visto que um dos *coworkings* neste bairro é de uma empresa que possui um hotel boutique e um restaurante na mesma região, além da localização dos empreendimentos ser próximo à Av. Rui Barbosa, uma das principais vias de acesso da cidade, tanto ao Centro, quanto ao Aeroporto e também à Curitiba.

Os bairros Centro e São Pedro, que são limítrofes e com alta concentração de equipamentos urbanos, serviços e comércio, são bairros também relativamente próximos à Curitiba, contudo, a área central de São José dos Pinhais indica exercer influência para determinar a localização dos *coworkings*.

Com o intuito de compreender a realidade de Curitiba foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e coleta de dados em trabalho de campo, totalizando 10 entrevistas com a equipe administrativa dos espaços de *coworking* e 21 com *coworkers*. A amostragem de caráter não probabilístico e do tipo bola de neve – conforme apresentado anteriormente –, mostrou-se fundamental para o desenvolvimento de entrevistas com os *coworkers*, visto que estes constituem um público-alvo de difícil acesso, uma vez que durante a execução das entrevistas muitos entrevistados encontravam-se em horário de trabalho. Assim, a amostra ocorreu a partir da indicação de entrevistados, contudo não ocorreu a saturação como previsto na literatura e sim a outra possibilidade, as indicações cessaram, visto que os entrevistados nem sempre tinham uma próxima pessoa para indicar.

Foram entrevistados *coworkers* de 12 espaços de *coworking* distintos e 3 entrevistados trabalhando em escritórios compartilhados que não configuram *coworking*, contudo considerados no estudo pela especificação da amostragem. Apenas foram indicados *coworkers* que utilizavam espaços em Curitiba, já no caso da equipe administrativa dos espaços, foram 9 de Curitiba e 1 de São José dos Pinhais. O mapa dos locais em que foram realizadas entrevistas consta na Figura 36.

FIGURA 36 - ENTREVISTAS REALIZADAS NOS ESPAÇOS DE COWORKING NO NUC.



Org.: A autora (2020).

Estimou-se por uma distribuição espacial igualitária entre as regiões da cidade, contudo, as entrevistas com *coworkers* e com a equipe administrativa dependia da disponibilidade do entrevistado em interromper sua jornada de trabalho para responder as perguntas e, no segundo caso, dependia da receptividade e retorno das tentativas de contato com os administradores.

As seções 3.1. e 3.2. trazem os resultados obtidos com as entrevistas, separadas respectivamente, em entrevistas realizadas com as equipes administrativas dos espaços de *coworking* e em entrevistas realizadas com os *coworkers*.

3.1. ESPAÇOS DE COWORKING: UM PARALELO ENTRE A INICIATIVA PÚBLICA E A INICIATIVA PRIVADA

As entrevistas realizadas com as equipes dos espaços de *coworking* tiveram como questões norteadoras os motivos para ofertar esta tipologia de serviço, critérios de localização e questões operacionais de cada empreendimento, para mais especificações consultar o Apêndice 2. O contato com as equipes dos espaços de *coworking* resultou na realização de 10 entrevistas, a localização dos espaços consta na Figura 34 e sua especificação está no Quadro 3.

QUADRO 3 - LOCALIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DE COWORKING OS QUAIS AS EQUIPES FORAM ENTREVISTADAS.

Espaço de <i>coworking</i>	Localização	Classificação	Inauguração
Coletivos em movimento	Hugo Lange, Curitiba	Nichos	2018
<i>Mob Workspace</i>	Centro, Curitiba	Nichos	2016
<i>Impact Hub</i>	Alto da Rua XV, Curitiba	Público Geral	2011
Centro de Inovação - UTFPR	CIC, Curitiba	Universidades	Fase de implantação
Aldeia – Estação	Rebouças, Curitiba	Público Geral	2019
<i>Worktiba</i> – Barigui	Parque Barigui, Curitiba	Prefeitura	2017
<i>Guest Co Coworking</i>	Guabirota, Curitiba	Público Geral	2018
<i>Biosfera Coworking</i>	Mercês, Curitiba	Público Geral	2015
<i>Four Coworking</i>	Água Verde, Curitiba	Público Geral	2016
<i>SPACE 4 U Coworking</i>	Afonso Pena, São José dos Pinhais	Público Geral	2019

Org.: A autora (2020).

O espaço mais antigo iniciou suas atividades em 2009, completando mais de 10 anos da oferta deste serviço, sem contar possíveis espaços que não participaram das entrevistas. Anteriormente foi discutido que os primeiros *coworkings* surgem na Califórnia em 2005 (MORISSET, 2013), o que leva à conclusão de que o fenômeno não demorou para chegar em Curitiba, seja pelo

caráter inovador da cidade, seja pela popularização de novas formas de trabalho, e também está consolidado na cidade.

Os entrevistados dos espaços de *coworking* desempenham diferentes funções, visto que os mesmos têm a estruturação da equipe administrativa de forma distinta. Os espaços classificados como direcionados a nichos, o Coletivos em Movimento - Telhado Verde Itupava é estruturado a partir de gestores para cada área organizacional e por iniciativas. Possui gestores do espaço físico em si e atendimento ao público. O entrevistado possuía o cargo de Gestor de projetos de arte. Já o *Mob Workspace* é organizado a partir de um gestor geral e uma administradora, a entrevistada possui o cargo de Coordenadora de Eventos.

Ao tratar dos espaços classificados como direcionados ao público geral, o *Impact Hub* possui uma hierarquia horizontal de funções, sendo dividida em gestor, vendas, comunidade e comunicação, a entrevistada é vinculada a área de comunicação. A estrutura administrativa do *Guest Co Coworking* é baseada na empreendedora e em uma funcionária com função administrativa, que foi a entrevistada. A *Biosfera Coworking* possui um gestor, um analista e assistente administrativo, a entrevistada foi uma analista.

No *Four Coworking*, o entrevistado foi o CEO e a estrutura administrativa é composta pelo CEO, coordenadora de eventos e comunicação que também é sócia fundadora, pelos coordenadores financeiro e comercial e, por dois funcionários para recepção e atendimento comercial. No *SPACE 4 U Coworking*, o entrevistado foi o gerente, e além deste, o espaço conta com recepcionista. A estrutura administrativa do Aldeia – Estação é flexível, contando com uma liderança comercial, atendimento e questões operacionais, como um responsável pela infraestrutura, vendas, organização de cursos.

Sobre os espaços classificados como Universidades e Prefeitura, da iniciativa pública, o Centro de Inovação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR será organizado a partir de um diretor responsável, correspondendo a um docente, com os demais cargos a serem definidos. O *Worktiba* possui um gestor que é funcionário do Instituto Municipal de Administração Pública – IMAP e não atua de forma exclusiva no *coworking*.

As principais distinções do modelo de estrutura administrativas dos espaços de *coworking* estão entre os da iniciativa privada e os da iniciativa pública, visto que de forma geral, no primeiro caso, há uma função que corresponde a gestão geral e

alguns gestores para as demais áreas. Já no segundo caso, nos espaços das universidades os docentes estão envolvidos na gestão e nos da prefeitura, a gestão se tem a partir de um órgão público que não tem sua função exclusivamente voltada ao *coworking*.

Dois dos empreendimentos são classificados como direcionados a nichos, o Coletivos em Movimento - Telhado Verde é direcionado a Organizações da Sociedade Civil e tem o objetivo de ser uma incubadora e aceleradora destas organizações e de projetos sociais; e o *Mob Workspace* que atende também Organizações da Sociedade Civil e é concebido como uma casa cultural e espaço de trabalho colaborativo, direcionado às atividades dos nichos de economia e negócios, políticas públicas, saúde, artes, educação, gastronomia, comunicação e religião/espiritualidade.

O *Impact Hub*, outro *coworking* visitado, possui uma configuração diferenciada dos outros espaços, sendo integrante de uma rede global de *coworking* e classificado como pertencente à iniciativa privada e aberto ao público em geral. Possui em suas instalações empresas, *startups* ligadas a tecnologia, filiais de empresas multinacionais (sedes das empresas em países como Suíça e Espanha), arquitetos, advogados e profissionais ligados à área de comunicação.

Além do *Impact Hub*, o *Guest Co*, *Biosfera*, *Aldeia*, *Four* e *SPACE 4 U* são originados na iniciativa privada e abertos ao público em geral. O *Guest Co Coworking* tem como perfil de trabalhadores uma variação de áreas, como desenvolvimento de software, contabilidade, *coaching*, professores de idiomas e vendas, com uma faixa etária de 25 a 40 anos. A *Biosfera Coworking*, apesar de atender ao público em geral, funciona por indicação de pessoas para utilizar o espaço e a inspiração para o modelo de negócio foram *coworkings* estadunidenses.

No *Aldeia – Estação*, segundo o entrevistado, o perfil de profissionais é da faixa etária de 18 a 80 anos das mais variadas áreas de atuação, além de ter empresas instaladas no *coworking*, como o setor de tecnologia da informação de uma grande rede de hamburgueria. No *Four Coworking*, o perfil de trabalhadores é de autônomos e pequenas empresas, na faixa etária de 30 a 45 anos. E no *SPACE 4 U Coworking*, o perfil é de jovens empreendedores e profissionais autônomos.

Dos empreendimentos classificados como pertencentes à iniciativa pública, o Centro de Inovação da UTFPR e o *Worktiba* funcionam a partir de edital público e atendem a um público específico. No primeiro caso, o funcionamento do espaço

ocorrerá a partir de empresas ligadas à tecnologia desenvolvendo suas atividades no *coworking*, especificamente, engenheiros, graduados em base tecnológica, no formato conectividade 4.0. No segundo caso, o custo de locação é zero, o espaço não tem fins lucrativos, o objetivo é o empreendedorismo social, desenvolvimento tecnológico e ações ao cidadão para a cidade de Curitiba. O entrevistado afirmou que há o planejamento de inaugurar cerca de 10 unidades do *Worktiba* nos próximos anos.

O perfil dos trabalhadores que utilizam o *Worktiba* é de empreendedores de 30 a 40 anos que já tiveram outros empregos e levaram para o *coworking* ideias para desenvolver inovações. Para melhor compreensão acerca da participação no *Worktiba*, no edital aberto para a unidade cine passeio, as condições de participação são proponentes que se enquadrem como Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos, microempresa, microempreendedor e pessoa física que não seja servidora do município de Curitiba, que tenham uma proposta que se enquadre nos projetos da Agência Curitiba (2019), tais quais

5. GRUPOS DE PROJETOS DE INTERESSE ESPECIAL 5.1 Projetos Inovadores - projetos com aplicabilidade na gestão pública municipal de Curitiba, que proponham uma solução auxiliar, até então pouco explorada ou utilizada na gestão pública municipal. 5.2 Projetos com impacto relevante à sociedade – projetos que auxiliem o desenvolvimento das políticas públicas e programas desenvolvidos no município de Curitiba. 5.3 Projetos com relevante impacto ambiental - projetos que auxiliem a gestão ambiental da cidade, apresentando uma solução auxiliar ao plano de governo e projetos municipais. 5.4 Projetos vinculados aos objetivos de desenvolvimento sustentável (ONU) e/ou aos princípios de Governo Aberto ou Inovação Democrática - projetos voltados à implementação de algum dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU ou à implementação dos conceitos de Governo Aberto, quais sejam: transparência, participação, inovação e Prestação de Contas/Responsabilização, no âmbito da Administração Pública Municipal. 5.5 Projetos da área de Economia Criativa - profissionais, projetos e empresas que tenham o talento criativo como ativo econômico, desenvolvendo novas vertentes de negócios com inteligência social, competências interculturais, multidisciplinares/multilinguagem e potenciais coletivos. Têm como características a alta conectividade, presença tecnológica, colaboração e compartilhamento. Podem tratar de valores intangíveis e serviços, bem como de produtos e bens de consumo. Em função das características do espaço e necessidades do entorno se enquadram neste item, para fins da seleção prevista no item 6.2.2.5, projetos vinculados às seguintes áreas: AUDIOVISUAL, ARTES URBANAS, CULTURA ALIMENTAR, PRODUÇÃO CULTURAL, DESIGN, ARQUITETURA, MODA e PUBLICIDADE. (AGÊNCIA CURITIBA, 2019, p. 4)

A partir do público-alvo do espaço *Worktiba* é possível tecer relações com o capitalismo cognitivo, ligado às cidades criativas e cognitivas (ASCHER, 2010; MORISET, 2013; WATERS-LYNCH, 2016), principalmente por se tratar de uma

iniciativa da PMC, tornando clara a função que a metrópole desenvolve no contexto de inserir-se economicamente neste novo momento inovador e criativo. Considerando que o público alvo abrange desde questões sociais, ambientais e de interesse público no geral, destaca-se que é utilizado o termo economia criativa para um dos grupos de projetos.

A Agência Curitiba (2019) entende que economia criativa é composta por profissionais das áreas audiovisual, artes urbanas, cultura alimentar, produção cultural, *design*, arquitetura, moda e publicidade. Ascher (2010) entende por capitalismo cognitivo, como discutido anteriormente, atividades ligadas à produção de conhecimentos, informações e procedimentos, coincidindo com o que consta no edital para candidatar-se ao uso do *coworking*.

O principal diferencial entre o perfil de trabalhadores que utilizam os espaços de *coworking* da iniciativa pública e da privada, é que os empreendimentos do primeiro caso têm o acesso restrito (não deixando de ser também espaços direcionados a nichos específicos do mercado), com o uso de edital e modalidades de custos diferenciados no caso das universidades e da prefeitura com o custo sendo inexistente.

O perfil dos trabalhadores que optam por empreendimentos da iniciativa privada direcionados ao Público Geral é semelhante, alguns diferem em faixa etária, mas a variedade de área é comum a todos os entrevistados. A área de tecnologia aparece em 3 dos 6 espaços que se enquadram nesta categoria, e o maior número de usuários no geral são empreendedores, profissionais autônomos e microempresas.

Quanto à motivação para ofertar o serviço de *coworking* e a inspiração para a configuração do espaço em si, no caso dos empreendimentos direcionados à nichos, para o Coletivo em Movimentos - Telhado Verde Itupava a motivação foi a criação de uma Curitiba sustentável e evoluir no engajamento das pessoas por justiça social, especialmente no ramo dos negócios, e a inspiração foram Modelos da Cultural Verde Urbana, um movimento europeu que busca empreendedorismo sustentável. Para o *Mob Workspace* a iniciativa e a inspiração surgiram a partir do gestor, que objetivou reunir atividades ligadas à casa cultural para ofertar à cidade, bem como oferecer para Curitiba um espaço de trabalho colaborativo e parte do acompanhamento da cultura destes espaços desde que surgiram em Curitiba no

ano de 2008, com objetivo de ofertar o *coworking* para um nicho que entenda como esta tipologia de trabalho se articula.

No caso dos empreendimentos que atendem o público em geral, no *Impact Hub* a motivação foi criar um ambiente para uma comunidade colaborativa e conectada, com inspiração na rede de *coworking* a que são pertencentes, assim os espaços se configuram de acordo com a estrutura difundida globalmente, a rede é integrada a partir da associação de gestores, com o compartilhamento de informações, conteúdos e a realização de reuniões globais.

No Aldeia – Estação, a motivação está no *coworking* ser um “serviço do futuro”, uma alternativa do mundo real, custo benefício, incentivo às *startups*, infraestrutura, construção de networking e reconhecimento, a inspiração para o espaço veio de referenciais de Nova Iorque e Europa, na busca de trazer novidades. No *Guest Co Coworking*, a motivação está na oferta de serviços diferenciados, como treinamentos e cursos, a entrevistada não indicou nenhuma inspiração para o modelo de negócio.

Na Biosfera *Coworking*, a motivação está em criar uma facilitação para o cliente, com uma estrutura funcional e preços acessíveis, a inspiração para tanto, veio de referenciais estadunidenses. Para o entrevistado do *Four Coworking*, a motivação está em “mais do que trazer soluções para os *coworkers*, queremos impactar a sociedade com pensamentos mais humanizados e colaborativos”, o espaço não contou com inspirações, foi criado pensando “em como seria o espaço que gostaríamos de trabalhar”. Para o *SPACE 4 U Coworking*, as motivações são a facilidade e o preço, o entrevistado não indicou que houve inspiração em outros modelos.

No caso da iniciativa pública, para o Centro de Inovação – UTFPR a motivação para ofertar o serviço está em “trazer empresas para a dentro da universidade, por causa do recurso financeiro”, houve inspiração em modelos já existentes e em estudos realizados sobre *coworkings*, mas estima-se criar um novo modelo que seja funcional para a proposta da universidade. Para o *Worktiba* – Barigui, as motivações são “o desenvolvimento de *startups* inovadoras, diversidade de ideias e projetos, construir um *coworking* sem restrições com incentivo a inovações, apoio a ideias inovadoras e criar um ambiente para novas ideias”, como inspiração para proposta de modelo de *coworking* o entrevistado indicou a observação do sistema mundial.

Foi questionado aos entrevistados a relação do mercado de Curitiba e a instalação dos espaços de *coworking* na cidade, bem como motivos para a instalação do espaço no endereço atual. Quanto aos empreendimentos que atendem nichos, o entrevistado do Coletivos em Movimento - Telhado Verde Itupava indicou que “Em Curitiba os *coworkings* trabalham muito por indicação e por pequenas redes. Eles são muito ligados a amizades, cativos, especialmente os de pequeno porte, como o que trabalhei. Aldeia *Coworking* e *Nex*, por exemplo, são espaços para empresas com portes maiores e com mais aporte financeiro”, e sobre a localização do espaço, o diferencial foi ser “Ser na [rua] Itupava, que é um novo *point* da cidade”. Para o *Mob Workspace* “Curitiba é propícia para o surgimento de espaços de *coworking*, muitas pessoas fazem *home office* e necessitam dessa oferta” e sobre o motivo para a instalação no bairro Centro foi considerada a “localização central, visto que o espaço já foi localizado em outros lugares, como outro ponto na mesma rua e em outro bairro da região central”, com o privilégio do fácil acesso.

Para os empreendimentos que atendem ao público em geral, a entrevistada do *Impact Hub* respondeu que “Curitiba é um polo, nela é instalado o vale do pinhão, indústrias na RMC, o *coworking* segue esta tendência, a comunidade de Curitiba é engajada. O espaço de *coworking* promove ligação com a prefeitura no quesito inovação e criatividade” e sobre a localização no bairro Alto da XV “O complexo de Curitiba segue o padrão internacional da rede, e deveria ser instalada em um espaço moderno, aberto e de fácil acesso”. A visão do entrevistado do Aldeia – Estação sobre o mercado de Curitiba foi que “existe culturalmente a afirmação de o que se testa em Curitiba da certo no país”, a cidade tem a presença de *startups*, desenvolvimento de aplicativos, o que a torna um polo, assim, quanto à localização, é levado em consideração a mobilidade, a circulação de pessoas e lugares acessíveis, tanto para a sede Estação, como para a Aldeia.

A entrevistada do *Guest Co Coworking* não indicou nenhuma particularidade no mercado de Curitiba e quanto ao determinante de localização a resposta foi ser “próximo à casa dos donos”. A entrevistada da Biosfera *Coworking* também não indicou particularidades do mercado de Curitiba e sobre a localização a resposta foi o fato do espaço estar em uma “região nobre e com mobilidade”. O Four Coworking não indicou uma particularidade do mercado, mas respondeu que “o que influenciou no início foi nossa própria vontade de empreender e fazer a diferença no mundo”, e

quanto à localização a resposta foi “Além da excelente localização, na época verificamos que não haviam espaços de *coworking* próximos. Também é próximo a minha residência”. O entrevistado do *SPACE 4 U Coworking* respondeu negativamente ambas as perguntas.

Para os espaços da iniciativa pública, o entrevistado do Centro de Inovação – UTFPR indicou que “Curitiba tem a capacitação e formação de pessoas, um ecossistema de inovação”, para localização do *coworking* a opção partiu da disponibilidade de espaço no campus universitário. O entrevistado do Worktiba – Barigui, indicou que “Em Curitiba é muito caro manter um escritório particular. *Homeoffice* nem sempre é bem aceito pelo cliente, tornando o *coworking* uma alternativa econômica e profissional”, para localização o determinante foi “tornar útil uma sala subutilizada, um antigo depósito, o parque e a alameda em que está inserido o *coworking* contam com uma estrutura de apoio compartilhada e com mobilidade”.

Os espaços originados da iniciativa pública não possuem total liberdade de escolha para localizar os seus empreendimentos, visto que depende de espaços disponíveis em campus universitários, ou a aquisição de edificações ou o uso de salas subutilizadas para serem implantados.

Os empreendimentos da iniciativa privada valorizam uma boa mobilidade, localização central, espaços amplos, não apresentando muita distinção entre os que são direcionados a nichos e os que são direcionados ao público em geral. Atribui-se destaque a uma resposta relacionada à proximidade com a moradia dos empreendedores, que surgiu duas vezes, indicando que razões pessoais também interferem na dinâmica dos espaços.

Uma das questões direcionadas à equipe do *coworking* é a relação deles com o incentivo à construção de *networking*, a resposta dos entrevistados dos empreendimentos que atendem a nichos, foi para o Coletivos em Movimento - Telhado Verde Itupava “*Community Manager* cuida de verificar os talentos e apresentar quando parcerias são possíveis”. Para o *Mob Workspace* foi que “O *networking* acontece no ambiente, principalmente entre as bandas, de forma não intencional pela equipe administrativa. Ocorrem muitas indicações”.

A resposta dos entrevistados em espaços de *coworking* que atendem o público em geral, para o *Impact Hub* foi que “O hub promove o *networking* através de eventos, como a hora do café nas sextas-feiras, grupo em redes sociais, almoços

e *happy hour*, aniversariantes do mês, além de constituir um espaço colaborativo”. O entrevistado do Aldeia – Estação indicou que o incentivo é “muito presente, mas o *networking* é algo natural, que ocorre nos eventos, é inevitável”, o espaço incentiva promovendo “a quinta da pipoca, aulas culturais, de autoconhecimento, entre outros”. A entrevistada do *Guest Co Coworking* indicou que ocorre *networking* porque “tudo é pensado” para tal. A entrevistada do Biosfera *Coworking* respondeu afirmativamente para a construção de *networking*, e o incentivo ocorre através de “eventos, auditórios e o *brainstorming center*”. O entrevistado do Four Coworking respondeu afirmativamente, uma vez que “realizamos cafés, happy hours, temos toda semana o dia da pipoca, além de sempre buscar conectar interesses e apresentar as pessoas”. O entrevistado do *SPACE 4 U Coworking* indicou que não há incentivo ao *networking*.

Nos espaços da iniciativa pública, o entrevistado do Centro de Inovação – UTFPR respondeu que o “incentivo é da UTFPR a partir da sensibilização, levantamento de dados e pessoas chave”. O entrevistado do *Worktiba* respondeu que “há palestras semanais com temas para *startups* e projetos ligados às secretarias”.

No que se refere ao custo de aquisição do serviço, questiona-se se há diferenças entre os espaços localizados nos bairros de diferentes regionais, contudo realizar a comparação tornou-se inviável, uma vez que as modalidades de locação diferem de um espaço para o outro.

Nos espaços da iniciativa pública, no caso do *Worktiba*, não há custos, e no caso do Centro de Inovação - UTFPR, o entrevistado indicou que ainda não está em funcionamento, mas que as empresas pagariam uma taxa de utilização do espaço. O entrevistado do espaço Coletivos em Movimento – Terraço Verde Itupava não informou os valores de locação. Os dados referentes aos espaços da iniciativa privada que informaram os valores e modalidades de locação constam no quadro 4.

QUADRO 4 - MODALIDADES E VALORES DE AQUISIÇÃO DO SERVIÇO DE COWORKING.

Espaço de coworking	Bairro	Classificação	Modalidade	Valor
<i>Mob Workspace</i>	Centro, Curitiba	Nichos	Estúdio de música	R\$30/hora
			Sala de reunião	R\$50 a R\$100
			Auditório de eventos	A partir de R\$200
<i>Impact Hub</i>	Alto da Rua XV, Curitiba	Público Geral	Diárias	R\$60
			Planos mensais	R\$60 a R\$589
			Salas privativas (4 a 16 pessoas)	R\$2350 a R\$6000
			Eventos (reuniões/treinamentos)	R\$250/dia e R\$1150 auditório
Aldeia – Estação	Rebouças, Curitiba	Público Geral	Pessoa física: endereço comercial, sala de reunião, <i>coworking</i>	R\$299 a R\$449/mês
			Pessoa Jurídica: espaços amplos	R\$3 mil a R\$15 mil
<i>Guest Co Coworking</i>	Guabirota, Curitiba	Público Geral	Sala reunião	R\$30/hora
			Treinamento	R\$240/período
			<i>Coworking</i>	R\$200-400/mês
			Diária	R\$35
<i>Biosfera Coworking</i>	Mercês, Curitiba	Público Geral	Plano <i>Biofull</i> , horas ilimitadas	RR\$379/mês
			<i>Coworking</i> – 60h	269/mês
<i>Four Coworking</i>	Água Verde, Curitiba	Público Geral	Plano <i>new start</i>	R\$75,00/mês + valores referentes ao uso do espaço
			Plano 50h	R\$270,00/mês
			Plano 100h	R\$370,00/mês
			Plano <i>full time</i>	R\$490,00/mês
			Plano endereço fiscal	R\$89/mês
<i>SPACE 4 U Coworking</i>	Afonso Pena, São José dos Pinhais	Público Geral	Não informado	A partir de R\$199/mês

Org.: A autora (2020).

Uma das questões se referia ao capital inicial necessário para abrir um negócio como o *coworking*, contudo, alguns dos entrevistados não souberam e/ou não quiseram responder. No caso da iniciativa privada, os empreendimentos direcionados a nichos, no *MobWorkspace*, a entrevistada informou que o *coworking* existia em outro endereço, e para transferi-lo para o atual o capital necessário foi R\$5 mil, no bairro Centro. Nos espaços de coworking que atendem ao público em geral, no *Four Coworking*, no bairro Água Verde, Curitiba, o capital inicial necessário foi de R\$450 mil, mais capital de giro e no *SPACE 4 U Coworking*, no bairro Afonso Pena, São José dos Pinhais, o capital inicial necessário foi de R\$250 mil. O dado obtido a partir desta questão torna possível comparar o capital inicial necessário para abrir um empreendimento em um bairro da região central de Curitiba e um bairro afastado do centro de São José dos Pinhais, sendo quase 50% a menos do valor no segundo caso.

No caso da iniciativa pública, o entrevistado do Centro de Inovação – UTFPR, indicou que o capital inicial necessário para estruturar todo o complexo ao qual o *coworking* estará integrado foi de mais de R\$1 milhão apenas para infraestrutura, com o valor final podendo chegar até R\$4 milhões. Em contraponto,

no *Worktiba*, o entrevistado indicou que o custo foi zero, visto que ocorreu o reaproveitamento da infraestrutura e alguns dos móveis foram construídos de materiais reutilizados.

As principais distinções entre os espaços de *coworking* das diferentes categorias estão na escolha na localização, no custo envolvido para uso e para implantação e na forma de acesso ao serviço (por edital nos públicos). Contudo, as convergências são relevantes também, pois, de modo geral, todos são destinados a atender profissionais ligados à economia criativa.

3.2. COWORKERS: USUÁRIOS DE ESPAÇO DE COWORKING

As entrevistas realizadas com os *coworkers* buscaram compreender quem são os indivíduos que configuram os trabalhadores que têm acesso aos espaços de *coworking*, quais suas demandas e suas especificações no mercado de trabalho. Para mais detalhes consultar o Apêndice 1.

Os resultados obtidos com as entrevistas realizadas com *coworkers* complementam os dados obtidos com as equipes anteriormente mencionadas, visto que ajudam a compreender melhor a demanda do público-alvo dessas morfologias urbanas. O perfil profissional e o tipo de uso realizado pelos *coworkers* podem ser observados nos Quadros 5 e 6.

QUADRO 5 - USO DOS ESPAÇOS DE *COWORKING* PELOS ENTREVISTADOS.

E	Profissão	Tempo		Dias da semana							Modalidade	
		Diário	Semanal	D	S	T	Q	Q	S	S	Tarefas diárias	Reunião e atendimento
1	Eng. Civil	6h	30h		x	x	x	x	x*	+	x	
2	Jornalista	6h	30h		x	x	x	x	x	+	x	x
3	Gestor de Projetos	6h	12h		x	x	x	x	x	x	x	x
4	Programador	8h	40h		x	x	x	x	x		x	
5	Sócio de empresa	8h	40h		x	x	x	x	x		x	x
6	Designer de interfaces	8h	15h			x		x			x	
7	Gestora Ambiental/ Geógrafa	12h	50h		+	+	+	+	+	+	x	x
8	Assessora de imprensa	6h	30h		x	x	x	x	x		x	x
9	Des. De <i>software</i>	6h	12h			x		x				x
10	Org. da Soc. Civil	-	-		+	+	+	+	+			x
11	Diretor e pastor	8h/+	20h	+	x	x	x	x	x	+	x	x
12	Administradora de empresas	-	-		x	x	x	x	x		x	x
13	<i>Coach</i> e facilitadora de grupos	-	-			+	+	+				x
14	Sócio de empresa	8h	40h		x	x	x	x	x		x	x
15	Eng. Ambiental	6h	30h		x	x	x	x	x		x	x
16	Eng. Elétrica	6h	30h		x	x	x	x	x		x	x
17	Bióloga	6/7h	20h		x	x	x	x	x		x	x
18	Jornalista	6h	20h		x	x	x	x	x		x	-
19	Jornalista	8/10h	+50h	x	x	x	x	x	x	x	x	-
20	Funcionário empresa de <i>marketing</i>	8h	20h			x		x	x		x	x
21	Eng. Computação	+9h	+40h		x	x	x	x	x	x	x	x

Org.: A autora (2020). *uso do "x" para o dias fixos e "+" para dias esporádicos.

QUADRO 6 - PERFIL PROFISSIONAIS DOS COWORKERS.

E	Espaço de coworking	Tempo	Profissão	Formação	Início da atividade profissional	Espaço de coworking anterior
1	<i>HiPlace</i>	5 m	Estagiário	Graduando Eng. Civil	Em Espaço de <i>coworking</i>	<i>Nex Coworking</i>
2	Escritório compartilhado	6 m	Produção de conteúdo	Jornalismo	Escritório convencional	<i>Nex Coworking, Impact Hub</i>
3	<i>Legado Socialworking</i>	6 m	Gestor de projetos	-	<i>Homeoffice, escritório, autônomo</i>	-
4	Edifício <i>Golden Business</i>	4 a	Programador	Sup. Incompleto	Agência	-
5	Escritório compartilhado	3 a	Sócio de empresa	-	Escritório próprio	-
6	<i>Nex Coworking</i>	3 a	Assessora de Imprensa	Jornalismo	Redação jornal, salas locadas	-
7	<i>Legado Socialworking</i>	10 m	Coord. de atuação territorial	Gestão Ambiental	Escritório convencional	-
8	<i>Abrigo Maker</i>	6 m	Desen. De <i>Software</i>	Designer de <i>Software</i>	Empresas	-
9	Biosfera	2 a e meio	Designer de Interfaces	Designer de Interfaces	Agência	Aldeia
10	<i>Mob Workspace</i>	10 m	Organização da sociedade civil	-	Escritório convencional	-
11	<i>Mob Workspace</i>	3 m	Diretor e pastor	Gestão de TI	Escritório convencional	Desde 2004
12	<i>Mob Workspace</i>	1 a	Consultora de negócios	Administração de Empresas	Empresas, escritórios.	-
13	<i>Impact Hub</i>	2 a	Coach e facilitadora de grupos	Turismo	EC	<i>Casa das Startups</i>
14	<i>Impact Hub</i>	5 a	Sócio de empresa	-	EC	-
15	<i>Worktiba</i>	10 m	Cofundador empresa de eng.	Eng. Ambiental	<i>Homeoffice - CLT</i>	-
16	<i>Workitba</i>	2 m	Funcionário de empresa	Eng. Elétrica	<i>Coworking e escritório convencional</i>	Espaço convívio
17	<i>Worktiba</i>	5 m	Oferta cursos de meditação e trabalho	Bióloga, Me. e Dra. em Ciências Ambientais	<i>Homeoffice e EC</i>	-
18	Nova Letra e Biosfera	2 a	Produção de conteúdo	Jornalista	Agências	-
19	Aldeia	2 a	Produção de conteúdo	Jornalista, MBA em Comunicação Digital e E-Branding	Escritório próprio	-
20	Fábrica Fantástica e <i>Impact Hub</i>	2 m	Funcionário empresa de <i>marketing</i>	-	EC	-
21	<i>Brains Coworking</i>	1 a 6 m	Comércio de Tecnologia	Eng. da Computação	Escritório próprio e EC	-

Org.: A autora (2020).

A partir da análise dos Quadros 2 e 3, destaca-se que os profissionais que buscam estes espaços encaixam-se na área criativa. Três dos entrevistados iniciaram sua atuação profissional em espaço de *coworking* e cerca de metade utiliza o espaço em carga horária próxima à convencional. Isto indica que mesmo com a possibilidade de localização livre para realização do trabalho, existem fatores relevantes para que os profissionais busquem este ambiente de trabalho.

Destaca-se que 15 do total de 20 entrevistados possuem formação no ensino superior completa ou incompleta, o que mostra que o perfil profissional dos *coworkers* é de uma parcela privilegiada da população, com acesso à educação superior e maior possibilidade de escolha sobre o formato do seu ambiente de trabalho.

Cerca de 33% dos entrevistados iniciaram a atividade profissional em espaços de *coworking* e as áreas de atuação apesar de diversas, mostram que o que foi indicado na literatura, sobre a classe trabalhadora criativa, foi confirmado para o cenário de Curitiba. As áreas mais recorrentes foram Engenharia, com 4 entrevistados, Jornalismo, com 4 entrevistados e profissões ligadas à tecnologia, com 3 entrevistados.

Esses profissionais compõem o que Ascher (2010) denomina de capitalismo cognitivo. Nesta lógica, o que ocorre é a produção de conhecimento, informações e tecnologias, formando uma área de atuação com um valor difícil de ser medido, pela inovação e pelo ineditismo.

Na construção da síntese “Motivos apontados para os *coworkers* optarem por espaços de *coworking*”, algumas respostas semelhantes foram agrupadas a fim de maior clareza para sintetizar os resultados e podem ser encontradas no Quadro 7, os dados estão organizados em ordem de relevância.

QUADRO 7 - MOTIVOS APONTADOS PARA OS COWORKERS OPTAREM POR ESPAÇOS DE COWORKING.

Resposta agrupada	Resposta original	Total
<i>Networking</i>	“lugar para construir <i>networking</i> e clientes” (E2); “contato com outros profissionais” (E5); “oportunidade de <i>networking</i> ” (E6); “aproximação do mercado brasileiro” (E9); “fortalecer a divulgação” (E10); “possibilidade de negócio; integrar a rede <i>pix network</i> ” (E13); “ <i>networking</i> ” (E14; E20); “rede de relacionamentos (E15)	9
Interação e colaboração com pessoas	“Evitar a solidão” (E2); “não estar só” (E10); “rede de apoio” (E10); “ambiente colaborativo” (E8); “contato humano” (E9); “espaço colaborativo é atrativo” (E11); “interação; espaço compartilhado” (E13); “sair do <i>homeoffice</i> , ter contato com pessoas” (E17); “ambiente despojado e colaborativo” (E20)	9
Infraestrutura	“A empresa optou pelo espaço pelas vantagens e estrutura/espaço” (E1); “ambiente com toda infraestrutura necessária ao desempenho das atividades de uma assessoria de imprensa” (E6); “internet” (E8); “praticidade” (E10); “infraestrutura” (E15; E21)	6
Custo reduzido	“Custo reduzido de aluguel” (E4); “redução de custos” (E5); “valor mensal do espaço” (E6); “preço” (E14); “Principalmente em função do investimento aceitável para ter meu espaço de trabalho e pela praticidade. Já tive escritório e os preços eram muito altos. Como não tenho trabalho fixo, optei por utilizar <i>coworking</i> ” (E19); “custo operacional” (E21)	6
Outros	“missão e vocação pessoal; mesma visão de negócios que o gestor do espaço de <i>coworking</i> ” (E11); “proximidade casa/trabalho e comodidade da equipe” (E15); “facilidade de desenvolvimento da empresa” (E16); “barulho no prédio residencial e falta de rotina em casa para trabalhar” (E18); “flexibilidade” (E21)	5
Opção da empresa a qual sou contratado	“A empresa optou pelo espaço pelas vantagens e estrutura/espaço” (E1); “Minha ONG se instalou” (E3); “O espaço de <i>coworking</i> foi fundado para suprir a demanda da organização social a qual fui funcionária” (E7)	3
Total de entrevistados		21

Org.: A autora (2020).

As motivações que se destacam para a busca dos espaços de *coworking* são a “interação e colaboração com pessoas” e a possibilidade de construção de “*networking*”. Isso indica que a aglomeração ainda é significativa (STORPER; VENABLES, 2015), visto que os avanços tecnológicos e de comunicação podem suprir as necessidades de contato com as pessoas (videochamadas, compartilhamento de arquivos etc.), porém, ainda não se consolidaram como um

ambiente ideal para criar uma rede de colaboração e *networking*, mesmo que existam iniciativas como a rede social *Linkedin*, que tem como intuito a interação profissional.

Uma das questões versou sobre a percepção dos entrevistados a respeito da construção do *networking*, que foi uma resposta recorrente na pergunta sobre motivações para optar por esta tipologia de ambiente de trabalho. Assim, apenas duas respostas foram negativas (E9 e E18) e as demais tiveram justificativa pessoal de cada *coworker*, as respostas seguem organizadas no Quadro 8.

QUADRO 8 - VISÃO DOS COWORKERS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE *NETWORKING*.

Visão dos entrevistados sobre a construção de <i>networking</i> nos espaços de <i>coworking</i>	
E	Resposta
1	Sim, interação de várias áreas, <i>coworking</i> de nichos/setores cria contatos e clientes. No <i>Nex Coworking</i> acontecia mais do que no <i>Hi Place</i>
2	Sim, divulgação necessária, iniciativa, diversidade profissional
3	Sim, muito. Tomar café com pessoas, ouvir as ideias, compartilhar as atividades, pensar parcerias e desenvolver projetos é um fluxo muito natural em <i>coworkings</i> , a gente aprende muito com tudo e sempre sai coisa nova. Desde assessoria pra projetos que já estamos fazendo até encubação e <i>startup</i> de novos projetos que sairão de lá a partir das parcerias e conexões
4	Sim pois há muitas pessoas e negócios diferentes no ambiente do <i>coworking</i>
5	Sim, pois temos colegas de outras áreas que invariavelmente agregam experiências e também nos indicamos clientes
6	Principalmente <i>networking</i> , pois a gama de profissionais que utilizam o espaço favorece a integração. <i>Brainstorming</i> nem tanto, mas <i>bechmarking</i> sim
7	Sim, nos eventos, e abertura para novas organizações (<i>coworking</i> nichado, apenas para organizações sociais)
8	Sim, pessoas com o mesmo objetivo
9	Não
10	Sim, com certeza, motivos para estar neste espaço
11	Sim, o ambiente, as pessoas, a proposta do espaço
12	Sim, por causa das pessoas e das indicações
13	Sim, o espaço possibilita o <i>networking</i> , o <i>hub</i> promove eventos de interação
14	Sim, conheci meus sócios aqui
15	Pouco, o <i>coworking</i> não tem um grande número de frequentadores
16	Sim, pelas palestras promovidas no espaço e pela convivência
17	Sim, apesar de ter mais na outra sede do <i>coworking</i> , há a possibilidade de conhecer pessoas de outras áreas
18	Não
19	<i>Brainstorming</i> não. Eu evito conversar durante minha permanência na aldeia. Momentos de conversa eu tenho apenas nas pausas para cafés ou nas saídas quando negociamos caronas. <i>Networking</i> sim pois já fui indicado para trabalhos por diversos colegas. Eu também indico
20	Sim, pela conexão com pessoas que lá trabalham e pelo ambiente colaborativo
21	Sim, o <i>coworking</i> é uma rica fonte de <i>network</i> . Aqui no <i>Brains</i> você encontra vários nichos de mercado, aonde pode ou não agregar ao formato do seu negócio

Org.: A autora (2020).

A construção de *network* é um fator que faz com que os espaços de *coworking* se destaquem. O efeito disto é superar uma das principais barreiras dos

profissionais que trabalham de *homeoffice* e de forma autônoma. É uma construção de contatos profissionais, uma rede de indicações, que ultrapassa até mesmo as possibilidades de empresas convencionais, visto que a variedade de tipos de profissionais que um *coworker* tem acesso é maior que em agências e escritórios.

A penúltima questão foi referente à percepção dos entrevistados sobre as práticas e relações de trabalho que ocorrem nos espaços de *coworking* (Quadro 9), visto que estes espaços não seguem a configuração tradicional de empresas e escritórios, e também na maioria das vezes os *coworkers* não trabalham com colegas que possuem o mesmo chefe, por exemplo, e sim, são trabalhadores independentes que compartilham o mesmo espaço.

QUADRO 9 - VISÃO DOS COWORKERS SOBRE AS PRÁTICAS E RELAÇÕES DE TRABALHO NOS ESPAÇOS DE COWORKING.

E	Relações e práticas de trabalho
1	Os horários são flexíveis, mas tendem a desenvolver comportamentos <i>workaholics</i> . Relações mais rápidas, mais confiança na equipe. Mais empresas que pessoas no <i>Hi Place</i> .
2	Relações de trabalho são voltadas a desenvolver a amizade, pessoas passam pelos mesmos desafios e aproximam-se. Comportamento <i>workaholic</i> : não respeitando horários de trabalho
3	Acho que representam esse novo momento da sociedade, em que novas relações de trabalho existem e novos projetos são desenvolvidos. Tem uma lógica de apropriação do espaço muito focada em obter resultados e monetizá-los. Tem tendências de trabalho em horários flexíveis, porém, que demonstram o empenho de uma carga maior de horas.
4	Muito positivas pois muitas vezes alguém do próprio <i>coworking</i> acaba virando um fornecedor para serviços que você acabaria terceirizando.
5	No nosso caso são muito boas, com muito respeito.
6	Extremamente profissionais e éticas. Profissionais de uma mesma atividade convivem lado a lado sem o ranço da concorrência. As relações de trabalho visam, na maioria das vezes, o apoio mútuo
7	Como envolve organização social e a causa, a carga de trabalho é sobrecarregada, como ocorre no terceiro setor, a lógica opera com mais trabalho e menos recursos
8	Não respondeu
9	Então, eu sou basicamente um freelancer trabalhando sozinho. O <i>coworking</i> em si é apenas um espaço onde eu realizo minhas funções do trabalho com minha equipe, que não está alocada no mesmo espaço físico.
10	Relações colaborativas, aprendizado nas relações, troca e soma, tanto positivas quanto negativas
11	Aqui é pautado no relacionamento, quem usa o espaço tem amizade além do trabalho, funciona por indicação, uma relação orgânica
12	Práticas são mais de vida, não de negócios, amizade, relações duradouras que constroem e orientam. O ambiente não é só trabalho, preza pelo desenvolvimento de todos
13	Este espaço traz uma informalidade/leveza, deixa as relações mais leves. Sexta é promovida a hora do bolo, um espaço divertido, com público empreendedor, sem solidão
14	São orgânicas e aleatórias, um dia no café você pode encontrar um cliente ou até mesmo um sócio
15	Frio, não estimula as relações, não há muita troca devido a baixa frequência de pessoal
16	A estrutura não difere tanto de um escritório convencional
17	Boas relações
18	Não vi nada efetivo
19	É difícil visualizar relações de trabalho pois eu que faço meu horário. Por não trabalhar em empresa posso negociar o pagamento direto com o contratante
20	Mais humanas e reais
21	Excelente ambiente de trabalho, proporciona um grande <i>network</i> com os diversos formatos de negócio

Org.: A autora (2020).

A visão dos trabalhadores sobre as relações e práticas de trabalho envolve o fator da flexibilidade e de um ambiente informal ser propício à criação de vínculos,

sendo de modo geral positiva. Os *coworkers* que não tiveram uma visão totalmente positiva foram os que trabalhavam para empresas alocadas nos espaços de *coworking*, como os entrevistados 1 e 7, e também, foi apontada a questão da falta de controle da carga horária, que pode gerar uma sobrecarga de trabalho e comportamentos “*workaholics*”, incentivado pelo ambiente interno confortável e acolhedor destes espaços.

A última pergunta foi aberta e pediu para os entrevistados indicarem os pontos positivos e negativos dos espaços de *coworking* (Quadro 10), que foram apresentados no formato de respostas individuais uma vez que o ponto de partida para o que é positivo e o que é negativo é a percepção de cada entrevistado.

QUADRO 10 - PONTOS NEGATIVOS E POSITIVOS DE TRABALHAR EM ESPAÇOS DE COWORKING.

Pontos positivos e negativos dos espaços de <i>coworking</i> com base na resposta dos entrevistados		
E	Pontos positivos	Pontos Negativos
1	Estrutura, <i>facilities</i> e limpeza pensando na empresa. Pensando nas pessoas: <i>networking</i> , encontrar pessoas com habilidades diferentes, aprendizado	Falta de formalidade, sigilo/privacidade é difícil, sujeição às regras do espaço de convivência
2	<i>Networking</i> , estrutura sem preocupações, <i>facilities</i>	Ciclos: pessoas que você se identifica nem sempre permanecem, empresas grandes quebram a dinâmica do espaço, pessoas se fecham
3	Rede de contatos, fluxos, ideias, engajamento, animação e foco, disponibilidade de pessoas e assessorias, flexibilidade de horários, atividades diferentes	Não indicou
4	Variedade de pessoas, ideias e negócios presentes num ambiente compartilhado.	O principal ponto negativo tende ao problema de convívio e costumes de cada indivíduo, por exemplo, em relação à organização e barulho.
5	<i>Networking</i> , redução de custos, possibilidade de contato com profissionais de outras áreas	Preconceito de alguns clientes, necessidade de organização muito bem definida.
6	Valor da mensalidade, espaço amplo, arejado, muito bem planejado, equipamentos multimídia e salas de reunião à disposição, bom espaço para receber clientes e futuros clientes. No <i>Next</i> , há um café, o que facilita uma conversa informal.	Especificamente, o ponto negativo é a falta de estacionamento, mas isso é a consequência da quantidade de carros por habitante. Há uma variante que implica nas relações profissionais. Como o espaço é aberto e não há salas, por vezes alguns profissionais mais exacerbados acabam contaminando o ambiente. É preciso buscar, como tudo na vida, o ponto de equilíbrio. Por isso o café do espaço é fundamental. Funciona, também, como uma válvula de escape.
7	<i>Networking</i> , atingir mais pessoas (ONG), mais articulações, trocas no setor, ambiente agradável	Se não tiver um espaço pensado para a interação ela não ocorre, relações de trabalho são uma nova forma de precarização
8	Liberdade e ambiente colaborativo	Falta de disciplina

9	Liberdade de entrada e saída	Dependendo do tipo de pacote que você pega, o atendimento pode ser horrível com você.
10	Divulgação, soma, aprendizado, localização	Não há privacidade, difícil estabelecer limites
11	Ambiente colaborativo, relacionamentos, novas visões e pessoas	Pessoas não experimentarem
12	Pessoas, trabalhar junto, o ambiente, o acompanhamento	Não há
13	Interação, conhecer profissionais diferentes, <i>networking</i> , eventos, encontro global do <i>hub</i> , local descontraído, <i>facilities</i>	Difícil concentração, foco, privacidade, daria para incentivar mais o <i>networking</i> , as pessoas acabam se acomodando
14	Custo	Não achei ainda
15	Divisão dos custos, estimula a criatividade, <i>networking</i> , endereço comercial, nichos	Número limitado de pessoas na empresa, barulho e conversas paralelas
16	Localização em um parque, ambiente bom, conhecer pessoas, palestras, custo gratuito	Barulho e iluminação
17	Networking, saber atualidades, contato com investidores, visibilidade dos projetos	Convivência com pessoas, barulho, conversas paralelas
18	Organização e visual	Alguns são muito barulhentos (não lembro o nome da Joao Gualberto em frente hospital são Lucas, por exemplo. Lindo mas impossível se concentrar
19	Preço, endereço comercial bom, mobilidade	Muito barulho no espaço
20	Colaboratividade, custo acessível, conectividade, ambiente	Muita gente às vezes atrapalha, falta de privacidade
21	Flexibilidade na utilização do espaço	Limitação do espaço em alguns aspectos, exemplo questão de horário de funcionamento.

Org.: A autora (2020).

Os principais pontos negativos são a questão da convivência, no sentido de, como é um ambiente compartilhado, não há muita chance para interações sigilosas ou momentos de privacidade, bem como, as trocas entre pares incentivadas e destacadas nesse ambiente, ocorrem de forma verbalizada, sendo indicado pelos entrevistados que isso gera um ambiente de difícil concentração. A informalidade é apontada a partir da visão dos clientes, podendo gerar situações desconfortáveis pela falta de elementos comuns aos escritórios convencionais.

Os pontos positivos giram em torno do benefício ao ter os custos reduzidos para acessar um ambiente de trabalho, que tem diversas facilidades. E, mais uma vez, a questão do *networking* volta a ser pauta, uma vez que a maioria dos entrevistados se beneficia do contato com profissionais das mais diversas áreas e das indicações entre os pares para construção de clientela.

Os espaços de *coworking* em Curitiba, concentram-se no centro metropolitano, corroborando a questão levantada por Storper e Venables (2005), sobre a aglomeração manter a sua relevância. Os espaços também beneficiam uma parcela dos trabalhadores urbanos, visto que ao localizarem-se nas regiões centrais

e muitas vezes em pontos de fácil acesso para os moradores periféricos, estão distantes da periferia, podendo-se levantar o questionamento sobre qual parte da sociedade os espaços inteligentes buscam atender.

A partir das respostas obtidas com as entrevistas, os trabalhadores que buscam espaços de *coworking* se inserem na área de atividades criativas, como engenharia, comunicação, ramos da área de programação/tecnologia e ligados ao empreendedorismo. São profissionais que configuram uma transição entre o modelo antigo e tradicional de ambiente de trabalho, mas além disso, da forma que o trabalho é desenvolvido. Neste contexto, os *coworkers* demandam por espaços inteligentes, no sentido de facilidades, soluções práticas, ao mesmo tempo que produzem conhecimento, informação, tecnologias, que também são manifestações do tipo de inteligência inerente a estes espaços.

Uma das formas de se entender os espaços inteligentes, é a partir da concepção, do planejamento e do uso dos espaços de *coworking*. A inteligência presente nestes espaços está em todas estas etapas, seja na necessidade de projetar o *design* de salas específicas para atender a uma demanda de certa classe trabalhadora, seja na própria dinâmica do tipo de trabalho efetivamente desenvolvido nesses espaços.

Com o mapeamento dos *coworking* em Curitiba, torna-se possível compreender em que locais e de que forma ocorre na cidade a concentração deste tipo de inteligência, característica do período atual. A materialização desta forma de inteligência, nas lógicas do sistema capitalista, cria espaços compartilhados, porém, não obrigatoriamente colaborativos, pois neles é intrínseca a lógica do capital, em que há a oferta de um serviço com trocas financeiras, para atender uma demanda que cada vez mais crescente no período de expansão das tecnologias e da *internet*.

A partir dos resultados obtidos, conclui-se que Curitiba está inserida neste novo momento da economia e da sociedade, mesmo que a realidade em que o fenômeno do *coworking* surge, seja a do mundo desenvolvido. Os espaços de *coworking* representam em Curitiba uma forma de reprodução, no contexto da globalização, de fenômenos concebidos e pensados para uma realidade que não é a do mundo subdesenvolvido, contudo, adaptada e aceita amplamente na metrópole.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa partiu do pressuposto de que Curitiba se insere no novo momento da economia metropolitana a partir dos espaços de *coworking*, espaços inteligentes pensados a partir da lógica do compartilhamento. Buscou-se a compreensão sobre a forma destes espaços atenderem às novas demandas, tanto de empresas, quanto de trabalhadores independentes e autônomos, que se materializam em formas espaciais que encontram na metrópole, o lugar privilegiado para sua instalação.

A pesquisa estimou contribuir para o entendimento de uma das esferas do desenvolvimento da sociedade atual, bem como os aspectos econômicos da metrópole, em que se torna propício o surgimento de novas tipologias de espaço. Assim, a partir dos espaços de *coworking*, que surgem em um novo contexto de relações de trabalho e em um momento ao qual a economia absorve aspectos do compartilhamento. O compartilhamento surge em termos econômicos, inicialmente como uma alternativa ao sistema capitalista, pois, uma vez que você compartilha um bem, não há a necessidade de consumi-lo. Contudo, a literatura indica que esta lógica foi absorvida pelo capitalismo, sendo este o motivo da possibilidade de adquirir o serviço de *coworking*, de compartilhamento de veículos, de imóveis, permeados nas lógicas da precarização e exploração do capital.

Isto posto, destaca-se, para a análise de Curitiba, que os espaços de *coworking* não criam novas centralidades, contudo, eles reforçam as centralidades antigas, ou pode-se dizer, tem sua localização estabelecida a partir da centralidade do setor de serviços. Assim, as lógicas locacionais que explicam as dinâmicas da oferta de serviços, também são relevantes para entender os *coworkings*. Contudo, o *coworking* tem sua relevância crescente em Curitiba, desde a proposta do *Worktiba* pela PMC, ou pela expansão das unidades de empreendimentos da iniciativa privada, que indicam a composição de uma tipologia de serviço diferenciada.

O espaço de *coworking* é um exemplo de morfologia urbana que surge para quebrar o caráter generalista das teorias sobre a superação do lugar com os avanços tecnológicos. O lugar de fato é superado nas transações econômicas, na comunicação, contudo, o contato face a face mostra-se relevante, e o lugar que ele ocorre, principalmente em relação às demandas de uma sociedade inteligente, é na metrópole. Storper e Venables (2015) já afirmavam que a metrópole é o local da

inventividade e os espaços de *coworking* correspondem à uma das faces que possibilitam que esta inventividade ocorra nos atuais moldes de relações de trabalho.

O fenômeno dos espaços de *coworking* privilegia a metrópole, especificamente às suas áreas centrais, visto que apesar de ocorrer em outro município do NUC, é exacerbadamente desproporcional, o que faz com que estes não estejam no mesmo patamar. O centro metropolitano é o local em que ocorre a concentração dos estabelecimentos e das interações pessoais, como identificado através das entrevistas, reforçando a importância que a aglomeração de Storper e Venables (2015), bem como as limitações da tecnologia, que não supera as interações pessoais presenciais.

Um dos resultados obtidos surgiu a partir da comparação entre o capital necessário para abrir um espaço de *coworking* na região central da cidade de Curitiba e em regiões mais afastadas. A comparação entre o bairro Água Verde, em Curitiba, com o bairro Afonso Pena, em São José dos Pinhais, em que no primeiro caso o valor é cerca de 50% maior que no segundo, leva a ponderações sobre a localização dos estabelecimentos. Mesmo a um alto custo de implantação, o bairro Água Verde é o ponto de maior concentração de espaços de *coworking*, assim, estes espaços são projetados principalmente para a classe média, que detém o poder da escolha profissional e de locomoção, o que não é um privilégio das camadas de renda mais baixa.

A localização dos espaços de *coworking* apresenta maior relação com bairros de melhor acessibilidade, com maior presença de equipamentos urbanos, como shoppings centers, órgãos públicos e centros culturais, e principalmente, nos bairros que possuem uma maior concentração de serviços. Durante o mapeamento dos estabelecimentos, também se destacou a questão da priorização de locais com maior prestígio social, visto que um dos serviços ofertados é o de endereço comercial, assim, apesar de não ocorrer uma correlação direta com a renda, esta não deve ser descartada.

A partir dos dados analisados, compreende-se que a localização dos empreendimentos de *coworking* segue as lógicas e centralidades pré-existentes na metrópole, visto que os bairros que mais concentram espaços, já apresentavam notoriedade em centralizar a oferta de serviços e de empreendimentos formais de maneira geral em Curitiba.

No contexto de Curitiba, um terço dos entrevistados iniciaram suas atividades profissionais em espaços de *coworking* e considerando a predominância de profissionais ligados à área criativa, isto indica que o acesso a esses estabelecimentos se conforma em uma opção atrativa para quem se insere no mercado de trabalho. Além disso, também são uma forma de mercantilização das interações e relações pessoais, visto que os motivos mais mencionados para optar pela utilização destes espaços foram a ‘interação e colaboração com pessoas’ e a construção de ‘*networking*’, o que leva a relevância de um comentário feito pela entrevistada E1 menciona “o *coworking* é o futuro”.

Dentre as principais contribuições obtidas a partir da análise sobre quem utiliza os espaços de *coworking*, está a comprovação do que a literatura indicava sobre o perfil dos profissionais que utilizam essa nova morfologia de espaço de trabalho. São profissionais ligados ao capitalismo cognitivo e à indústria criativa, que utilizam os *coworkings* para interagir com profissionais das mais diversas áreas, para construção de *networking*, mas também pelo contato com pessoas no caso de profissionais autônomos. Contudo, o *coworking* é um ambiente que pode levar a precarização do trabalho, pois mesmo com o empreendedorismo, ou quando empresas tradicionais se instalam nos espaços, o ambiente criado é menos rígido, o que leva a menor controle sobre o tempo de trabalho.

Algumas das perguntas que levaram ao desenvolvimento da dissertação versavam sobre o grau de conexão de Curitiba a esse processo, principalmente pela caracterização desta metrópole como integrante do mundo subdesenvolvido. A realidade de Curitiba indica que, apesar do fenômeno dos espaços de *coworking* ter surgido em 2005 em um contexto geográfico do mundo desenvolvido, na cidade de São Francisco (EUA), o capitalismo e as lógicas da globalização, principalmente ao aspecto de homogeneização das cidades, fazem com que os moldes de serviços e atividades cheguem ao mundo subdesenvolvido.

Apesar das proporções em que o fenômeno se insere em Curitiba e em cidades como São Francisco serem distintas, e no segundo caso alguns autores indicarem que os estabelecimentos estão localizados em distritos, ou subúrbios criativos, no primeiro caso este fenômeno se manifesta de forma semelhante, visto que prioriza as áreas de concentração de oferta de serviços e os profissionais que possuem escolha e mobilidade para optar pela localização do seu local de trabalho. A distinção entre os dois cenários, é que em países subdesenvolvidos, não é a

maior parcela da população que detém a possibilidade de escolha, uma vez que cerca de 75% dos *coworkers* entrevistados em Curitiba possuíam formação no ensino superior completa ou incompleta, o que não reflete a realidade brasileira.

Os espaços de *coworking* em Curitiba são um dos fenômenos que integram a metrópole a este novo momento econômico e social do compartilhamento, contudo não são os únicos, visto que se observa esta tendência a partir de iniciativas como o *Uber* e o *AirBnB*. É na metrópole que existe o ambiente para que estas dinâmicas se materializem, assim, retoma-se outra pergunta de pesquisa, que versou sobre os espaços de *coworking* serem capazes de integrar as novas demandas e representarem uma nova forma de trabalho da sociedade metropolitana. Pode-se dizer que os espaços de *coworking* representam uma nova forma de trabalho quando o ponto de partida são as lógicas do compartilhamento e colaboração que foram absorvidas pela mercantilização do ambiente de trabalho e da interação interpessoal.

Eles assumem a função de atender a demanda de estrutura física, recursos humanos e de facilidades, para que as antigas formas de trabalho autônomo e/ou empreendedor se localizem no centro metropolitano. Assim, ocorre o cenário em que profissionais de distintas áreas, que não teriam contato nos moldes tradicionais de ambiente de trabalho, interajam, levando a uma nova dinâmica de relações pessoais e de uso do espaço possibilitada pelo contexto metropolitano.

Desta forma, esta nova morfologia urbana, acompanha o desenvolvimento da economia metropolitana, bem como, o atendimento às novas demandas de uma parcela privilegiada e dotada do poder de escolha da sociedade. Os *coworkings* são desenvolvidos para atender a uma necessidade recente, inicialmente no movimento do compartilhamento e colaboração como alternativa para o consumo e ao sistema capitalista, e posteriormente, quando passa a ser absorvida pelas lógicas do capitalismo e da mercantilização, busca suprir uma necessidade de interação pessoal apesar dos avanços tecnológicos de mobilidade quanto ao local de trabalho.

O desenvolvimento desta pesquisa contribuiu para retomar um dos aspectos relevantes sobre centralidade urbana e o processo de metropolização, que consiste na centralidade exercida pelas áreas centrais no surgimento de novas atividades, que posteriormente expandem para as áreas periféricas. No fenômeno analisado, os

espaços de *coworking*, e no recorte de análise, a metrópole de Curitiba entendida a partir do NUC, esse modelo mostra-se confirmado.

Reitera-se que a contribuição da presente pesquisa está em compreender a materialidade que os novos fenômenos assumem na metrópole, alterando o espaço geográfico nos moldes de demandas advindas de um novo momento econômico e social. Os espaços de *coworking* são os representantes de uma nova possibilidade de forma de trabalho, pautado em uma lógica que não existia anteriormente, e que é absorvida pelo capitalismo, buscando atender demandas particulares de forma coletiva, e desta forma, mercantilizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA CURITIBA. Perfil econômico da regional Boa Vista. Curitiba, 2017a.

_____. **Perfil econômico da regional Cajuru.** Curitiba, 2017b.

_____. **Perfil econômico da regional CIC.** Curitiba, 2017c.

_____. **Perfil econômico da regional Matriz.** Curitiba, 2017d.

_____. **Perfil econômico da regional Pinheirinho.** Curitiba, 2017e.

_____. **Perfil econômico da regional Portão.** Curitiba, 2017f.

_____. **Perfil econômico da regional Santa Felicidade.** Curitiba, 2017g.

_____. **Como funciona o Vale do Pinhão?** Site institucional. Disponível em: <<http://www.valedopinhao.agenciacuritiba.com.br/institucional>> Acesso: 11/06/2020.

_____. EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 01 de 2019.

ANTUNES, R. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In: ANTUNES, R.; SILVA, M. A. M. (Org.) **O avesso do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 13-27.

ARROYO, M. A globalização pensada a partir do espaço geográfico. In: MENDONÇA, F., LOWERSAHR, C. L., SILVA, M. da. (orgs.). **Espaço e Tempo: complexidades e desafios do pensar e do fazer geográfico.** Curitiba: Ademadan, 2009. p.479-496.

ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BRASIL. **LEI Nº 13.089, DE 12 DE JANEIRO DE 2015**. Institui o Estatuto da Metrópole, altera a Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, e dá outras providências.

BOUNCKEN, R. B.; CLAUß, T.; REUSCHL, A. J. Coworking-spaces in Asia: A business model design perspective. In: LI, J.; QIAN, G.; ZHOU, K. (Org.), **Proceedings of the SMS Special Conference**. 2016.

_____, REUSHL, A. J.; Coworking-spaces: how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship. **Rev Manag Sci**, 12:317–334, 2018.

CAMPOS, J. G. C.; TEIXEIRA, C. S.; SCHMITZ, A. Coworking Spaces: Conceitos, Tipologias e Características. V Congresso Internacional do Conhecimento e Inovação. **Anais...** 2013.

COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba. **Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Curitiba 2006**: propostas de ordenamento territorial e novo arranjo institucional. Curitiba: COMEC, 2006.

CONSTANTIOU, J. D., MARTON, A., TUUNAINEN, V. K. Four Models of Sharing Economy Platforms. **MIS Quartely Executive**. Janeiro, 2017.

DAVID, B., CHALON, R., YIN, C. Collaborative Systems & Shared Economy (Uberization): Principles & Case Study. 2016 International Conference on Collaboration Technologies and Systems (CTS). In: **Anais...** P. 57-63, 2016.

DÍ MEO, G. Introdução ao debate sobre a metropolização. **Confins** [on-line],n. 4, São Paulo, 2008, p. 2-11.

DUARTE, F.; CZAJKOWSKI JR., S. Cidade à venda: reflexões éticas sobre o marketing urbano. **Revista de Administração Pública - RAP**. Rio de Janeiro 41(2):273-82, Mar./Abr. 2007.

FERREIRA, A. G.; FERNANDES, F. A. ; HUÇULAK, J. A internacionalização de Curitiba: uma análise a partir de equipamentos urbanos de consumo e lazer. **Rev. GEOMAE**. V.2, n.e.1, p.17 - 35. Campo Mourão, PR, 2011.

FERREIRA, A. G.; FIRKOWSKI, O. L. C. F. A dinâmica dos shopping centers e sua concentração em Curitiba: uma análise geográfica. 8ª Bienal Del Coloquio De Transformaciones Territoriales. Territorios Y Territorialidades En Movimiento. **Anais...** Buenos Aires: 2010.

FERREIRA, C. M. F.; MARQUES, T.; GUERRA, P. A geografia da economia alternativa: os espaços de coworking na cidade do Porto. XI Congresso da Geografia Portuguesa. **Anais...** Porto: 2017.

FINATTI, R. Condomínios empresariais em áreas metropolitanas do estado de São Paulo: uma nova estratégia imobiliária. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Edição Especial, pp. 11 - 28, 2009.

FIRKOWSKI, O. L. C. de F. Internacionalização e Novos Conteúdos de Curitiba. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 107, p.- 93-107, jul./dez. 2004.

FLEMING, P. The Human Capital Hoax: Work, Debt and Insecurity in the Era of Uberization. **Organization Studies**, Vol. 38(5) 691–709, 2017.

HAMARI, J.; SJÖKLINT, M; UKKONEN, A. The Sharing Economy: Why People Participate in Collaborative Consumption. **Journal of the Association for Information Science and Technology** 67(9):2047-2059, 2016.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HEINRICHS, H. Sharing Economy: A Potential New Pathway to Sustainability. **Gaia**, 22(4), 228-231. 2013.

HELD, D.; MCGREW, A. An introduction to the Globalization Debate. **Cambridge: Polity Press**, 2000.

GASPARI, G. D. **Descentralização e formação de áreas de centralidade**: uma análise das dinâmicas de (re)estruturação do espaço urbano em Curitiba (PR). Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano. Curitiba, 2019.

GANDINI, A. The rise of coworking spaces: A literature review. **Ephemera: theory & politics in organization**. V. 15(1): 193-205, 2015.

GUEDES, A. L.; FARIA, A. Globalização e investimento direto estrangeiro: um estudo exploratório da indústria automotiva brasileira. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 19, p. 55-69, nov. 2002.

GUTTENTAG, D. A. **Why tourists choose Airbnb**: A motivation-based segmentation study underpinned by innovation concepts. Tese apresentada à Universidade de Waterloo como requisito para obter o grau de Doctor of Philosophy em Estudos de Recreação e Lazer. Waterloo, Ontario, Canada, 2016.

JAKONEN, M.; KIVINEN, N.; SALOVAARA, P.; HIRKMAN, P. Towards an Economy of Encounters? A critical study of affectual assemblages in coworking. **Scandinavian Journal of Management**. V. 33, p. 235–242, 2017.

KAMIENSKI, C. A.; SOUTO, E.; ROCHA, J.; DOMINGUES, M. A.; CALLADO, A.; SADOK, D. Colaboração na Internet e a Tecnologia P2P. XXIV Jornadas de Atualização em Informática. Congresso da SBC, p. 1407-1454. **Anais...** Julho de 2005.

KOJO, I.; NENONEN, S. Typologies for co-working spaces in Finland – what and how? **Facilities**, v. 34 n. 5/6, p. 302–313. 2016.

LENCIONI, S. Da metrópole como estratégia desenvolvimentista à metrópole como sobrevivida do capitalismo. In: PEREIRA, P. C. X. e HIDALGO, R. (org s .) . **Producción inmobiliaria y reestructuración metropolitana en América Latina**. Santiago do Chile: Alfabeta Artes Gráficas, 2008. p.41-53.

_____. **Metrópole, metropolização e regionalização**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

LIMA, C. A.; GADENS, L. N. Emergência de centralidades urbanas: espaços produzidos a partir de sistemas de mobilidade no Eixo Estrutural Sul de Curitiba. XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. **Anais...** São Paulo, 2017.

MARTIN, C. J. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism? **Ecological Economics**, Volume 121, jan./2016, p. 149-159.

MARTINS, A. C. T.; MIRANDA, M. G. Capital social, precarização e uberização do trabalho. **LexCult**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 93-108, set./dez. 2017.

MÉNDEZ, R. Redes de colaboración y economía alternativa para la resiliencia urbana: una agenda de investigación. **Biblio3W** - Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Vol. XX (1.139), 2015.

MERKEL, J. Coworking in the city. **Ephemera**, 15(2), pp. 121-139, 2015.

MORISSET, B. Building new places of the creative economy. The rise of coworking spaces. **Hal**. 2013.

MOSSATO, D. E. C. A internacionalização da economia urbana: uma análise do setor hoteleiro de Curitiba – PR. **Revista Eletrônica Geografar**. Curitiba, v.2, n.2, p.100-123, jul./dez. 2007.

NAM, T.; PARDO, T. A. Conceptualizing Smart City with Dimensions of Technology, People, and Institutions. The 12th Annual International Conference of Digital Government Research. **Anais...** College Park, MD, USA — June 12 - 15, 2011.

NERINCKX, S. The 'Uberization' of the labour market: some thoughts from an employment law perspective on the collaborative economy. **ERA Forum**. 17:245–265, 2016.

PARNREITER, C. Global Cities and the Geographical Transfer of Value. **Urban Studies**. Volume 54, Issue 12, set/2017.

PEARCE-NEUDORFF, J. Collaborative innovation: A shared discourse within Phnom Penh's coworking community? Malmö: Malmö University [Dissertação de mestrado]. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Administrações: Regionais. Site Institucional. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/o-que-sao-regionais/80>> Acesso em: 18/11/2020.

SALOVAARA, P. What can coworking movement tell us about the future of workplaces? In A. Ropo, P. Salovaara, E. Sauer, & D. de Paoli (Org.). **Leadership in spaces and places.** London: Edward Elgar. 2015.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial.** 2ª ed. Chapecó: Argos, 2010.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SASSEN, S. **As cidades na economia mundial.** São Paulo, Studio Nobel, 1998.

_____. **Sociologia da Globalização.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

SPINUZZI, C. Working Alone Together: Coworking as Emergent Collaborative Activity. **Journal of Business and Technical Communication** 26(4), p. 399-441, 2012.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A. et. al. **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2013.

STORPER, M.; VENABLES, A. J. O Burburinho: A força econômica da cidade. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (Org.) **Economia e Território.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7. Niterói: UFF, 2002.

TAYLOR, P. J. Specification of the world city network. **Geographical Analysis**. 33(2):181-194. April 2001.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Rev SOCERJ**. 20(5), p. 383-386. Set./out. 2007.

VINUTO, J. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

VOLOCHKO, D. **A produção do espaço e as estratégias reprodutivas do capital**: negócios imobiliários e financeiros em São Paulo. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.

WATERS-LYNCH, J.; POTTS, J. The social economy of coworking spaces: A focal point model of coordination. **Review of Social Economy**, 75 (4), 417–433, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - MODELO DE QUESTIONÁRIO USUÁRIOS COWORKING

Universidade Federal do Paraná
Programa de Pós Graduação em Geografia
Projeto de Pesquisa: Espaços de *coworking* e novas dinâmicas metropolitanas em Curitiba
Mestranda: Ivandra Alves Ribeiro, e-mail: ivv.alves@gmail.com, tel.: (41) 99613 7800.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Olga L. C. de Freitas-Firkowski

Espaço de *Coworking*: _____
Entrevistado (gênero): () Feminino () Masculino () Outro: _____

Data: ____/____/2020

Entrevista nº: _____

- 1) Qual sua faixa etária?
() Menos de 20: _____
() 20 - 25
() 26 - 30
() 31 - 35
() 36 - 40
() 41 - 45
() 46 - 59
() 60 ou mais: _____
() Não quis responder

2) Qual atividade você exerce no *coworking*? Qual a sua formação?

R: _____

3) Quais razões te levaram a optar por trabalhar em um espaço de *coworking*?

R: _____

4) Como você usa o espaço de *coworking* (ex.: para reuniões, diariamente, etc.) e quantas horas por dia/semana?

R: _____

5) Quais dias da semana você utiliza o espaço de *coworking*?

- Domingo
- Segunda-feira
- Terça-feira
- Quarta-feira
- Quinta-feira
- Sexta-feira
- Sábado

6) A quanto tempo você utiliza espaço(s) de *coworking*?

R: _____

7) Para você o espaço de *coworking* proporcionou a construção de *networking* e de *brainstorming*? Se sim, por que?

R: _____

8) Como você enxerga as práticas e relações de trabalho propiciadas neste ambiente?

R: _____

9) Você já atuou em outra modalidade de trabalho ou iniciou sua atuação profissional em espaços de *coworking*?

R: _____

10) Você já tinha trabalhado em *coworking* antes? Se sim, em qual e desempenhando qual função?

R: _____

11) Para você quais os pontos positivos e negativos de trabalhar em espaço de *coworking*?

R: _____

7) Vocês estão ligados à alguma rede nacional ou internacional, franquia ou são uma unidade autônoma de *coworking*?

R: _____

8) Como é a estrutura administrativa do espaço (ex.: existe gerente, recepcionista, etc.)? Qual a sua função desempenhada no *coworking*?

R: _____

9) Qual o capital inicial necessário para abrir um negócio como o *coworking*?

R: _____

10) Para qual demanda o espaço é mais procurado (ex.: reuniões, palestras, etc)?

R: _____
